

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

IVANETE MILESKI

**A ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS
NO PORTUGUÊS FALADO POR DESCENDENTES
DE IMIGRANTES POLONESES
EM VISTA ALEGRE DO PRATA – RS**

Porto Alegre
2013

IVANETE MILESKI

**A ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS
NO PORTUGUÊS FALADO POR DESCENDENTES
DE IMIGRANTES POLONESES
EM VISTA ALEGRE DO PRATA – RS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dr. Leda Bisol

Porto Alegre
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M643e Mileski, Ivanete

A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS / Ivanete Mileski. – Porto Alegre, 2013.

152 f.

Diss. (Mestrado) – Fac. de Letras, PUCRS.

Orientador: Profa. Dr. Leda Bisol.

1. Linguística. 2. Variação (Linguística).
3. Sociolinguística. 4. Vogais Médias Átonas Finais.
5. Vista Alegre do Prata-RS. I. Bisol, Leda. II. Título.

CDD 469.15

Bibliotecária Responsável: Dênira Remedi – CRB 10/1779

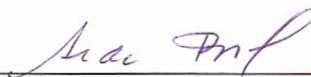
IVANETE MILESKI

**A ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS NO
PORTUGUÊS FALADO POR DESCENDENTES DE
IMIGRANTES POLONESES EM VISTA ALEGRE DO PRATA -
RS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 04 de janeiro de 2013

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Leda Bisol - PUCRS



Profa. Dra. Maria José Blaskovski Vieira - UFPEL



Profa. Dra. Cláudia Regina Brescancini - PUCRS

*Dedico esta dissertação aos meus pais,
Lourdes e Constante, que me apoiaram
em todas as tarefas a que me propus, e
depositaram seu carinho, tempo e amor
para construir nossa família.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de aprender, e, com isso, tornar-me melhor como pessoa e como profissional.

À professora Leda Bisol, pela orientação atenciosa, pelas pacientes explicações sobre Teoria da Variação, pelas aulas de fonologia, pelos ensinamentos ao longo do curso.

À professora Cláudia Regina Brescancini, pelas aulas esclarecedoras, pela oportunidade de participar do grupo de estudos sobre o Rbrul e pela contribuição no exame de qualificação desta dissertação.

À professora Valéria N. O. Monaretto, pelos ensinamentos na disciplina Teoria da Variação.

Às amigas e colegas Vanessa, Talita e Sidriana, com quem desfrutei meu primeiro almoço em Porto Alegre e de quem ouvi importantes palavras de incentivo durante o mestrado.

Às amigas e colegas Susiele, Ana Paula, Carla e Susana, pela acolhida, pelo aprendizado e pelos bons momentos de que pude desfrutar em sua companhia.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, carinho e compreensão.

Ao Dalcio, por sua compreensão, carinho e amor.

À minha irmã Mirta e ao meu cunhado Irani, pela amizade e pelo apoio ao longo de minha formação acadêmica.

Aos meus irmãos Elizete e Ademir, por seu carinho, amizade e parceria.

Aos meus sobrinhos Iuri e Ian, por tornarem minha vida mais alegre.

Aos meus informantes, por terem doado seu tempo e atenção e, assim, tornado possível a realização deste estudo. Minha profunda gratidão à informante CGM, que carinhosamente me acolheu e hoje não está mais entre nós.

À amiga e funcionária da Prefeitura Municipal de Vista Alegre do Prata, Simone Miotto, pela disponibilização de imagens e documentos do Arquivo Municipal.

À equipe de professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, pela disponibilidade habitual.

Ao CNPq, pela bolsa concedida, que permitiu minha dedicação exclusiva ao mestrado.

Hino de Vista Alegre do Prata

"Eterna Vista Alegre do Prata"

*Como prata reluzindo,
uma nova aurora viram despontar.
E, aos passos, ia surgindo
a maior razão de "far l'america".
Ítalos com fé em Deus
cortando vales e subindo serras,
sonhavam com a liberdade.
Ter suas famílias, nova pátria e
terra.*

Refrão:

*Azul, do sul, é o céu deste chão.
Vermelho é o sangue bravo da
gente,
e verde é a vida entre as matas.
Assim bate forte o meu coração,
ao cantar com o vista-alegrense
eterna Vista Alegre do Prata.*

*Mas o brilho atraiu
e outros imigrantes fez aparecer.
Poloneses iam chegando
e também buscando um lugar pra
viver.
Mãos juntas plantaram grãos
criando vidas do seu labor,
colhendo um povo forte
de raízes fundas e de muito amor.*

*O vista-alegrense margeia seus rios
até chegar às suas fontes.
Assim retorna às origens
para projetar melhor o seu
horizonte.
Caminha por aquela estrada
que como vai, volta também.
Italiano ou polonês,
aqui quem vive é feliz... Amém.*

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre a regra variável de elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata, cidade localizada na região Nordeste do Rio Grande do Sul. Com fundamentos em pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, realizaram-se 24 entrevistas de experiência pessoal com informantes representativos da comunidade, das quais provém a amostra. A análise estatística dos dados mostrou que a regra em foco neste estudo é de uso modesto na comunidade, sendo a elevação de /o/ mais frequente que a de /e/. Tiveram relevância para a elevação de /o/ átono final as variáveis linguísticas Tipo de Sílabas, Contexto Precedente, Contexto Vocálico da Sílabas Tônica, Contexto Seguinte, Localização da Vogal Átona na Palavra, e as variáveis extralinguísticas Faixa Etária, Ocupação Profissional e Escolaridade. Para a elevação de /e/ átono final, a análise estatística apontou como relevantes as variáveis linguísticas Classe Gramatical, Contexto Precedente, Localização da Vogal Átona na Palavra, Contexto Vocálico da Sílabas Tônica, e as variáveis sociais Escolaridade e Sexo.

Palavras-chave: Variação linguística. Vogais médias átonas finais. Vista Alegre do Prata-RS.

ABSTRACT

This work is the result of a research conducted on the variable rule of final unstressed mid vowel heightening in Portuguese spoken by Brazilian descendants of Polish immigrants in Vista Alegre do Prata, a town located in the northeastern region of Rio Grande do Sul. Based on the theoretical and methodological foundations given by Variational Sociolinguistics, 24 personal experience interviews with informants from the community were carried out, from where we collected the sample. The statistical analysis of data has shown us that the rule we focused on has a modest recurrence in the community, being the /o/ heightening more frequent than the /e/ heightening. The following linguistic variables were relevant to /o/ heightening: Syllable Type, Previous Context, Stressed Vowel Context, Following Context, Unstressed Vowel Location in the Word, and the extralinguistic variables Age, Job and Schooling. The statistical analysis revealed that the relevant linguistic variables for final unstressed /e/ heightening are Grammatical Class, Previous Context, Unstressed Vowel Location in the Word, Stressed Vowel Context, and the social variables Schooling and Gender.

Key-words: Linguistic variation. Final unstressed mid vowels. Vista Alegre do Prata-RS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vogais em posição tônica	19
Figura 2 - Vogais em posição tônica diante de nasal em sílaba seguinte.....	20
Figura 3 - Vogais em posição pretônica	20
Figura 4 - Vogais em posição postônica não final	21
Figura 5 - Vogais átonas finais	21
Figura 6 - Sistema vocálico do português	22
Figura 7 - Sistema vocálico pretônico do português	22
Figura 8 - Sistema vocálico postônico não final do português.....	23
Figura 9 - Sistema vocálico postônico final do português.....	23
Figura 10 - Representação autossegmental das vogais tônicas do português.....	24
Figura 11 - Localização de Vista Alegre do Prata - RS.....	59
Figura 12 - Vista aérea da cidade de Vista Alegre do Prata - RS.....	60
Figura 13 - Relação entre os informantes da pesquisa	68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência de aplicação da regra com a vogal /o/	90
Gráfico 2 - Elevação de /o/ átono final e Faixa Etária.....	101
Gráfico 3 - Frequência de aplicação da regra com a vogal /e/	106
Gráfico 4 - Elevação de /e/ átono final e Escolaridade.....	115
Gráfico 5 - Elevação de /e/ átono final e Sexo	117
Gráfico 6 - Elevação da vogal /o/ em P1 e P2.....	127
Gráfico 7 - Elevação da vogal /e/ em P1 e P2	128
Gráfico 8 - Resultados para Contexto Precedente em P1 e P2: vogal /o/.....	129
Gráfico 9 - Resultados para Contexto Precedente em P1 e P2: vogal /e/.....	130
Gráfico 10 - Resultados para Florianópolis e Porto Alegre: vogais finais.....	132
Gráfico 11 - Resultados de P3 e P6 para Flores da Cunha e Chapecó: vogal /e/	133
Gráfico 12 - Resultado para Curitiba em P6 e P8: vogal /e/.....	134
Gráfico 13 - Contexto Vocálico em P3, P6 e P8: vogal /o/	135
Gráfico 14 - Tipo de Sílabas em P3, P6 e P8: vogal /e/	136
Gráfico 15 - Contexto Precedente em P6 e P8: /o/ não final.....	136
Gráfico 16 - Contexto Precedente em P6 e P8: /e/ não final	137
Gráfico 17 - Tipo de Sílabas em P3, P6, P7 e P8: /e/ final	139
Gráfico 18 - Resultados para Contexto Vocálico em P3, P6, P7 e P8: /o/ final.....	140
Gráfico 19 - Contexto Precedente em P6, P7 e P8: /o/ não final.....	140

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fatores relacionados a cada entrevista	64
Quadro 2 - Composição das células	67
Quadro 3 - Distribuição dos dados e aplicação entre Contexto Precedente e Classe Gramatical - vogal /o/.....	84
Quadro 4 - Distribuição dos dados e aplicação entre Contexto Seguinte e Classe Gramatical - vogal /o/	85
Quadro 5 - Comportamento do fator numeral (variável Classe Gramatical) nos 8 primeiros níveis.....	87
Quadro 6 - Distribuição dos dados e frequência de aplicação para os fatores de Classe Gramatical e Tipo de Sílabas	88
Quadro 7 - Distribuição dos dados de /o/ átono final - Contexto Seguinte e Tipo de Sílabas.....	97
Quadro 8 - Comportamento dos fatores da variável Escolaridade (peso relativo) - vogal /o/.....	103
Quadro 9 - Distribuição dos dados entre Escolaridade e Faixa Etária - vogal /o/.....	104
Quadro 10 - Distribuição entre os fatores de Classe Gramatical e Contexto Precedente.....	109
Quadro 11 - Pesquisas consideradas na revisão	125
Quadro 12 - Características das amostras de P1 e P2.....	126
Quadro 13 - Variáveis independentes linguísticas controladas em P1 e P2.....	126
Quadro 14 - Características das amostras de P3, P6 e P8	131
Quadro 15 - Variáveis linguísticas controladas em P3, P6 e P8.....	134
Quadro 16 - Características das amostras de P4, P5 e P7	138

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Total de aplicação da regra no estudo de Bisol (1981)	42
Tabela 2 - Elevação de /o/ átono final e Classe Gramatical	86
Tabela 3 - Elevação de /o/ átono final e Classe Gramatical - rodada sem Contexto Precedente	87
Tabela 4 - Resultados do cruzamento entre Tipo de Sílabas e Classe Gramatical – vogal /o/ ..	89
Tabela 5 - Elevação de /o/ átono final e Tipo de Sílabas	92
Tabela 6 - Elevação de /o/ átono final e Contexto Precedente	93
Tabela 7 - Elevação de /o/ átono final e Contexto Precedente - sem vocábulo "acho"	94
Tabela 8 - Elevação de /o/ átono final e Contexto Vocálico da Sílabas Tônicas	95
Tabela 9 - Elevação de /o/ átono final e Contexto Seguinte.....	96
Tabela 10 - Elevação de /o/ átono final e Contexto Seguinte - rodada sem Tipo de Sílabas.....	97
Tabela 11 - Elevação de /o/ átono final e Localização da Vogal Átona na Palavra.....	99
Tabela 12 - Elevação de /o/ átono final e Distância da Sílabas Tônicas	100
Tabela 13 - Elevação de /o/ átono final e Faixa Etária.....	101
Tabela 14 - Elevação de /o/ átono final e Ocupação Profissional	102
Tabela 15 - Elevação de /o/ átono final e Escolaridade.....	103
Tabela 16 - Resultados para cruzamento entre Faixa Etária e Escolaridade - vogal /o/.....	105
Tabela 17 - Elevação de /e/ átono final e Classe Gramatical	108
Tabela 18 - Elevação de /e/ átono final e Classe Gramatical - Rodada sem Contexto Precedente.....	109
Tabela 19 - Elevação de /e/ átono final e Contexto Precedente	110
Tabela 20 - Elevação de /e/ átono final e Contexto Precedente sem o fator vogal alta.....	111
Tabela 21 - Elevação de /e/ átono final e Localização da Vogal Átona na Palavra	112
Tabela 22 - Elevação de /e/ átono final e Contexto Vocálico da Sílabas Tônicas.....	113
Tabela 23 - Elevação de /e/ átono final e Escolaridade.....	114
Tabela 24 - Elevação de /e/ átono final e Sexo.....	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	17
1.1 CONSIDERAÇÕES DIACRÔNICAS.....	17
1.2 A VISÃO ESTRUTURALISTA DE CÂMARA JR.....	19
1.3 A PERSPECTIVA GERATIVISTA DE LOPEZ (1979).....	21
1.4 PERSPECTIVA DA FONOLOGIA NÃO LINEAR	24
1.5 PERSPECTIVA DA TEORIA DA OTIMIDADE.....	31
2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	35
2.1 MUDANÇA LINGUÍSTICA E MODELOS TEÓRICOS.....	35
2.2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	37
2.2.1 Questões inerentes ao estudo da mudança linguística.....	39
2.2.2 Coleta de dados e estratégias de análise	40
2.3 ELEVAÇÃO VOCÁLICA NO RIO GRANDE DO SUL: ESTUDOS VARIACIONISTAS.....	41
2.3.1 Elevação da pretônica	41
2.3.2 Elevação da postônica	45
3 METODOLOGIA.....	58
3.1 A COMUNIDADE.....	58
3.1.1 Aspectos históricos, geográficos, econômicos e culturais de Vista Alegre do Prata - RS	58
3.2 COLETA DE DADOS	63
3.2.1 Constituição da amostra	65
3.2.2 Critérios para seleção dos informantes	69
3.3 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS	69
3.3.1 Variável dependente	70
3.3.2 Variáveis independentes linguísticas	70
3.3.2.1 Contexto Precedente.....	71
3.3.2.2 Contexto Seguinte.....	71
3.3.2.3 Contexto Vocálico da Sílabas Tônica	72
3.3.2.4 Localização da Vogal Átona na Palavra.....	73
3.3.2.5 Tipo de Sílabas.....	73
3.3.2.6 Distância da Sílabas Tônica	74
3.3.2.7 Classe Gramatical.....	74
3.3.3 Variáveis independentes extralinguísticas	75
3.3.3.1 Sexo	76
3.3.3.2 Faixa Etária.....	76
3.3.3.3 Escolaridade.....	77
3.3.3.4 Ocupação Profissional	78
3.3.3.5 Local de Residência.....	79

3.4 CODIFICAÇÃO DOS DADOS	79
3.5 INSTRUMENTO DE ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	80
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	83
4.1 ANÁLISE DA ELEVAÇÃO DE /o/ ÁTONO FINAL	90
4.1.1 Frequência global de aplicação – vogal /o/	90
4.1.2 Variáveis selecionadas.....	91
4.1.2.1 Variáveis linguísticas.....	92
4.1.2.1.1 <i>Tipo de Sílabas</i>	92
4.1.2.1.2 <i>Contexto Precedente</i>	93
4.1.2.1.3 <i>Contexto Vocálico da Sílabas Tônica</i>	95
4.1.2.1.4 <i>Contexto Seguinte</i>	96
4.1.2.1.5 <i>Distância da Sílabas Tônica</i>	99
4.1.2.2 Variáveis extralinguísticas.....	100
4.1.2.2.1 <i>Faixa Etária</i>	100
4.1.2.2.2 <i>Ocupação Profissional</i>	102
4.1.2.2.3 <i>Escolaridade</i>	103
4.2 ANÁLISE DA ELEVAÇÃO DE /e/ ÁTONO FINAL.....	105
4.2.1 Frequência global de aplicação – vogal /e/	106
4.2.2 Variáveis selecionadas.....	107
4.2.2.1 Variáveis linguísticas.....	108
4.2.2.1.1 <i>Classe Gramatical</i>	108
4.2.2.1.2 <i>Contexto Precedente</i>	110
4.2.2.1.3 <i>Localização da Vogal Átona na Palavra</i>	112
4.2.2.1.4 <i>Contexto Vocálico da Sílabas Tônica</i>	113
4.2.2.2 Variáveis extralinguísticas.....	113
4.2.2.2.1 <i>Escolaridade</i>	113
4.2.2.2.2 <i>Sexo</i>	116
5 APONTAMENTOS SOBRE O SISTEMA VOCÁLICO DO POLONÊS	118
6 ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS POSTÔNICAS NO SUL DO BRASIL:	
TENTATIVA DE GENERALIZAÇÃO	125
6.1 RESULTADOS GENERALIZÁVEIS QUE A PRESENTE PESQUISA CONFIRMA.	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS	145
APÊNDICES.....	150
APÊNDICE A – Ficha social	151
APÊNDICE B – Roteiro para realização da entrevista	152

INTRODUÇÃO

Este estudo insere-se na área temática da Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista, e tem por objetivo descrever e analisar a regra variável de elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata - RS.

O município de Vista Alegre do Prata localiza-se na região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Na fala de seus habitantes, nota-se o pouco uso da regra de elevação das vogais médias em posição átona final; palavras como *sangue* e *bolo*, diferentemente do que se encontra na fala de metropolitanos, em que se realizam as formas com elevação das médias átonas finais, sangu[i] e bol[u], no português falado em Vista Alegre do Prata ocorre frequentemente a preservação das vogais médias, portanto, sangu[e] e bol[o]. Este é um dos aspectos que diferencia o dialeto vista-alegrense do dialeto gaúcho metropolitano; não há, no entanto, nenhuma pesquisa sociolinguística sobre o português falado em Vista Alegre do Prata, o que justifica este estudo.

Os estudos de Schmitt (1987), Vieira (1994, 2002, 2010), Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001) e Machry da Silva (2009) apontam condicionamentos linguísticos e sociais para a regra de elevação das vogais médias postônicas em diferentes localidades do Rio Grande do Sul. Fundamentamo-nos nessas pesquisas para a escolha das variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas nesta amostra.

A amostra é constituída por dados de fala de 24 informantes, estratificados por sexo, faixa etária e escolaridade. Todos os informantes são filhos de pessoas de Vista Alegre do Prata, viveram ao menos 2/3 de sua vida no município e têm pai e mãe descendentes de imigrantes poloneses. A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevista de experiência pessoal.

Espera-se, portanto, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação, verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Vista Alegre do Prata - RS.

Tem-se como hipótese que, à semelhança de comunidades bilíngues português-italiano, a fala da localidade apresente uso modesto de elevação das vogais médias átonas finais.

A dissertação está organizada em 6 capítulos. No primeiro, apresentam-se os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa. O segundo capítulo aborda aspectos fundamentais da Sociolinguística Variacionista e apresenta uma revisão de estudos

variacionistas sobre elevação vocálica no Rio Grande do Sul. O capítulo 3 é composto pela metodologia do estudo: aspectos sobre a comunidade onde os dados foram coletados, características da amostra, descrição das variáveis linguísticas e sociais controladas na pesquisa e esclarecimentos sobre o programa de análise estatística dos dados. O capítulo 4 apresenta os resultados referentes à elevação das vogais médias átonas finais na comunidade de fala em estudo, bem como a discussão de tais resultados. No quinto capítulo realiza-se uma breve discussão sobre o sistema vocálico do polonês e sobre características morfológicas do italiano e do dialeto vêneto falado na comunidade. O capítulo 6 apresenta uma generalização dos resultados obtidos até o momento em diferentes pesquisas que analisaram o fenômeno de elevação das vogais médias postônicas no Rio Grande do Sul. A última seção diz respeito às considerações finais deste estudo.

1 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo abordaremos o sistema vocálico do português brasileiro. Primeiramente serão apresentados aspectos diacrônicos acerca do sistema vocálico da língua portuguesa, seguindo-se os aspectos sincrônicos sob a perspectiva estruturalista, gerativista, não linear e da teoria da otimidade.

1.1 CONSIDERAÇÕES DIACRÔNICAS

É fato consagrado que, no decorrer dos tempos, as línguas passam por mudanças em todos os seus domínios – fonético/fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático. Na língua portuguesa, ao longo de sua história, especificamente em seu sistema vocálico, vários processos ocasionaram mudanças até chegar ao sistema que se verifica atualmente.

Desde a mudança do latim clássico para o latim vulgar tem-se notícia sobre alterações envolvendo as vogais. Segundo Ilari (2007, p. 72), o latim clássico apresentava um sistema vocálico de cinco elementos – a, e, i, o, u – que poderiam ser longos ou breves; a duração das vogais no latim clássico era fonológica e diferenciava palavras. A palavra *populum*, pronunciada com *o* breve, significava *povo*, e a palavra *pōpulum*, pronunciada com *o* longo, significava *choupo*. Na mudança do latim clássico para o latim vulgar, as diferenças de duração deram lugar a diferenças de abertura, e o sistema vocálico passou a apresentar sete fonemas – /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ –, que foram preservados na passagem para o português (COUTINHO, 1970, p. 102).

Na mudança do latim para o português, conforme Coutinho (1970, p. 102-107), várias mudanças puderam ser observadas nas vogais, especialmente na pauta átona. Em posição pretônica, embora o autor ressalte que essas vogais são mais resistentes a processos, são encontrados casos de queda da vogal inicial, quando desapoiada, ou seja, sem *onset* silábico, como *epigru* > *prego*, *inamorare* > *namorar*, e também quando em posição não inicial, mas adjacente à sílaba tônica, como *verecundia* > *vergonha*, *aperire* > *abrir*. Em posição tônica, segundo o autor, as vogais se mantêm do latim para o português, e os casos de mudança são atribuídos a processos de assimilação, como *fame* > *fome*, em que /a/ passa a /o/ por influência das consoantes labiais. As vogais em posição postônica não final, exceção feita à vogal *a*, caem frequentemente, como atestam os exemplos *viride* > *verde*, *manica* > *manga*, transformando proparoxítonas em paroxítonas. Em posição postônica final são atestadas duas

mudanças: as vogais *i* e *u* modificam-se respectivamente para *e* e *o*, como se pode ver nos exemplos *dixi* > *disse*, *metu* > *medo*; e a vogal *e* cai quando em posição final e antecederida por *r*, *l*, *s*, *z*, *n*, ou seja, quando o segmento precedente à vogal final pode ser coda de sílaba, como se verifica em *amore* > *amor*, *fidele* > *fiel*, *cruce* > *cruz*, *bene* > *bem*.

Segundo Silva Neto (1992, p. 609), desde tempos antigos várias flutuações caracterizam a pronúncia das vogais átonas da língua portuguesa. Na pauta pretônica, o autor apresenta exemplos de palavras que, na evolução do português, tiveram sua vogal alterada por processos de alçamento, como *fogir* > *fugir*, *molher* > *mulher*, *vertude* > *virtude*. Em se tratando da posição postônica final, o autor acredita que a vogal *o* era pronunciada como [u] ainda antes do século XVI; para isso fundamenta-se, entre outros aspectos, em imitações que espanhóis faziam da língua portuguesa no século mencionado, como a pronúncia de *sagradu* por *sagrado*. Williams (1961, p. 61) menciona que /o/ átono final do português tornou-se [u] ainda no século XII. Quanto ao *e* final, Silva Neto (1992, p. 616) afirma que durante muito tempo essa vogal foi pronunciada [e], como atestam as formas latinas *nocte*, *gente*. Entretanto, [e] elevou-se a [i] no português europeu, vindo a ser elidida com o decorrer dos tempos, enquanto no português brasileiro prevalece tendência à elevação. Na opinião do autor, a elevação de [e] para [i] no dialeto carioca representa a conservação de um estado fonético antigo, ou seja, o português brasileiro mantém um processo que já evoluiu para outra forma no português europeu.

No entanto, Naro (1973, p. 42), em estudo diacrônico sobre *e* e *o* no português, afirma que o português do século XVI apresentava formas ligeiramente alçadas dessas vogais em posição final, mas argumenta que essas formas não podem ser igualadas às realizações [i] e [u] do português atual, afirmando que “a língua parece ter tido uma regra sincrônica de detalhe fonético de nível muito baixo responsável por este fenômeno” (NARO, 1973, p. 42).

Nota-se, portanto, que a flutuação das vogais na pauta átona ocorre desde o latim, e sinais de processos fonológicos presentes no sistema vocálico do português brasileiro aparecem assimetricamente no início da formação do idioma. Se, como afirma Naro (1973), as formas alçadas das vogais /e/ e /o/ átonas finais do século XVI não podem ser comparadas às formas do português atual, então é possível inferir que houve um indício de alterações que com o tempo se tornaram um processo contínuo e fixaram-se como variáveis ou resultado de neutralização nos sistemas modernos, ou seja, no português europeu e no português brasileiro em pauta.

1.2 A VISÃO ESTRUTURALISTA DE CÂMARA JR.

Câmara Jr. (2007 [1970]) descreve o sistema vocálico do português brasileiro sob uma perspectiva estruturalista de língua com base no dialeto carioca. Para o autor, a descrição dos fonemas vocálicos do português precisa ser feita a partir da posição tônica, pois é nessa posição que todas as vogais se realizam distintivamente. Conforme Câmara Jr. (2007 [1970], p. 41),

há uma série de vogais anteriores, com um avanço da parte anterior da língua e a sua elevação gradual, e outra série de vogais posteriores, com um recuo na parte posterior da língua e sua elevação gradual. Nestas há, como acompanhamento, um arredondamento gradual dos lábios. Entre umas e outras, sem avanço ou elevação apreciável da língua, tem-se a vogal /a/ como vértice mais baixo de um triângulo de base para cima.

O autor utiliza, portanto, o conceito de sistema vocálico triangular introduzido por Trubetzkoy (1939), e classifica as vogais de acordo com os movimentos articulatorios horizontais e verticais da língua, como ilustra a Figura 1.

Figura 1 - Vogais em posição tônica

altas	/u/	/i/	
médias	/o/	/e/	(2º grau)
médias	/ɔ/	/ɛ/	(1º grau)
baixa	/a/		
	posteriores	central	anteriores

(CÂMARA JR., 2007 [1970], p. 41)

Em posição tônica, portanto, as vogais do português contrastam palavras como s[a]co, s[e]co, s[ɛ]co, s[o]co, s[ɔ]co, s[u]co e s[i]go.

Em posição tônica antes de segmento nasal há, segundo o autor, eliminação das vogais médias de 1º grau e uma posteriorização da vogal central baixa /a/, a qual auditivamente imprime-se de um som abafado. Em posição tônica com nasal na sílaba seguinte há um triângulo com cinco fonemas, como pode ser visto na Figura 2.

Figura 2 - Vogais em posição tônica diante de nasal em sílaba seguinte

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	
	[â]	
posteriores	central	anteriores

(CÂMARA JR., 2007 [1970], p. 43)

Nas posições átonas – pretônica, postônica final e não final – há o que o autor chama neutralização, fenômeno em que a distinção entre dois segmentos é eliminada, o que diminui o número de fonemas.

Para as vogais médias em posição pretônica, elimina-se a distinção entre as médias de 1º grau e as de 2º grau, prevalecendo estas no dialeto carioca. Nos pares mínimos f[o]rma e f[ɔ]rma há distinção de significado pela qualidade da vogal tônica, no entanto, o adjetivo formado a partir do segundo substantivo é f[o]rmoso, com a vogal média de 2º grau, nos termos de Câmara Jr., justamente em função da neutralização que ocorre entre as vogais médias na pauta pretônica. Para as vogais anteriores são exemplos dessa neutralização as formas p[ɛ]dra > p[e]dreira, c[ɛ]go > c[e]gueira.

As vogais da pauta pretônica podem ser visualizadas no triângulo da Figura 3.

Figura 3 - Vogais em posição pretônica

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	

(CÂMARA JR., 2007 [1970], p. 44)

A neutralização ocorre também em posição postônica não final, porém, segundo o autor, apenas entre as vogais /o/ e /u/, prevalecendo a manifestação da vogal alta, mas não entre /e/ e /i/. Uma palavra como *pérola* realiza-se como pér[u]la, mas, segundo o autor, uma palavra como *prótese* não produziria por neutralização prót[i]se. A posição postônica não final, pela proposta do autor, possui quatro fonemas vocálicos, como mostra a Figura 4.

Figura 4 - Vogais em posição postônica não final

altas	/u/	/i/
médias	/../	/e/
baixa	/a/	

(CÂMARA JR., 2007 [1970], p. 44)

Na posição átona final o autor afirma ocorrer neutralização entre /e/ e /i/, prevalecendo as vogais altas, sejam os segmentos seguidos ou não de /s/ na mesma palavra. Nessa perspectiva, há contraste em palavras como mat[u], mat[i] e mat[a]. Para a pauta átona final do português o autor apresenta o triângulo mostrado na Figura 5.

Figura 5 - Vogais átonas finais

altas	/u/	/i/
baixa	/a/	

(CÂMARA JR., 2007 [1970], p. 44)

Câmara Jr. (2007 [1970], p. 44) afirma em nota que jur[e] (verbo) pode ter pronúncia distintiva de jú[r][i] (substantivo) em áreas do Sul do Brasil; ressalta, no entanto, que são poucos os pares opositivos. Em outro texto, Câmara Jr. (1977, p. 64) afirma que em regiões do Sul do Brasil, como no Paraná, a vogal média anterior se mantém também em posição átona. Não faz referência à manutenção de /o/ nessa posição, no entanto, o que parece indicar uma verificação de que o alçamento da vogal média átona posterior é recorrente mesmo em dialetos que preservam /e/ átono final.

Assim, o que se nota em sua descrição do sistema vocálico do português brasileiro a partir do dialeto carioca são afirmações categóricas acerca das vogais realizadas em cada posição. A variação não era considerada em análises tradicionais, e esse olhar também se manifesta em análises gerativistas do modelo clássico, como vemos a seguir.

1.3 A PERSPECTIVA GERATIVISTA DE LOPEZ (1979)

Lopez (1979) reinterpreta Câmara Jr. (2007 [1970]) na linha de Chomsky e Halle (1968). A diferença reside na proposta de análise que dá relevância ao traço fonológico classificado em termos binários, como se pode ver na Figura 6.

Figura 6 - Sistema vocálico do português

	- posterior, - arredondado	- arred.	+ posterior	+ arred.
+ alto, - baixo, + elevado	i			u
- alto, - baixo, + elevado	e			o
- alto, - baixo, - elevado	ɛ			ɔ
- alto, + baixo, - elevado				a

(LOPEZ, 1979, p. 50)

Nota-se o uso dos traços [alto], [baixo], [posterior], [arredondado] e [elevado], com valor binário, para a caracterização de cada vogal. O valor positivo para o traço [elevado] significa que para a articulação dessa vogal a língua está acima da sua posição de descanso.

Lopez (1979) admite a neutralização das vogais médias em pauta pretônica proposta por Câmara Jr. (2007 [1970]), explicando-a em termos de traços, como mostra a Figura 7.

Figura 7 - Sistema vocálico pretônico do português

	- posterior	+ posterior
+ alto	i	u
	e	o
+ baixo	a	

(LOPEZ, 1979, p. 88)

A autora afirma que a redução dos sete fonemas da posição tônica para os cinco da posição pretônica configura-se como neutralização, já que são numerosos os exemplos de vogal média [-elevado] na sílaba tônica alternando com a vogal média [+elevado] em posição pretônica, como f[ɔ]rma > f[o]rmoso, b[ɛ]lo > b[e]leza, c[ɔ]lo > c[o]lar, s[ɔ]l > s[o]lço.

Admite também as duas outras neutralizações, mas chama atenção para a precariedade de evidência. Para a posição postônica não final a autora aponta, da mesma forma que Câmara Jr. (2007 [1970]), apenas a neutralização entre /o/ e /u/, ficando o sistema com quatro vogais nessa posição, como se pode ver na Figura 8.

Figura 8 - Sistema vocálico postônico não final do português

	- posterior		+ posterior
+ alto	i		u
	e		
+ baixo		a	

(LOPEZ, 1979, p. 88)

Em posição postônica final, a oposição entre as vogais [-posterior] também se anula, e a pauta átona final compõe-se das vogais [+alto, -baixo] e da vogal [+baixo], como se pode ver na Figura 9.

Figura 9 - Sistema vocálico postônico final do português

	- posterior		+ posterior
+ alto/-baixo	i		u
+ baixo		a	

(LOPEZ, 1979, p. 88)

A autora indica a pauta átona final com as vogais [i, a, u], mas a escassa evidência torna questionável a afirmação de que a redução a três vogais nessa posição configura-se como processo de neutralização. Uma evidência pode ser encontrada, segundo Lopez (1979), em verbos acabados em *-ear*, como *chicote > chicotear*, com base na forma *chicote* que alterna com *chicotar*. A palavra base termina em /e/ que se converte em [i] na posição final, mas se manifesta como /e/ na forma subjacente do verbo *chicotear* e outros semelhantes, admitindo-se que o sufixo verbal seja *-ar* e não *-ear*.

Com relação à neutralização entre /o/ e /u/ em posição final, ocorre fato semelhante: a manutenção de [u] em formações como *cavalo > caval[u]ar* aponta para /o/ subjacente, quando em geral se espera o apagamento da desinência nominal e o acréscimo de *-ar*, como em *gelo > gelar*. Isso pode ser tomado como evidência de que a neutralização existe.

No entanto, apesar de as evidências para a neutralização em posição postônica serem poucas, como documenta, Lopez (1979) assume com Câmara Jr. (2007 [1970]) que [I] e [U] representam neutralização.

Lopez (1979) apresenta também restrições para a regra de neutralização na pauta

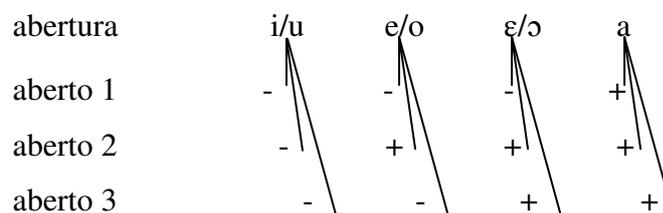
átona do português. Afirma que /e/ não está sujeito a elevar-se a [i] quando for a vogal átona final de paroxítona terminada em /r/, /l/, /n/ ou /z/¹; isso explica a pouca probabilidade de ocorrências como nív[i]l e pôst[i]r, por exemplo. Outro contexto em que a neutralização não se aplica é na formação de palavras com o sufixo -mente, em que a neutralização entre /ε/ e /e/, e entre /ɔ/ e /o/ em posição pretônica não ocorre, como atestam as formas b[ε]lamente e s[ɔ]mente.

Dessa forma, Lopez (1979) reinterpreta a descrição de Câmara Jr. (2007 [1970]) na perspectiva gerativista, de modo que as considerações acerca da resistência das vogais médias à elevação em pauta átona final quando seguidas por /r/, /l/, /n/ ou /z/ em coda podem ser vistas como um aspecto que amplia a análise. Na perspectiva da fonologia não linear esse fato também será considerado por Vieira (1997), como se poderá ver no próximo item deste capítulo.

1.4 PERSPECTIVA DA FONOLOGIA NÃO LINEAR

Wetzels (1992) analisa o sistema vocálico do português brasileiro sob uma perspectiva autosegmental, e representa as quatro alturas desse sistema vocálico por meio de traços de abertura propostos por Clements (1989). Assim, o sistema de quatro alturas vocálicas que se manifesta na posição tônica é representado por meio de três graus de abertura, como se vê na Figura 10.

Figura 10 - Representação autosegmental das vogais tônicas do português



(WETZELS, 1992, p. 22)

O autor observa que os traços [aberto 1] e [aberto 2] definem as vogais médias como uma única classe, opondo-se a /a/ e a /i, u/. O contraste que se manifesta entre vogais médias baixas e médias altas só é definido pelo traço [aberto 3], pois /ε/ e /ɔ/ são [+ aberto 3] e /e/ e

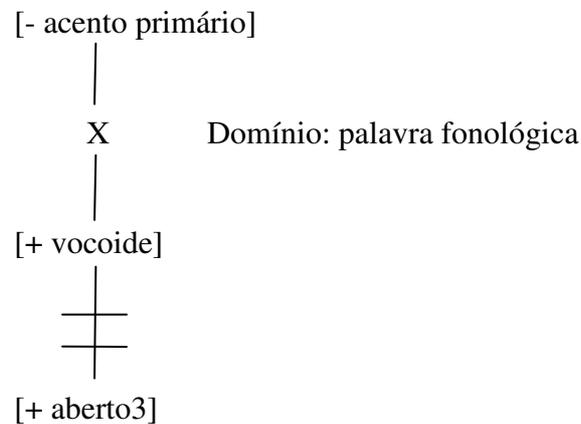
¹Todavia, análises mais recentes, como Vieira (1997), têm mostrado que a restrição se limita às soantes.

/o/ são [- aberto 3].

Segundo Wetzels (1992), o traço [aberto 1], que divide as vogais em baixa e não baixas, é mais essencial que [aberto 2], que divide vogais altas e vogais médias; o traço [aberto 3] é o primeiro a ser eliminado no processo de neutralização, por ter apenas a função de separar a classe das vogais médias em médias altas e médias baixas.

De acordo com essa proposta, portanto, o processo de neutralização do português brasileiro, que reduz o sistema de sete vogais que se manifestam em posição tônica para cinco vogais da pauta pretônica, ocorre pela desassociação do traço [aberto 3], que anula a diferença entre as vogais médias. A regra de desassociação proposta pelo autor é mostrada em (1).

(1) Neutralização das vogais átonas

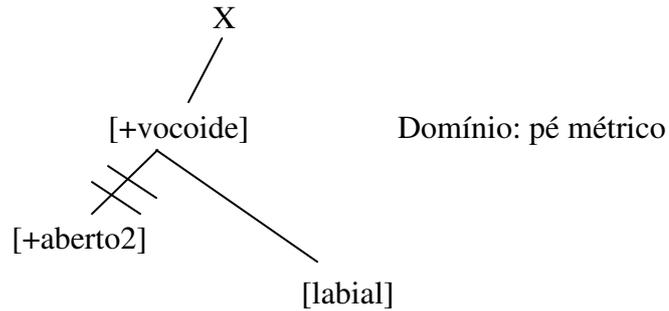


(WETZELS, 1992, p. 24)

Com a aplicação da regra (1), uma vogal que não está em posição tônica dentro de uma palavra fonológica não terá especificações para [aberto 3]. Ao propor a palavra fonológica como domínio de aplicação de (1), Wetzels (1992) leva em conta a realização de palavras como s[ɔ]mente, s[ɔ]zinho ou b[ɛ]líssimo, formadas com os sufixos -mente, -(z)inhV ou -íssimoV, que mantém a qualidade da vogal. Segundo o autor, tais sufixos têm status de palavra fonológica.

Wetzels (1992) entende a neutralização da pauta postônica como um subconjunto da neutralização que ocorre em pauta pretônica. Para a neutralização da pauta postônica não final, que atinge as vogais posteriores /o/ e /u/, o autor propõe a regra representada em (2), com a desassociação do traço [aberto 2] quando a vogal for labial.

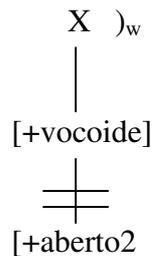
(2) Neutralização da vogal postônica



(WETZELS, 1992, p. 27)

Com relação à neutralização em pauta átona final, em que somente três segmentos se manifestam – a vogal baixa /a/ e as altas /i/ e /u/ –, o autor propõe a regra representada em (3), com a desassociação de [aberto 2] em vogais átonas de sílabas leves de final de palavra.

(3) Neutralização da vogal átona final



(WETZELS, 1992, p. 27)

Com a aplicação de (3), restam apenas as especificações para [aberto1], e tem-se, em pauta átona final, por essa proposta, somente a diferença entre a vogal baixa [+ aberto 1] e as altas [- aberto 1].

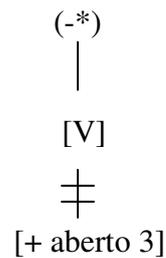
Nota-se que tanto Lopez (1979) quanto Wetzels (1992) descrevem o sistema vocálico do português brasileiro postulando a atuação de regras de neutralização similares às apresentadas por Câmara Jr. (2007 [1970]); o que diferencia cada descrição é a formalização, feita de acordo com a teoria linguística na qual cada análise se insere.

Vieira (1997) analisa aspectos referentes ao sistema vocálico do português e contribui para a descrição mais ampla do português brasileiro. Conforme análise da autora, a regra proposta por Wetzels (1992) para a neutralização das vogais átonas, representada em (1) anteriormente, falha ao fazer referência à ausência de acento no segmento alvo da regra, tendo em vista que as teorias modernas de acento “determinam que somente segmentos acentuados podem ser positivamente especificados” (VIEIRA, 1997, p. 89). Segundo a autora, a

referência à ausência de acento na regra (1) não possibilita a identificação de segmentos determinados, já que, por exemplo, em palavras como t[e]lhado e m[e]do, apesar de as vogais médias diferirem em tonicidade, não são muito distintas em termos fonéticos.

A autora apresenta sua proposta para a regra de neutralização das vogais átonas fazendo referência à posição sinalizada com um asterisco (*) ocupada pela vogal tônica de uma palavra fonológica. Segundo a autora, por não haver qualquer sinalização às sílabas átonas no nível da palavra nem distinção das características físicas, não é possível fazer referência direta às vogais átonas na formalização da regra. Assim, propõe a regra representada em (4) para a neutralização de vogais átonas do português, argumentando que somente indiretamente é possível fazer referência ao alvo de aplicação da regra de neutralização.

(4) Neutralização de vogais átonas conforme Vieira (1997)



(VIEIRA, 1997, p. 91)

Conforme análise da autora, tendo em vista que o acento não é uma característica do segmento, mas o resultado da relação entre constituintes, a regra proposta faz referência a segmentos que não ocupem a posição assinalada por asterisco, que indica a presença de acento primário. Vieira (1997) argumenta que o traço [- acento] utilizado por Wetzels (1992) inexistente na fonologia, ao passo que a formalização [-*], utilizada por Odden (1995) para referir-se a vogais não acentuadas, parece mais adequada, razão pela qual a adota. Vieira (1997) argumenta também que a regra representada em (4) se aplica tanto no nível derivacional quanto no flexional. A aplicação em nível derivacional é constatada em formações como caf[ε] > caf[e]zal ou cip[ɔ] > cip[o]al; e, em nível flexional, em formas verbais como d[e]vemos - d[ε]vem ou s[o]fremos - s[ɔ]frem. Nas palavras da autora, “a regra de neutralização se aplica toda vez que houver um processo derivacional ou flexional que acarrete uma mudança de acento, envolvendo uma vogal média” (VIEIRA, 1997, p. 95). Dessa forma, são os processos de derivação e de flexão que criam contexto para a aplicação

da regra de neutralização em pauta pretônica.

A autora salienta ainda o fato de não haver neutralização na formação do diminutivo com os sufixos *-inho* e *-zinho* e em processos envolvendo os sufixos *-íssimo* e *-mente*. A não aplicação da regra de neutralização com esses sufixos é atestada em formas como *b[ɔ]linha*, *l[ɛ]quezinho*, *l[ɛ]víssimo*, *al[ɛ]gremente*, em que se manifestam as vogais médias baixas em pauta pretônica. A explicação para a não aplicação da regra de neutralização em formas flexionais com os sufixos do diminutivo reside no fato de tanto o nome quanto o sufixo serem portadores de acento, caracterizando-se como palavras fonológicas distintas; estando a regra de neutralização situada no nível lexical pós-cíclico, não encontra contexto para aplicação nesse tipo de formação, porque a vogal média carrega acento. A autora fundamenta-se em Lee (1995) e Moreno (1997) para considerar os sufixos *-íssimo* e *-mente* também como portadores de acento em nível derivacional, o que faz com que, ao serem afixados no nível flexional, mantenha-se a qualidade da vogal que ocupava a posição de acento na palavra-base, como em *esb[ɛ]ltíssima* e *vel[ɔ]zmente*. Conforme Vieira (1997, p. 97),

no processo de sufixação envolvendo *-íssimo* e *-mente*, as regras de atribuição de acento e de neutralização se aplicam antes da regra de mudança de acento que afeta a vogal do primeiro membro do composto. Em função disso, a qualidade da vogal que ocupava a posição tônica na palavra base é preservada, demonstrando que a regra de neutralização não está mais disponível quando ocorre a sufixação.

Vieira (1997) analisa também a regra de neutralização que se aplica na pauta postônica, e observa que a regra não incide categoricamente sobre as vogais posteriores em posição postônica não final; há contextos específicos para a neutralização das vogais posteriores nessa posição, especialmente quando precedidas por consoante labial, e contextos em que a vogal média tende a ser preservada, como mostra (5).

(5) Contextos em que [o] tende a ser preservado

a) ânc[o]ra
apóc[o]pe
córc[o]va
ág[o]ra
écl[o]ga

Contextos em que [o] tende a elevar

b) táv[u]la
víb[u]ra
frív[u]lo
ép[u]ca
íd[u]lo

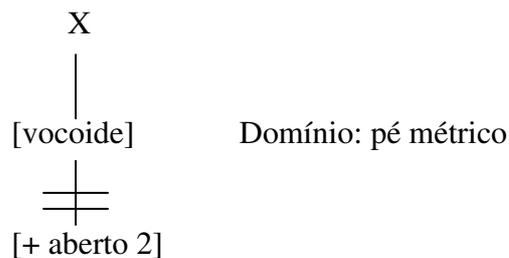
(VIEIRA, 1997, p. 99)

Segundo a autora, o fato de a elevação de /o/ tender a ser aplicada em determinados contextos indica que se trata de uma regra variável. Vieira (1997) observa que, dada a frequência com que [o] eleva-se a [u] em posição postônica não final, poder-se-ia julgar que a vogal subjacente de proparoxítonas com vogal labial na posição postônica não final é [u] e não [o], no entanto, a vogal que se manifesta em formas derivadas de proparoxítonas é [o], como em fós[u]ro + oso = fosf[o]roso, o que faz com que a hipótese de [u] subjacente seja abandonada.

Diferentemente das análises anteriores para a neutralização em posição postônica não final, Vieira (1997) afirma que, embora a elevação de /o/ seja a mais frequente, a neutralização nessa posição atinge também as vogais anteriores; são exemplos realizações como núm[i]ro, prót[i]se, alfând[i]ga, epênt[i]se. Não há, no entanto, evidências de que um contexto específico propicie a elevação da vogal média anterior em posição postônica não final.

Tendo em vista a incidência da regra de neutralização em posição postônica não final tanto para as vogais posteriores quanto para as anteriores, a autora apresenta a regra representada em (6), diferentemente da formalização de Wetzels (1992) para essa posição, sem referência ao traço [labial]:

(6) Neutralização das postônicas não finais conforme Vieira (1997)



(VIEIRA, 1997, p. 100)

Distinta da regra de neutralização em posição pretônica, a regra que atinge a pauta postônica não final configura-se como uma regra pós-lexical, segundo a autora, por haver uma gradiência na aplicação da regra: há uma tendência a aplicar-se mais a regra (2), que incide apenas sobre as vogais posteriores, do que a regra (6), que desassocia o traço [+ aberto 2] para posteriores e anteriores.

Com relação à neutralização das vogais postônicas finais, a autora observa que há um

bloqueio à neutralização se a palavra onde tais vogais se encontram terminar por sílaba fechada por soante. As vogais átonas finais são preservadas em palavras como *elétron*, *repórter*, *móvel*, inexistindo também apagamento de coda nesse tipo de palavra, o que criaria contexto para a neutralização. Em palavras com a vogal média anterior átona seguida por coda nasal, no entanto, pode ocorrer neutralização em pauta átona final se houver o apagamento da coda, como evidencia o exemplo $\text{hom}[\text{e}]\text{m} > \text{hom}[\text{e}] > \text{hom}[\text{i}]$. Além disso, se a última sílaba for fechada pela sibilante /s/, não há bloqueio à neutralização ou ao apagamento da coda, como evidenciam os exemplos da autora mostrados em (7):

(7) $\text{vam}[\text{o}]\text{s} > \text{vam}[\text{u}]\emptyset$
 $\text{com}[\text{e}]\text{s} > \text{com}[\text{i}]\emptyset$
 $\text{ant}[\text{e}]\text{s} > \text{ant}[\text{i}]\text{s}$

(VIEIRA, 1997, p. 102)

Assim, conforme Vieira (1997, p. 102), “o alvo da regra de neutralização da postônica são as vogais médias que se situam na sílaba leve final de uma palavra qualquer ou numa sílaba fechada por /s/”. A autora argumenta que tais informações precisam ser incluídas na formalização da regra; tal inclusão é feita, como se pode ver na formalização para a regra da neutralização da postônica final representada em (8):

(8) Neutralização da postônica final conforme Vieira (1997)

X) w

|

vocoide

≡

onde X, a vogal, pode ser seguida de uma consoante [+ cont., + coronal].

[+ aberto 2]

(VIEIRA, 1997, p. 102)

Com a aplicação de (8), portanto, pode haver elevação de vogais médias átonas em final de palavra se a sílaba em que se encontram for leve, como em $\text{cant}[\text{u}]$ ou $\text{sed}[\text{i}]$, ou se a vogal átona se encontra em sílaba com coda /s/, como em $\text{fom}[\text{u}]\text{s}$ ou $\text{ant}[\text{i}]\text{s}$. Se, no entanto, a sílaba for fechada por /l/, /r/ ou /n/, a vogal média fica preservada, como em $\text{nív}[\text{e}]\text{l}$, $\text{ét}[\text{e}]\text{r}$,

prót[o]n.

Nota-se, assim, que a autora reformula as regras de neutralização para o sistema vocálico do português brasileiro propostas por Wetzels (1992), e, com base em dados, consegue especificar determinados aspectos não abordados pela análise de 1992, como a neutralização de ambas as vogais médias em posição postônica não final e o bloqueio à neutralização em pauta átona final quando as vogais médias estão em sílaba fechada por coda /r/, /l/ ou /n/. Na análise via Teoria da Otimidade esses aspectos também são considerados, como se poderá ver a seguir.

1.5 PERSPECTIVA DA TEORIA DA OTIMIDADE

Bisol e Magalhães (2004) analisam o processo de neutralização que incide sobre a pauta átona do sistema vocálico do português brasileiro na perspectiva da Teoria da Otimidade (TO) valendo-se do traço [ATR].

Os autores apresentam o sistema vocálico pleno do português como em (9), explicando as reduções por meio de tableaux que representam o papel das restrições que produzem a neutralização na pretônica e na átona final.

(9) Sistema vocálico pleno

	i	u	e	o	ɛ	ɔ	a
alto	+	+	-	-	-	-	-
baixo	-	-	-	-	+	+	+
ATR	+	+	+	+	-	-	-
post.	-	+	-	+	-	+	+
arredond.	-	+	-	+	-	+	-

(BISOL e MAGALHÃES, 2004, p. 196)

As seguintes restrições fundamentadas em McCarthy (1999) delineiam o processo:

(10) Restrições (BISOL e MAGALHÃES, 2004, p. 203)

Id-str(ATR): segmentos no *output* em uma sílaba acentuada (tônica) e seus

correspondentes no *input* devem ter especificações idênticas para o traço [ATR].

*[-ATR]: vogais [-ATR] são proibidas.

ID(ATR): vogais do *input* e do *output* correspondentes devem coincidir na especificação de [ATR].

(11) Hierarquia responsável pela neutralização

ID-str(ATR) >> *[-ATR]>> ID(ATR)

Os tableaux 1 e 2 mostram o resultado da hierarquia.

Tableau 1 – vogais médias [-ATR], na sílaba átona, são ilícitas

/bɛl+eza/ > [beleza] “beleza”

bɛl+eza	ID-str(ATR)	*[-ATR]	ID(ATR)
a. beléza		*!	
b.  beléza			*

Tableau 2

/sɔl+aso/ > [solaso] “solaço”

sɔl+aso	ID-str(ATR)	*[-ATR]	ID(ATR)
a. soláso		*!	
b.  soláso			*

(BISOL e MAGALHÃES, 2004, p. 203)

De acordo com McCarthy (1999), a neutralização acontece quando uma restrição de marcação, neste caso, *[-ATR], domina uma restrição de fidelidade relevante como ID(ATR); a distinção entre a forma que obedece a restrição de marcação e aquela que a viola é anulada em favor da que obedece. Por esta hierarquia vencem os candidatos cuja vogal da sílaba pretônica não fere a restrição de marcação, portanto, b[e]leza e s[o]laço são escolhidos. Assim se perdem na pauta átona as vogas mais marcadas do sistema do português, /ɛ, ɔ/.

No sistema de cinco vogais resultante da neutralização referida, /a, e, o, i, u/, as vogais que figuram como mais marcadas são /e/ e /o/, candidatas à neutralização com vistas a um subsistema mais simples. Então a restrição *MID é ativada estabelecendo-se a seguinte hierarquia:

(12) ID-str(ATR), ID(Height) >> *MID, *[-ATR] >> Id[ATR], Id(Height)

Tableau 3 – vogais médias são ilícitas nas sílabas átonas finais

/bolo/ > [bólú] “bolo”

/bolo/	ID-str(Height)	*MID	ID(Height)
a. $\text{b}^{\text{h}}\text{ólu}$		*	*
b. b ólo	*!	**	*
c. b ólo		**!	
d. b úlu	*!		**

Tableau 4

/sede/ > [sédi] “sede”

/sede/	ID-str(Height)	*MID	ID(Height)
a. $\text{s}^{\text{h}}\text{édi}$		*	*
b. s ede	*!	**	*
c. s éde		**!	
d. s ídi	*!		**

(BISOL e MAGALHÃES, 2004, p. 207-208)

Embora as vogais médias sejam produzidas em posição átona final, como se constata em diferentes dialetos do português, os autores consideram que a neutralização das médias é uma propriedade da língua e que a restrição de marcação que não quer vogais médias, *MID, está na gramática do português brasileiro.

O bloqueio à manifestação de vogais altas em pauta átona final quando seguidas por coda soante, que garante realizações como nívl[e]l, mas não nívl[i]l, carát[e]r mas não carát[i]r, foi descrito por Vieira (1997). Na análise via TO, Bisol e Magalhães (2004) explicam a preservação das médias quando seguidas por coda /l/ ou /r/ valendo-se da restrição de fidelidade ID-VL, explicitada em (13).

(13) **ID-VL**: vogal precedida por uma líquida no *input* preserva seus valores de altura no *output*.

Como se pode ver no tableau 5, coda líquida faz com que o candidato vencedor seja aquele com a vogal média, ao contrário do que ocorre com coda /S/:

Tableau 5 – as líquidas e a fidelidade à altura

/pires/	ID-str(H-ATR)	ID-VL	*MID	ID(Height)
a. píres			*!	
b. p^{h} píris				*
/nível/				
c. n^{h} nível			*	
d. nívil		*!		*

(BISOL e MAGALHÃES, 2004, p. 211)

Assim ficam analisados na linha da TO os dois processos de neutralização básicos que incidem sobre o sistema vocálico do português.

2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentaremos brevemente a teoria que fundamenta a presente dissertação. De início, abordaremos os primeiros métodos e modelos teóricos que trataram da mudança linguística; após, esboçaremos aspectos fundamentais da Teoria da Variação de Labov. Uma revisão dos estudos variacionistas sobre elevação vocálica no Rio Grande do Sul também compõe este capítulo.

2.1 MUDANÇA LINGUÍSTICA E MODELOS TEÓRICOS

A mudança é inerente a qualquer língua viva. Assim como mudam os indivíduos, a sociedade e a cultura de que cada língua faz parte, também os sistemas linguísticos sofrem alterações contínuas em todos os seus domínios.

Hoje está consolidada nos estudos linguísticos a concepção de que a mudança das línguas é lenta e gradual, ou seja, nenhuma alteração é abrupta. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126), a mudança linguística “não é uniforme nem instantânea; ela envolve a co-variação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico”. Essa constatação implica o fato, também delineado pelos autores, de que nem toda variação na estrutura linguística implica mudança linguística, mas toda mudança linguística pressupõe um estado anterior de variação.

Outra característica da mudança linguística é sua regularidade: no desencadear de uma mudança, a variação se torna sistematizável, tendendo à regularidade (FARACO, 2005, p. 50). No entanto, segundo o autor, a regularidade não pode ser vista como categórica, embora assim tenha sido encarada em diferentes modelos teóricos.

Conforme Faraco (2005), a constatação de que a mudança linguística é regular impulsionou o chamado método comparativo no início do século XIX, um dos primeiros modelos a tratar da mudança linguística. O objetivo dos estudos comparatistas era encontrar a protolíngua, ou língua-mãe, e o método estava fundamentado em duas hipóteses, segundo Tarallo (1990, p. 29-30): a de que línguas distintas tinham relação histórica entre si, e a hipótese da regularidade das mudanças linguísticas. A técnica dos comparatistas consistia em elencar palavras cognatas de diferentes línguas, semelhantes em forma e sentido, e, pela comparação, estabelecer a protolíngua.

Os estudos comparatistas carregam o mérito do avanço no que se refere ao mapeamento de diferentes línguas, ao conhecimento da relação entre elas e ao estabelecimento de famílias linguísticas. Conforme Câmara Jr. (2006 [1975], p. 51), os estudos comparatistas, especialmente da família indoeuropeia, foram decisivos para que a abordagem histórica da linguagem se estabelecesse como ciência. No entanto, por não considerarem a variação existente nas línguas por eles observadas, em decorrência do método empregado, seus resultados não possibilitam qualquer análise sobre o percurso pelo qual cada língua passou.

Em contrapartida aos estudos comparatistas surge o movimento neogramático que, também pautado no princípio da regularidade da mudança, argumentaria que qualquer mudança fonética é regida por leis que não admitem exceção. Se, dado o contexto para aplicar-se a lei fonética, ela não se aplica, decorre isso da analogia – uma força paradigmática do sistema que fez com que em determinado contexto a lei deixasse de ser aplicada. Nas palavras de Câmara Jr. (2006 [1975], p. 94),

a analogia era vista como a única exceção possível nos resultados regulares da lei fonética. A mente humana, associando formas distintas por seus significados ou semelhança de sons, foi vista como *capaz* de interferir no desenvolvimento natural dos sons, contrariando a esmagadora força de uma lei fonética no caso de algumas formas, postas em associação mental com outras formas, bastante diferentes, que resultaram de outras leis fonéticas.

A diferença essencial entre comparatistas e neogramáticos está no método e no objetivo final de sua busca: comparatistas estudavam línguas antigas na busca pela língua que dera origem às demais, e neogramáticos buscavam entender a natureza da mudança a partir do estudo rigoroso de línguas vivas. Além disso, os neogramáticos ofereceram o conceito de analogia como explicação para os casos em que a regularidade das leis fonéticas não era alcançada, ao passo que os comparatistas tratavam-nas como exceções casuais (FARACO, 2005, p. 141).

Neogramáticos defendiam também que a origem da mudança está no indivíduo, e se espalha em virtude da comunicação, por isso os estudos da linguagem deveriam relacionar-se à psicologia. Os neogramáticos receberam muitas críticas de seus contemporâneos: pela concepção da lei fonética como categórica, pelo uso geral de analogia – um termo vago – para explicar a não aplicação da lei fonética, e, por fim, por relacionarem demasiadamente a mudança linguística ao indivíduo. Este último aspecto mereceu especial argumentação na obra que impulsionou a Teoria da Variação.

Tanto comparatistas quanto neogramáticos se propunham a estudar o que era homogêneo nos sistemas a fim de chegar à protolíngua ou entender como a mudança linguística se processava. Assim também Saussure, ao estabelecer a dicotomia língua/fala, focalizando a primeira, um sistema abstrato, como o objeto de estudo da linguística, observa que o uso individual da língua, a fala, não se prestava à descrição. Saussure (1972, p. 21) ressalta a homogeneidade do sistema ao mencionar a dicotomia significante/significado, afirmando que “entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos”. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 56), essa passagem do *Curso* revela que Saussure entendia a heterogeneidade como uma imprecisão de desempenho. Afirmam também que, tanto para Hermann Paul, um neogramático, quanto para Saussure, estruturalista com formação neogramática, “a variabilidade e a sistematicidade se excluía mutuamente” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 87).

No paradigma gerativista a heterogeneidade não teve tratamento distinto dos modelos anteriores; uma vez que se busca entender a competência e não o desempenho, para os gerativistas a diversidade não apresenta relevância teórica.

Será a Sociolinguística Variacionista, como veremos na próxima seção, o modelo que se propõe a tratar da mudança linguística considerando a heterogeneidade da fala.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

É após o advento dos comparatistas, neogramáticos, estruturalistas e gerativistas que a Sociolinguística Variacionista (SV), também denominada Teoria da Variação, surge como uma proposta teórico-metodológica com o objetivo de encontrar condicionamentos linguísticos e sociais para fenômenos de variação linguística e com isso estabelecer os motivos e os possíveis caminhos da mudança linguística. De acordo com os fundadores do modelo, a concepção de que a língua é homogênea – e de que é esta homogeneidade o objeto dos estudos – entra em conflito com a verificação de que as línguas mudam; por isso a SV propõe-se a explicar a variação e mudança linguísticas a partir da observação, descrição e análise da variação sincrônica.

A obra *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, escrita por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog em 1968, e traduzida para o português em 2006, é considerada o marco do surgimento dessa teoria. Nela os autores apresentam

argumentação detalhada sobre como as teorias até então propostas, que não levavam em conta a heterogeneidade da língua, encontraram impasses para explicar a mudança linguística.

Argumentam os autores que quanto mais os linguistas se impressionam com a existência de estrutura nas línguas mais misteriosa se torna a transição da língua de um estado a outro. Desse modo, introduzem o conceito de *heterogeneidade ordenada*, ou seja, a ideia de que a variação inerente a qualquer sistema linguístico não é aleatória ou livre, e pode ser analisada desde que se utilize o método correto. Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 34),

um modelo de língua que acomode os fatos de uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos não só leva a descrições mais adequadas da competência linguística, mas também suscita naturalmente uma teoria da mudança linguística que ultrapassa os estereis paradoxos contra os quais a linguística histórica vem lutando há mais de meio século.

A noção de heterogeneidade ordenada deu lugar ao conceito de *regra variável* (TAGLIAMONTE, 2006, p. 129). Tem-se uma regra variável se duas ou mais formas linguísticas podem ser utilizadas em um mesmo contexto, sendo a escolha de cada forma determinada por fatores linguísticos e extralinguísticos. E diz-se que uma regra é categórica quando há apenas uma forma possível.

Este modelo teórico institui as formas variáveis do sistema como passíveis de descrição, argumentando que a ausência de heterogeneidade ordenada – ou de regras variáveis – é que seria disfuncional em uma língua que serve a uma comunidade real. Assim, desde seus primeiros estudos, Labov – que é quem consolida a Teoria da Variação analisando especialmente variação fonológica – estuda regras variáveis correlacionando variáveis linguísticas e extralinguísticas, a fim de verificar quais fatores inerentes ao sistema e quais fatores sociais condicionam o uso de determinada forma.

Em *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, os autores ressaltam que “certamente não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises da estrutura linguística” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 107). Essa precisão na análise permitirá estabelecer quais são os fatores que condicionam a variação linguística.

2.2.1 Questões inerentes ao estudo da mudança linguística

O estudo da mudança linguística em andamento requer o uso de estratégias para responder aos seguintes problemas ou questões delineadas por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]): o problema da transição, o problema do encaixamento, o problema da avaliação e o problema da implementação.

O problema da *transição* diz respeito a encontrar os estágios pelos quais uma mudança passou até ser implementada, ou seja, estabelecer o caminho da mudança. Caracterizando-se a mudança linguística como algo lento e gradual, devem-se identificar os estágios por que passa uma regra variável em sua implementação.

O problema do *encaixamento* requer que se entenda como determinada mudança se encaixa no sistema linguístico e social, isto é, há que se analisar as implicações de determinada mudança para o sistema linguístico como um todo e como os sistemas linguístico e social possibilitaram que a mudança se desenvolvesse. Em seu estudo sobre a centralização do primeiro elemento dos ditongos /aw/ e /ay/ na ilha de Martha's Vineyard, Labov constatou que a centralização teve início com /ay/ e, posteriormente, por serem estruturas fonológicas simétricas, o primeiro elemento de /aw/ também começa a ser centralizado pelos falantes (LABOV, 2008 [1972], p. 200-201).

O problema da *avaliação* exige que se leve em conta, no estudo da mudança linguística, o papel da avaliação subjetiva dos falantes em relação à determinada forma linguística. Atitudes positivas ou negativas relacionadas a formas inovadoras podem determinar se ela se manterá ou não no sistema, estabelecendo-se ou não como um processo de mudança linguística. Pode-se analisar a avaliação dos falantes indiretamente, pela correlação das atitudes dos falantes a seu comportamento linguístico, ou de forma mais direta, medindo as reações subjetivas dos informantes em relação à variação linguística (LABOV, 2008 [1972], p. 193). Labov, em estudo sobre o alçamento de /oh/ em Nova Iorque, verifica a avaliação dos falantes utilizando esta última abordagem, e constata que as pessoas que mais utilizam a forma estigmatizada são as mesmas que apresentam reação negativa ao ouvir essa forma.

O problema da *implementação* requer que se encontrem explicações sobre a mudança ter se implementado em determinada época e em determinado local, ou seja, entender como fatores linguísticos e sociais determinaram que a mudança se implementasse em um tempo específico na comunidade de fala.

2.2.2 Coleta de dados e estratégias de análise

O dado primordial para pesquisas de variação linguística é o vernáculo, ou seja, a fala espontânea do indivíduo. No entanto, nesse aspecto enfrenta-se o que Labov (2008 [1972], p. 244) chama *paradoxo do observador*: “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática”. Embora a situação da entrevista não seja natural, mas um contexto formal de interlocução que normalmente faz com que os falantes utilizem uma fala monitorada, o entrevistador pode fazer uso de determinadas estratégias que tendem a deixar o falante à vontade com a situação de tal maneira que utilizará sua fala naturalmente. Labov (2008 [1972]) sugere, por exemplo, que o entrevistador proponha intervalos e pausas, ou que envolva o entrevistado com perguntas sobre emoções fortes que já vivenciou, sobre o seu passado – assuntos pessoais que o informante domina e sobre os quais, por hipótese, sinta-se seguro ao falar.

Nos estudos de regra variável, é possível estabelecer, através da verificação da frequência de uso de determinada forma por grupos de indivíduos, se é uma variação estável ou uma mudança em progresso. Tratando-se de variação estável, pode-se inferir que a regra variável se manterá no grupo; no entanto, no caso de se constatar mudança em progresso, uma das formas dará lugar à variante favorecida pelos falantes.

Podem-se utilizar duas estratégias de análise para o estudo de regra variável: estudos em *tempo real* ou em *tempo aparente*. No estudo em tempo real, duas coletas são feitas em determinada comunidade, em diferentes épocas (no espaço temporal de vinte anos, por exemplo), e os resultados são comparados a fim de verificar em que estado se encontra determinada regra variável, se constitui variação estável ou mudança em progresso. Se as duas coletas são realizadas com os mesmos informantes, configura-se um estudo tipo painel, e se as coletas são realizadas na mesma comunidade, mas com informantes distintos, tem-se um estudo tipo tendência (LABOV, 1994, p. 76). No estudo em tempo aparente são feitas suposições a partir da variação na fala de informantes de diferentes faixas etárias. Neste tipo de estudo, a observação de crescimento no uso de determinada forma entre os falantes mais jovens pode indicar mudança em progresso, no entanto, há que se ter cuidado nesse aspecto, para que não se interprete como mudança em progresso a variação natural que existe entre diferentes faixas etárias ao longo das gerações.

2.3 ELEVAÇÃO VOCÁLICA NO RIO GRANDE DO SUL: ESTUDOS VARIACIONISTAS

Entre os primeiros trabalhos sobre a elevação das vogais médias átonas com dados do Rio Grande do Sul, na linha da Teoria da Variação, citam-se, entre outros: Bisol (1981) e Schwindt (1995), ambos sobre harmonia vocálica, Battisti (1993), sobre a elevação da vogal inicial, e Schmitt (1987) e Vieira (1994), sobre elevação da postônica. Outros se sucederam com análise tanto do comportamento da elevação em posição pretônica quanto em posição postônica. Neste item, apresentaremos brevemente os principais resultados encontrados nos estudos citados e nos subsequentes sobre a pauta postônica. Embora a presente pesquisa analise somente dados de postônica final, buscaremos identificar nos estudos já realizados possíveis fatores condicionantes tanto da elevação das vogais médias pretônicas quanto das postônicas.

2.3.1 Elevação da pretônica

Bisol (1981), com uma amostra constituída de 44 informantes para analisar a harmonização vocálica, considerou toda vogal média pretônica, seguida de sílaba com vogal alta, a exemplo de menino ~ minino, procissão ~ prucissão, ou sem vogal alta, a exemplo de boneca ~ buneca, tomate ~ tumate, em duas amostras em separado: fala popular e fala culta. A primeira foi organizada em grupos geográficos expressivamente denominados metropolitanos, fronteiriços, descendentes de alemães e de italianos; a última, somente de metropolitanos.

Foram controladas as variáveis linguísticas Nasalidade, Tonicidade, Distância, Paradigma, Atonicidade, Sufixação, Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, e as variáveis extralinguísticas Etnia, Sexo, Situação (teste ou fala livre) e Idade. Das variáveis linguísticas controladas, apenas Distância não mostrou papel na regra em estudo.

Os resultados relevantes foram os seguintes: o condicionador da harmonia é uma vogal alta vizinha, seja tônica seja átona, embora a tônica se mostre mais atuante. A vogal alta /i/ é mais atuante na harmonia do que a vogal /u/, pois favorece o alçamento tanto de /e/ quanto de /o/, enquanto /u/ tende a atuar mais sobre sua parceira /o/ do que sobre /e/. Quanto à nasalidade, foi constatado que a vogal /e/ nasalizada é mais sensível à elevação do que a vogal /o/ nasalizada. Por fim, no que diz respeito à consoante vizinha, em contexto precedente as velares favoreceram a elevação de ambas as vogais, e as labiais, a elevação de /o/; em contexto seguinte, as palatais mostraram papel favorecedor na elevação de ambas as vogais,

labiais favorecem a elevação de /o/ e velares a de /e/. Consoantes alveolares não favoreceram a elevação de nenhuma das vogais em nenhuma das posições, com uma única exceção: mostram-se favorecedoras em contexto precedente na fala popular dos metropolitanos.

Para dar uma ideia do uso parcimonioso da elevação da pretônica nessa amostra, que inclui tanto palavras com o harmonizador explícito, a exemplo de menino ~ minino, como sem motivação aparente, a exemplo de boneca ~ buneca, reproduzimos na Tabela 1 os resultados de frequência do uso da elevação da pretônica na fala do Sul do Brasil.

Tabela 1 - Total de aplicação da regra no estudo de Bisol (1981)

Fala popular		Fala popular		Fala culta		Fala culta	
/e/		/o/		/e/		/o/	
Ocorr.	Perc.	Ocorr.	Perc.	Ocorr.	Perc.	Ocorr.	Perc.
1.276/5.743	22%	1.669/5.261	32%	503/2.364	21%	465/2.128	21%

Fonte: BISOL (1981, p. 124).

Nota-se que na variedade culta /e/ e /o/ pretônicos apresentam uma taxa de 21% de alçamento, enquanto nos dados de fala popular ocorre variação a depender da vogal, com /o/ pretônico mostrando-se mais suscetível à elevação do que /e/ pretônico.

Outro estudo sobre elevação vocálica em pauta pretônica é o de **Schwindt (1995)**, que investiga o fenômeno de harmonia vocálica em dados de 36 entrevistas do banco de dados VARSUL – Variação Linguística Urbana na Região Sul do País, 12 de cada capital (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba), com uma amostra constituída somente de palavras com vogal alta, fazendo-se, nesse sentido, diferente da amostra de Bisol (1981).

O autor controlou as variáveis linguísticas Homorganicidade das Vogais, Relação de Vizinhaça, Nasalidade da Vogal Candidata à Regra, Atonicidade da Vogal Candidata à Regra, Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Vogal Alta em Terminações, e as variáveis sociais Variedade Geográfica, Sexo, Faixa Etária e Escolaridade.

A análise de Schwindt (1995) aponta para a relevância das seguintes variáveis: o gatilho e o alvo devem ser adjacentes, em concordância com os resultados de Bisol (1981). No entanto, tanto a homorganicidade quanto a nasalidade mostram resultados diferentes: a primeira não apresentou números expressivos, embora, como no estudo anterior, a vogal /i/ mostrou produtividade semelhante na elevação de ambas as vogais; nasalidade não se mostrou favorecedora da elevação de /e/, embora /e/ nasalizado apresente maior aplicação de elevação

do que /o/ nasalizado; como nos resultados do estudo de Bisol (1981), /o/ tende ao alçamento quando oral.

Também com números menos expressivos que os de Bisol (1981), mas com papel para a regra em estudo, mostrou-se a variável Atonicidade da Vogal Candidata à Regra. No estudo ora apresentado, vogais com status indefinido, como nos vocábulos *querer*, *quero*, *quis*, mostraram-se as mais suscetíveis à elevação; no estudo de Bisol (1981), vogais com status variável também favorecem a regra, no entanto, foram as permanentemente átonas que se mostraram mais sensíveis à elevação.

As variáveis Contexto Fonológico Precedente e Contexto Fonológico Seguinte também tiveram papel na aplicação da regra. Quanto ao papel das consoantes, a alveolar mostrou-se mais uma vez insensível ao processo, figurando com valores abaixo do ponto neutro, enquanto a velar repetiu de modo geral o panorama da análise anteriormente exposta, mostrando-se um fator que tende a favorecer a elevação de ambas as vogais. Por fim, a palatal só se mostrou ativa na posição precedente à vogal /o/, enquanto a labial, nesta amostra, tende a favorecer a regra, modestamente, em ambas as posições e para ambas as vogais.

Os resultados para a variável Vogal Alta em Terminações indicaram que, para a elevação de /o/, são produtivas terminações verbais, e palavras sem sufixo apresentam comportamento neutro. Esse resultado confirma em parte o estudo de Bisol (1981), no qual, embora tenham sido as palavras sem sufixo as que mais favoreceram a elevação de ambas as vogais, em se tratando de palavras com sufixo, foram os sufixos verbais os únicos a motivar a aplicação da regra.

Como vemos, embora haja algumas divergências e falta de coincidências na seleção de fatores de relevância, como o da nasalidade e o da prodigalidade da vogal /i/, os resultados das duas análises são semelhantes, salientando-se o papel da adjacência como um dos mais notáveis.

O último estudo referente à elevação vocálica em pauta pretônica a que faremos alusão é a pesquisa de **Battisti (1993)**, que analisa a elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulos em três diferentes contextos: com vogal inicial, como em *eletricista*, vogal em hiato, como *teatro*, e com prefixo (foram encontrados os seguintes prefixos na amostra: /o/ - contra-, com-, co-, por-, sobre-; /e/ - des-, de-, re-, pre-, meno-, ex-, penta-, em-, es-, per-). A amostra de fala popular é composta por 7 descendentes de italianos, 7 de alemães, 7 fronteiriços e 7 metropolitanos, e a amostra de fala culta, por dados de outros 7 informantes da região metropolitana. Todos os informantes incluíam-se na faixa etária de 25 a 50 anos.

Battisti (1993) constata que a vogal /e/ em início de palavra se manifesta o mais das vezes como /i/, enquanto a vogal /o/ tende a preservar-se. Das palavras prefixadas, a autora constata que /e/ manifesta-se como /i/ também nesse contexto, ao passo que a vogal /o/ é preservada categoricamente.

Foram controladas as variáveis linguísticas Prefixação, Tipos de Sílabas, Distância da Sílabas Tônicas, Vogal da Sílabas Seguinte, Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, e as variáveis sociais Etnia e Sexo.

Todas as variáveis linguísticas controladas mostraram condicionar a aplicação da regra para a vogal /e/. Na variável Prefixação, o fator com prefixo favoreceu a elevação em todos os grupos. No que se refere a Tipos de Sílabas, também para todos os grupos considerados, sílabas pesadas mostraram favorecer o alçamento.

Com relação à Distância da Sílabas Tônicas, o fator 1, ou seja, a menor distância, como em *feliz*, foi favorecedor na fala dos metropolitanos, tanto de fala culta quanto popular; para os primeiros, distância 2, como na palavra *perfumoso*, também favorece a aplicação da regra. Os resultados para a variável Vogal da Sílabas Seguinte mostraram que o fator sequência de vogal alta (*decidida*) foi favorecedor para o grupo de metropolitanos e italianos na fala popular; o fator vogal alta (*cemitério*) mostrou papel favorecedor para todos os grupos, confirmando os resultados de Bisol (1981), que constatou a exigência de adjacência para haver elevação.

Na variável Contexto Fonológico Precedente, o fator sem ataque (*esquerdo*), mostrou-se altamente favorecedor à elevação da vogal anterior; o fator dorsal também favoreceu a aplicação da regra para todos os grupos, confirmando os estudos precedentes com relação ao papel das velares; consoantes palatais favoreceram a elevação de /e/ na fala dos metropolitanos de fala culta e popular, assim como na dos alemães, resultado que difere do encontrado no estudo de Bisol (1981), em que palatais em contexto precedente não foram favorecedoras. Os resultados para a variável Contexto Fonológico Seguinte indicaram que consoantes palatais (*telhado*), sibilantes (*estudo*) e nasais (*dentuço*) favorecem a elevação da vogal anterior. A palatal apresenta-se favorecedora à elevação na fala de todos os grupos, confirmando o resultado de Bisol (1981). A sibilante tem comportamento similar à palatal, enquanto o fator nasal apresenta resultado próximo ao ponto neutro para o grupo dos fronteirões e dos metropolitanos de fala culta. O resultado favorável à elevação de /e/ para o fator nasal confirma o estudo de Bisol (1981) para esta vogal, uma vez que Battisti (1993) considera no fator nasal ocorrência de vogal seguida de arquifonema nasal, como em *dentuço*, e não consoantes nasais em posição de *onset* da sílabas seguinte, como em *emigrar*.

Para a elevação de /o/, das variáveis linguísticas controladas apenas Prefixação não mostrou papel para aplicação da regra. Para a variável Tipos de Sílabas, assim como para /e/ nesta amostra, sílabas pesadas, como em *contente*, mostraram favorecer a aplicação da regra. No que se refere à Distância da Sílabas Tônica, a menor distância, a exemplo de *formiga*, favoreceu a aplicação em todos os grupos; distância 2, como em *formigueiro*, foi favorecedora para os metropolitanos de fala popular. Os resultados para Vogal da Sílabas Seguinte mostraram que, assim como para a elevação da vogal anterior e confirmando os estudos anteriormente expostos, sequência de vogais altas (*oficina*) e vogal alta (*hospital*) favorecem a elevação. Os resultados para as variáveis Contexto Fonológico Precedente confirmam os de Bisol (1981) para as consoantes que têm papel nessas posições: consoantes precedentes labiais e dorsais favorecem a aplicação da regra. Para Contexto Fonológico Seguinte, confirma o mesmo estudo no que se refere ao papel das labiais e palatais. No entanto, o fator vogal, não controlado no estudo de 1981 tendo em vista a constituição da amostra, também mostrou favorecer a aplicação da regra na fala dos metropolitanos, italianos e fronteiriços de fala popular. Diferentemente dos resultados de Bisol (1981), coronais anteriores em posição seguinte favoreceram a elevação de /o/ no grupo dos metropolitanos de fala culta.

Embora esse estudo diferencie-se do estudo de Bisol (1981) por considerar apenas a elevação em sílabas inicial de vocábulo, podem-se encontrar similares condicionamentos à elevação: adjacência à vogal alta é um deles, bem como o fator nasal como contexto seguinte favorecedor da elevação de /e/, e a produtividade das dorsais (velares) como contexto precedente também é algo a ser salientado.

Apesar de os três estudos até o momento apresentados tratarem de alçamento em posição pretônica, espera-se poder encontrar relações entre alguns de seus resultados e os encontrados para a elevação em posição postônica. Entre os que se julga possível comparar estão os encontrados para as variáveis Contexto Precedente, Contexto Seguinte e Tipo de Sílabas.

2.3.2 Elevação da postônica

O primeiro estudo sobre elevação das vogais médias postônicas no Rio Grande do Sul é o de **Schmitt (1987)**, que relaciona o fenômeno de elevação das vogais médias postônicas finais e não finais à estrutura prosódica a partir de dados de fala de 12 informantes, da amostra de Bisol (1977-1978). Os informantes dividem-se em três etnias: 4 bilíngues da região de colonização alemã – Taquara; 4 bilíngues da região de colonização italiana –

Veranópolis; e 4 monolíngues da região de fronteira com o Uruguai – Livramento; todos têm curso primário incompleto e idade entre 25 e 55 anos. Além desses informantes, a autora analisou, para teste, os dados de um informante monolíngue da região metropolitana, que confirmou a elevação da postônica como uma regra praticamente categórica nessa região. A autora analisa separadamente cada vogal e não separa as posições, ou seja, os dados de /e/ postônico final e não final são analisados de forma conjunta, assim como os de /o/ para ambas as posições.

A hipótese da autora é de que, com exceção da região metropolitana, no Rio Grande do Sul, o quadro das vogais postônicas finais e não finais pode variar por influência de outras línguas (alemão, espanhol e italiano), o que o faz permanecer idêntico ao da pauta pretônica, com cinco vogais. Os fatores linguísticos controlados nesse estudo foram Acentuação, Consoante Precedente, Segmento Seguinte, Juntura, Classe Morfológica e Posição no Sintagma Nominal. O único fator extralinguístico analisado é Tipo de Entrevista, tendo em vista que etnia passou a critério classificatório.

Na análise estatística, foram apontadas como condicionadoras da regra de elevação as variáveis Consoante Precedente, Segmento Seguinte e Juntura. Com relação à Consoante Precedente, as obstruintes labiais favoreceram a elevação de /o/ no grupo dos alemães, e as líquidas e nasais, no dos fronteirios. Para os descendentes de italianos o contexto precedente não exerceu papel na elevação de /o/. Com relação à vogal /e/, na fala dos três grupos étnicos, as velares e palatais favoreceram a elevação, e o tepe inibiu a aplicação da regra. O papel das labiais na elevação de /o/ e das velares na de /e/ indica que essas consoantes têm papel tanto para o alçamento das vogais em posição pretônica quanto postônica, uma vez que no estudo de Bisol (1981) foram esses mesmos segmentos em contexto precedente que motivaram a elevação.

Com relação ao papel da variável Segmento Seguinte, a elevação de /o/ mostrou resultados diferenciados para alemães, fronteirios e italianos: para os primeiros mostraram-se favorecedoras as velares, alveolares e palatais; na fala dos fronteirios, apenas obstruintes alveolares tiveram papel favorecedor; e para os italianos, obstruintes labiais, alveolares, velares e palatais favoreceram a aplicação, nessa ordem. Os resultados para /e/ mostraram que obstruintes alveolares, velares e palatais são favoráveis à elevação nos três grupos. Palavras com tepe como segmento seguinte mostraram baixo índice de elevação para as duas vogais em todos os grupos. Observa-se aqui o comportamento distinto das alveolares, que, nos resultados do estudo de Bisol (1981) para elevação da pretônica, mostraram não favorecer a elevação de nenhuma das vogais.

Schmitt (1987) considerou também o contexto de junção entre palavras, onde a vogal tende a ser elevada, verificando que a ausência de junção, que se manifestou sobretudo com palavras do tipo *revól[e]r* ou *núm[e]ro*, inibe a aplicação de elevação tanto de /e/ quando de /o/, enquanto a presença de junção com *sândi* favorece a aplicação – como em *gent[i]*interessante.

Posterior ao estudo de Schmitt (1987), **Vieira (1994)** realiza sua primeira pesquisa sobre elevação das vogais médias postônicas, à qual se seguiram outras duas (VIEIRA, 2002, 2010), como mostraremos adiante.

O primeiro estudo de Vieira (1994) sobre elevação vocálica teve por objetivo verificar os condicionamentos para a elevação das vogais médias postônicas finais e não finais, e, para isso, também utilizou dados coletados por Bisol (1977-1978). No entanto, além dos grupos étnicos considerados por Schmitt (1987), inclui os metropolitanos. Para construir a amostra, a autora selecionou aleatoriamente 7 informantes de cada região – 28 informantes, portanto, com as mesmas características sociais que os informantes de Schmitt (1987): entre 25 e 55 anos e ensino primário. Vieira (1994) argumenta, assim como Schmitt (1987), que no Rio Grande do Sul a pauta vocálica postônica é composta por cinco vogais - /i, e, a, o, u/ - sobre a qual outra regra de neutralização pode ser aplicada, o que a faz reduzir-se a três - /i, a, u/ - na átona final.

Foram controladas nesse estudo as variáveis linguísticas Contexto Vocálico, Segmento Precedente, Segmento Seguinte, Tipo de Sílabas, Classe de Palavra, Posição da Sílabas, e as variáveis extralinguísticas Etnia, Sexo e Tipo de Entrevista. Destas, Segmento Seguinte, Classe de Palavra e Tipo de Entrevista não apresentaram papel na regra em estudo.

Nessa pesquisa, diferentemente da pesquisa de Schmitt (1987), incluiu-se Etnia como uma variável, e esta foi apontada como a mais relevante para a aplicação da regra: os metropolitanos apresentaram as mais altas taxas de aplicação da regra de elevação, como havia constatado Schmitt (1987) em teste; fronteiriços e italianos mostraram tendência a preservar as vogais, especialmente /e/ - estes mais do que aqueles -, e o grupo de alemães apresenta peso relativo próximo ao ponto neutro nesta variável, com frequência mais alta de elevação para a vogal /o/ do que para /e/.

Com relação à variável Segmento Precedente apresentaram-se como favorecedoras da elevação de ambas as vogais consoantes obstruintes [t, d, k, g, p, b, f, v], agrupadas sob o fator “outros”. Não há como comparar diretamente este resultado com o obtido nos estudos precedentes para esse fator, tendo em vista que no estudo de Bisol (1981) e Battisti (1993) alveolares mostram comportamento distinto de labiais na elevação das vogais. Consoantes

líquidas, favorecedoras da elevação de /o/ para fronteiriços no estudo de Schmitt (1987), mostraram comportamento neutro nesta pesquisa. Os resultados para /e/ confirmam em parte os resultados de Schmitt (1987), estando as velares incluídas no fator “outros”, no entanto, neste segundo estudo, mostraram-se levemente favorecedores da elevação de /e/ também os segmentos precedentes nasais, que naquele estudo haviam se mostrado pouco favorecedores ou neutros.

A variável Segmento Seguinte, selecionada na pesquisa de Schmitt (1987) e nos estudos sobre a pretônica, não foi indicada como relevante no estudo de Vieira (1994), no entanto, outros grupos de fatores considerados nesta pesquisa foram selecionados. Um deles foi Contexto Vocálico, a segunda variável em termos de relevância para aplicação da regra, que apontou palavras com vogal alta – *vizinho*, *índice* – como levemente favorecedoras da elevação tanto de /e/ quanto de /o/. O papel favorecedor das vogais altas permite refletir sobre um possível caso de assimilação da altura da vogal, semelhante ao que ocorre na elevação da pretônica.

Outra variável indicada como condicionadora do processo nesse estudo foi Tipo de Sílabas, que apontou as sílabas com coda /S/ como favoráveis à elevação de ambas as vogais, com números mais expressivos para a elevação de /e/. O papel de coda /S/ para a elevação dessa vogal foi encontrado também por Battisti (1993). Para a elevação de /e/ favoreceram ainda sílabas sem coda.

Um ponto relevante da análise de Vieira (1994) é o papel do Tipo de Sílabas, no sentido de sílaba ramificada e não ramificada, isto é, pesada ou leve. Sílabas leves tendem a elevar a vogal, como *mole* ~ *moli*, enquanto sílabas pesadas tendem a preservá-la, a exemplo de *caráter*, com exceção de coda /S/, que favorece a elevação.

Mostrou papel na elevação também a variável Posição da Sílabas, com a elevação de /e/ favorecida em sílaba final leve. Para a elevação de /o/ favoreceram modestamente sílabas finais pesadas e sílabas finais leves. Embora a autora não tenha analisado separadamente a posição das vogais postônicas, o resultado para essa variável indica que as vogais postônicas finais estão mais sujeitas à elevação do que as postônicas não finais; /e/ apresenta maior probabilidade de elevar-se em sílaba final leve, como em *pente*, e /o/ em sílaba final, seja ela leve, como em *campo*, ou pesada, como em *vamos*.

A variável Sexo também foi selecionada nesse estudo, embora os valores tenham ficado em torno do ponto neutro, com as mulheres apresentando pesos relativos um pouco mais altos que os homens.

Em outro estudo, **Vieira (2002)** analisa separadamente o comportamento das vogais

médias átonas finais e não finais em dados de fala de oito entrevistas de cada cidade contemplada no banco de dados VARSUL (Porto Alegre, São Borja, Flores da Cunha e Panambi, no Estado do Rio Grande do Sul, Florianópolis, Lages, Chapecó e Blumenau, em Santa Catarina, e Curitiba, Irati, Pato Branco e Londrina, no Paraná) – 96 informantes compõem a amostra, portanto.

Para a posição postônica não final foram controladas as variáveis linguísticas Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Contexto Vocálico, Posição da Vogal na Palavra, e as variáveis sociais Faixa Etária, Grau de Escolaridade e Variável Geográfica.

Destas variáveis, exerceram papel na elevação de /o/ Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Localização da Postônica, Variável Geográfica e Faixa Etária. Os resultados para Contexto Precedente confirmam o papel das labiais na elevação, como em Bisol (1981): a vogal média posterior tende a elevar-se se precedida de consoantes labiais, como em côm[u]do, mas é preservada se precedida de outros segmentos, distintos de labiais. Além de exercerem papel quando precedem /o/ postônico não final, segmentos labiais favorecem a elevação dessa vogal quando aparecem como contexto seguinte; foi o fator labial o único a favorecer a elevação de /o/ na variável Contexto Seguinte. Com relação à variável Localização da Palavra, /o/ tende a elevar-se quando no sufixo, como em museól[u]ga ou astról[u]go.

Os resultados para Variável Geográfica indicaram que o Rio Grande do Sul é o Estado onde a vogal posterior átona não final mais tende a elevar-se; Paraná é o Estado que menos favorece a elevação, e Santa Catarina mostra comportamento neutro. Na verificação por cidade, constatou-se que Porto Alegre é a cidade com maior tendência à elevação de /o/, seguida pela capital catarinense. Curitiba é cidade onde mais se preserva a vogal média. Chapecó (SC) é entre as cidades do interior a que apresenta maior tendência à elevação de /o/ postônico não final, seguida por Panambi (RS). Londrina (PR) e São Borja (RS) apresentam comportamento neutro. Pato Branco (PR), Lages (SC), Irati (PR), Flores da Cunha (RS) e Blumenau (SC) são as cidades do interior em que a vogal /o/ tende a ser preservada em posição postônica não final.

A última variável selecionada para a elevação de /o/ postônico não final, Faixa Etária, mostrou que os informantes mais velhos da amostra, com mais de 51 anos, tendem a elevar a vogal. Esse resultado contraria as expectativas iniciais do estudo e não confirma os resultados anteriores, como de Roveda (1998), Carniato (2000) e Mallmann (2001) para a elevação em posição final.

Para a elevação de /e/ postônico não final mostraram papel as variáveis Contexto

Precedente e Contexto Vocálico. Os segmentos em contexto precedente que mais favorecem a elevação de /e/ são as consoantes [s, z], a exemplo de cóc[i]ga e pêss[i]go. Esse resultado aponta para um fato desconhecido. Segundo Câmara Jr. (2007 [1970]), Lopez (1979) e Wetzels (1992), somente a vogal /o/ /da postônica manifesta-se como vogal alta; segundo Vieira (1997), tanto /o/ quanto /e/ tornam-se variavelmente altas neste contexto, embora seus condicionamentos sejam diferentes.

Com relação à influência da variável Contexto Vocálico, os resultados confirmam a produtividade da vogal alta na palavra.

Quanto à posição final, foram controladas as variáveis linguísticas Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Vocálico, Localização da Postônica na Palavra, e as variáveis extralinguísticas Faixa Etária, Grau de Escolaridade e Variável Geográfica.

Na elevação de /o/ átono final, coda /S/ e presença de vogal alta na palavra mais uma vez mostraram-se produtivas.

Em se tratando de /e/ átono final foram apontadas como relevantes ao alçamento as variáveis Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Vocálico e Variável Geográfica. No que se refere à variável Contexto Precedente, os segmentos [s, z] precedendo a vogal /e/ átona final favorecem a sua elevação, o que não foi posto em relevância na análise de (1994), mas foi em Carniato (2000). Por conseguinte, tudo indica que os segmentos [s, z] favoreceram a elevação de /e/ postônico final e não final, de modo geral, seja como membro da sílaba pesada seja como segmento vizinho.

Os resultados para Variável Geográfica indicaram que o Rio Grande do Sul é o Estado com maior variação em termos de aplicação da regra de elevação de /e/ átono final, com números mais polarizados: Porto Alegre apresenta índices praticamente categóricos de elevação, como Schmitt (1987), Vieira (1994) e Roveda (1998) haviam constatado, e Flores da Cunha é a cidade que mais preserva as vogais médias. Para Santa Catarina, Blumenau foi a cidade com maior índice de elevação, e Lages a com menor taxa de aplicação da regra. No Paraná, Pato Branco foi a cidade que mais elevou /e/ átono final, e Irati foi a que menos aplicou a regra.

Em outro artigo, **Vieira (2010)** realiza um estudo sobre o comportamento variável das vogais médias átonas finais e não finais com dados de 48 informantes, 16 de cada capital dos estados contemplados pelo banco de dados VARSUL – Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

Foram controladas as variáveis linguísticas Contexto Precedente, Contexto Seguinte (estes apenas para a postônica não final), Contexto Vocálico e Tipo de Sílabas (apenas para

átona final), Localização da Postônica na Palavra, e as variáveis sociais Localização Geográfica, Sexo, Idade e Escolaridade.

Das variáveis controladas para a posição postônica não final, mostraram-se relevantes à elevação de /e/ Localização Geográfica e Contexto Precedente. Os resultados para a primeira variável indicam que Curitiba tende a preservar /e/ postônico não final, e Florianópolis e Porto Alegre, a elevar essa vogal. Na variável Contexto Precedente, repetem-se os resultados do estudo de 2002.

Na elevação de /o/ postônico não final tiveram papel as variáveis Contexto Precedente e Contexto Vocálico, com precedentes labiais e presença de vogal alta confirmando seu papel alimentador à regra de elevação de /o/.

No que se refere à elevação em posição final, Localização Geográfica foi relevante para a elevação de ambas as vogais: Porto Alegre e Florianópolis apresentaram elevação praticamente categórica, e os falantes de Curitiba foram os que menos aplicaram a regra de elevação das médias átonas finais.

Para a elevação da vogal média anterior, as variáveis Tipo de Sílabas, Contexto Precedente e Contexto Vocálico mostraram papel similar ao do estudo de 2002; esta última variável também no que se refere à elevação da vogal média posterior.

Nesse estudo, diferentemente do de 2002, Contexto Precedente foi indicado como relevante para a elevação de /o/ átono final, evidenciando que segmentos diferentes de coronais oclusivas e dorsais são favoráveis à aplicação da regra de elevação, ou seja, labiais e coronais fricativas.

Outro estudo que contribui para a descrição do fenômeno de elevação das vogais médias postônicas é o de **Roveda (1998)**, no qual a autora analisa o comportamento das vogais médias átonas finais em quatro grupos distintos de falantes: dois grupos bilíngues e dois monolíngues. Para a constituição da amostra, foram utilizadas 48 entrevistas do Projeto VARSUL, 24 de informantes bilíngues de Flores da Cunha (RS) e de Chapecó (SC), e 24 de monolíngues de Porto Alegre (RS) e Florianópolis (SC).

Foram controladas as variáveis linguísticas Tipo de Coda, Contexto Precedente, Juntura, Classe de Palavras, Presença de Vogal Alta, e as variáveis sociais Grupo Étnico, Sexo, Idade e Escolaridade.

A autora apresenta uma análise com os dados de todos os grupos e outra apenas sobre os dados dos grupos bilíngues. Os resultados aqui sintetizados referem-se à primeira delas. Na análise conjunta, das variáveis controladas, apenas Presença de Vogal Alta não mostrou papel na aplicação da regra, diferenciando-se do resultado de Vieira (1994) neste

ponto.

Com relação a Grupo Étnico – a mais relevante de todas as variáveis selecionadas, os resultados indicaram que a elevação de /o/ é categórica para as capitais, sendo a de /e/ também categórica para a capital catarinense. Porto Alegre, embora com aplicação quase absoluta de elevação de /e/, aplica menos que Florianópolis a elevação dessa vogal. Os grupos bilíngues mostraram-se inibidores da regra de elevação, com menor aplicação no grupo de Chapecó do que no de Flores da Cunha. O resultado para a regra na capital gaúcha confirma o que obtiveram Schmitt (1987) e Vieira (1994), e a aplicação da regra entre o grupo de bilíngues de Flores da Cunha mais uma vez indica que entre os descendentes de italianos o uso da elevação é modesto, apesar de os bilíngues deste estudo apresentarem mais alto percentual de aplicação da regra para ambas as vogais que o grupo dos italianos do estudo de Vieira (1994).

Mostrou papel na regra de elevação também a variável Tipo de Coda, tendo coda /S/ e coda /N/ como favorecedoras da elevação tanto de /e/ quanto de /o/. Os resultados para coda /S/ confirmam o estudo de Vieira (1994); no entanto, no estudo de 1994, o fator coda /N/ havia se apresentado como altamente inibidor da regra de elevação de /e/ – palavras com coda nasal e coda lateral apresentaram peso relativo baixo (0,04) e apenas 2,0% de ocorrências com elevação. Com resultados absolutamente distintos, o estudo de Roveda (1998) mostra que palavras com coda /N/ apresentam elevação categórica de /o/ átono final – embora as ocorrências sejam apenas em número de 13, e elevação quase categórica também de /e/ (92% de aplicação). O papel da coda nasal para a vogal média anterior assemelha-se ao obtido em estudos sobre as pretônicas. Coda /r/ mostrou-se altamente inibidora da aplicação da elevação de ambas as vogais, o que de certo modo confirma o resultado de Schmitt (1987) para o segmento seguinte tepe como pouco favorecedor da regra de elevação, embora naquele estudo não se faça referência à posição do segmento tepe – se em coda ou em *onset* de sílaba seguinte à vogal átona.

No que se refere à variável Contexto Precedente, consoantes dorsais e palatais favoreceram levemente a elevação de /e/, e palatais e labiais, também levemente, a elevação de /o/. Os resultados para este grupo de fatores não são polarizados, mas pode-se dizer que confirmam resultados como o de Bisol (1981), Battisti (1993) e Schmitt (1987) com relação ao papel das labiais para a elevação de /o/ e ao das velares na elevação de /e/.

Para a variável Juntura, o fator com juntura apresentou-se favorecedor da elevação de ambas as vogais médias átonas finais, confirmando os resultados de Schmitt (1987); no entanto, o fator sem juntura mostrou-se inibidor da regra no primeiro estudo, ao passo que pode ser considerado de comportamento neutro no trabalho ora sintetizado.

A última variável linguística selecionada, Classe de Palavras, mostrou que os verbos favorecem levemente a elevação de /e/, e os advérbios, também levemente, a elevação de /o/. No estudo de Vieira (1994) esta variável não mostrou papel para a aplicação da regra.

Para a elevação de /o/ foram relevantes também as variáveis sociais Sexo, Idade e Escolaridade. A variável Sexo mostrou que os homens aplicam mais a elevação do que as mulheres, diferentemente do que encontra Vieira (1994). Com relação à Idade, falantes mais jovens (entre 25 e 50 anos) tendem a aplicar mais a elevação de /o/ átono final do que os falantes com mais de 50 anos. E no que se refere à variável Escolaridade, os resultados apontaram pessoas com menos anos de escolarização como favorecedoras à elevação de /o/. Ressaltamos que os resultados não são polarizados para nenhuma das variáveis sociais selecionadas.

Outra pesquisa sobre elevação das vogais médias átonas finais foi realizada por **Carniato (2000)**, a partir de dados de fala de 12 informantes de Santa Vitória do Palmar. Foram controladas nesse estudo as variáveis linguísticas Contexto Vocálico Precedente, Segmento Precedente, Segmento Seguinte, Tipo de Sílabas, Classe Gramatical, Estrutura da Sílabas Postônica Final, e as variáveis sociais Faixa Etária e Escolaridade. A hipótese da autora é de que os falantes mais jovens de Santa Vitória do Palmar neutralizem as vogais médias átonas finais, ao passo que os falantes mais velhos não apliquem a regra.

A análise mostrou a variável Faixa Etária como a mais relevante para o processo de elevação, com o grupo dos mais jovens (de 13 a 18 anos) favorecendo o alçamento de ambas as vogais, com peso relativo mais alto para a vogal /o/. Esse resultado confirma o estudo de Roveda (1998), em que a variável Idade foi selecionada apenas para a vogal posterior, também com o grupo dos mais jovens favorecendo o alçamento. Embora a separação em faixas etárias tenha sido distinta nos dois estudos (de 25 a 50 anos em Roveda (1998) e de 13 a 18 anos neste), sendo os jovens deste estudo adolescentes e os do estudo de Roveda (1998) adultos, o resultado para esta variável parece indicar que a aplicação da regra de elevação está sendo implementada pelos mais jovens, pois se mostra de uso moderado em falantes com mais de 50 anos.

Mostrou-se favorecedora para a aplicação da regra neste estudo também a variável Contexto Precedente, com as estridentes coronais [s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ] contribuindo para a elevação de /e/ e /o/, embora para a vogal /o/ o peso relativo tenha sido próximo ao ponto neutro. Considerando-se que as estridentes coronais se apresentaram como favorecedoras especialmente da elevação de /e/, pode-se dizer que o resultado confirma em parte o estudo de

Schmitt (1987), no que se refere ao papel das palatais na elevação da vogal média átona anterior. No entanto, diferencia-se do estudo de Vieira (1994), em que o fator sibilante [s, z] como contexto precedente mostrou-se pouco favorecedor da elevação das vogais médias. Ressalta-se, contudo, que esta comparação fica dificultada tendo em vista a distinta organização dos fatores entre os estudos.

A variável Segmento Seguinte também mostrou papel favorecedor para a aplicação da regra, com as nasais favorecendo levemente a elevação de /o/. Este resultado difere do que obteve Schmitt (1987), em que segmentos seguintes nasais (agrupados com a líquida lateral) figuraram em torno do ponto neutro com relação à vogal /o/.

Mallmann (2001) também contribui para a descrição do comportamento das vogais no Rio Grande do Sul com um estudo sobre a elevação das vogais médias átonas finais na cidade de Santo Ângelo. O autor analisa conjuntamente a elevação das vogais médias átonas finais na fala de 36 informantes estratificados em cinco etnias: luso-brasileiro, misto, alemão, italiano e polonês. A hipótese que norteia o trabalho é a de que há variação na elevação das vogais médias átonas finais nos diferentes grupos de falantes da localidade.

Foram controladas as variáveis linguísticas Tipologia das Vogais, Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Tonicidade dos Vocábulos e Classe Gramatical, bem como as variáveis sociais Gênero, Idade, Escolaridade e Grupo Étnico.

Apresentaram-se como relevantes ao alçamento as seguintes variáveis linguísticas: Tipologia das Vogais, com a vogal /e/ apresentando taxa um pouco maior de aplicação da regra, diferenciando-se, nesse sentido, do estudo de Schmitt (1987), Vieira (1994) e Roveda (1998); Contexto Fonológico Precedente, em que as fricativas e as vogais apresentaram-se como favorecedoras da elevação; e Contexto Seguinte, em que os fatores /S/ – confirmando o já obtido nos estudos anteriores – e não pausa favoreceram levemente a elevação.

Além das variáveis linguísticas, as variáveis sociais Gênero, Idade e Escolaridade mostraram ter papel na aplicação da regra. Quanto à variável Gênero, as mulheres tendem a favorecer o alçamento, confirmando o resultado de Vieira (1994). No que se refere à variável Idade, a faixa etária dos jovens – de 06 a 24 anos – é a que mais favorece o processo de elevação, e a faixa etária intermediária – de 25 a 49 anos – também favorece, embora menos que a primeira. Novamente, como no estudo de Roveda (1998) e Carniati (2000), houve maior aplicação da regra entre os grupos mais jovens. Em se tratando da variável Escolaridade, os resultados apontaram pessoas com escolaridade médio-superior como as mais favoráveis à aplicação da regra, o que difere do resultado de Roveda (1998), em que o grupo dos menos escolarizados apresentou maior favorecimento à elevação.

Outro estudo sobre elevação das vogais médias postônicas é o de **Machry da Silva (2009)**, referente a dados de fala de 14 informantes da localidade de Rincão Vermelho, localizada na região Noroeste do Rio Grande do Sul. Os dados foram obtidos através de entrevista de experiência pessoal e da aplicação de um instrumento (ficha com vinte e quatro imagens para nomeação espontânea de palavras consideradas familiares aos informantes). A hipótese da autora é de que em Rincão Vermelho as vogais médias postônicas finais e não finais apresentem índice baixo de alçamento.

Foram controladas as variáveis linguísticas Posição das Postônicas, Tipo de Vogal, Contexto Vocálico da Tônica, Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Seguinte, Localização das Postônicas, Classe Gramatical e Tipo de Item Lexical, bem como as variáveis sociais Sexo, Idade, Escolaridade, Tipo de Contato com Centros Urbanos e Tipo de Entrevista.

Na elevação em posição postônica não final, a vogal posterior mostrou-se mais suscetível à elevação do que a vogal anterior, confirmando a proposta de Vieira (1997), no sentido de que ambas as vogais apresentam alçamento nessa posição, embora com maior tendência para /o/. Além disso, a análise evidencia que as variáveis selecionadas como relevantes têm papel somente na elevação de /o/; para a elevação de /e/, conforme cruzamentos realizados pela autora, nenhuma variável apresenta-se como favorecedora. Assim, favoreceram a elevação da vogal média posterior as variáveis linguísticas Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Contexto Vocálico da Tônica, Localização da Postônica, e as variáveis extralinguísticas Tipo de Entrevista e Sexo.

Em Contexto Precedente favoreceram dorsais e labiais. O papel das dorsais deve ser relativizado, tendo em vista tratar-se de itens lexicais específicos, e a importância das labiais confirma, entre outros, o resultado de Vieira (2002) para essa posição. Em Contexto Seguinte, coronal [+anterior] e dorsal favoreceram, diferentemente do resultado de Vieira (2002) para /o/ postônico não final, cuja elevação foi altamente influenciada pelas labiais. A importância de vogal alta na sílaba tônica novamente foi verificada nos resultados para a variável Contexto Vocálico da Tônica. Diferentemente de Vieira (2002), em se tratando de Localização da Postônica, o alçamento de /o/ foi favorecido quando no tema da palavra.

No que se refere às variáveis extralinguísticas, Tipo de Entrevista indicou as duas formas de obtenção dos dados como favorecedoras ao alçamento de /o/; e, para a variável Sexo, tanto homens como mulheres mostraram tendência ao alçamento da vogal posterior postônica não final.

Para a posição final, na variável Contexto Precedente, dorsais, segmento [s, z, ʒ] e

labiais mostraram-se favorecedores da elevação de /e/, o que corresponde a resultados já obtidos, especialmente para o papel dos dois primeiros fatores. Para a elevação da vogal média posterior, coronais [+anterior], embora influenciadas pelo fator “com vogal alta” da variável Contexto Vocálico da Tônica, foram indicadas como levemente favorecedoras, diferindo de estudos anteriores, que mostraram as labiais como condicionadoras do alçamento de /o/.

Com relação ao papel do Contexto Seguinte, vogais subsequentes favoreceram o alçamento tanto de /e/ quanto de /o/ átonos finais, especialmente com processo de ditongação e degeminação.

O papel do Contexto Vocálico da Tônica também foi evidenciado para a elevação de /e/ e /o/: palavras com vogal alta na sílaba tônica foram favorecedoras do processo, com aplicação praticamente categórica em palavras como *quinze*, *vinte*, *equipe*.

Na variável Tipo de Sílaba, o fator coda /S/ repetiu o papel favorecedor para a elevação de ambas as vogais.

Os resultados para a variável Localização da Postônica apontam que /e/ tende a elevar-se quando no tema da palavra, e /o/ quando no sufixo. Os resultados para a vogal posterior aproximam-se do resultado de Vieira (2002) para essa vogal em pauta postônica não final.

Com relação à Classe Gramatical, /e/ apresenta maior tendência à elevação em numerais, verbos e advérbios, confirmando o resultado de Roveda (1998) com relação aos verbos. E a vogal /o/ mostrou tendência à elevação na classe dos adjetivos.

Tiveram papel na elevação de ambas as vogais também variáveis sociais: Sexo indicou os homens como mais favoráveis à regra de elevação de ambas as vogais, como obteve Roveda (1998); Escolaridade apontou que pessoas com Ensino Superior aplicam mais a elevação de /e/ átono final do que os informantes com menos escolaridade, e pessoas de escolaridade média e superior favoreceram a elevação de /o/, como apontara Mallmann (2001) para a amostra de Santo Ângelo. Na elevação de /o/ teve papel também a variável Idade, que mostrou peso relativo logo acima do ponto neutro para os jovens, em conformidade com os estudos de Roveda (1998) e Carniati (2000).

Embora cada estudo tenha organizado distintamente as variáveis independentes e, nestas, os fatores, especialmente no que se refere às variáveis Contexto Precedente e Contexto Seguinte, fato que em alguns casos dificulta generalizações, salienta-se a regularidade do papel de coda /S/, da presença de vogal alta, seja na sílaba tônica ou não, e do condicionamento exercido pelos segmentos precedentes e seguintes à elevação das vogais

médias.

Ressalta-se, ainda, que nos estudos de Schmitt (1987), Vieira (1994, 2010), Roveda (1998), Carniato (2000) e Machry da Silva (2009), o percentual de aplicação para a regra de elevação da vogal média átona final /o/ foi maior do que o percentual de elevação de /e/.

3 METODOLOGIA

Esta dissertação insere-se na área da Sociolinguística e fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação. Neste capítulo apresentamos aspectos sobre a comunidade onde os dados foram coletados, descrevemos as estratégias para a coleta dos dados, a variável dependente da pesquisa e as variáveis independentes controladas e, por fim, apresentamos o programa utilizado para a análise dos dados.

3.1 A COMUNIDADE

Escolheu-se o município de Vista Alegre do Prata - RS para a realização deste estudo sobre elevação das vogais médias átonas finais. A motivação para o trabalho com dados dessa localidade foi o fato de tratar-se de um município pequeno, de economia fortemente agrícola, situado na região Nordeste do Rio Grande do Sul, característico pela população de duas descendências: italiana e polonesa. Todavia, esta pesquisa conta exclusivamente com dados de fala de descendentes de imigrantes poloneses. A localização do município e a formação étnica dos habitantes, portanto, contribuíram para se considerar o local como interessante fonte de dados para um estudo sobre variação linguística.

A seguir apresentaremos aspectos geográficos, econômicos, históricos e culturais do município, com base em Galeazzi (2004) e em dados fornecidos pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

3.1.1 Aspectos históricos, geográficos, econômicos e culturais de Vista Alegre do Prata - RS

Situado a cerca de 120 km de Caxias do Sul, maior centro urbano da região, o município de Vista Alegre do Prata localiza-se na Encosta Superior da Região Nordeste do Rio Grande do Sul e faz limite com os municípios de Fagundes Varela, Nova Prata, Nova Bassano e Guaporé. Possui uma área geográfica de 119 km², sendo 0,72 km² de área urbana e o restante de área rural. Conta com uma população de 1.569 habitantes (Censo 2010); destes, 29,5% reside na área urbana, e 70,5% na área rural. Conforme o IBGE, a sede do município localiza-se na latitude -28.8°, e na longitude -51.79°. A localização do município pode ser visualizada na Figura 11.

Figura 11 – Localização de Vista Alegre do Prata - RS



Disponível em: <<http://mapas.guiamais.com.br/guia/vista+alegre+do+prata-rs>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

A Figura 12 apresenta uma imagem da vista aérea do centro urbano de Vista Alegre do Prata - RS.

Figura 12 - Vista aérea da cidade de Vista Alegre do Prata - RS



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Vista Alegre do Prata - RS

A sede do município possui uma altitude média de 520 m e tem clima ameno. No inverno, o local presencia fortes geadas e, na maior parte do município, clima e relevo favorecem a agricultura, seja manual ou mecanizada.

O Rio Carreiro é o mais importante curso d'água do município, ao qual se juntam arroios como o Rio Não Sabia. No verão, os dois rios são importantes destinos dos habitantes mais jovens e também de jovens de cidades vizinhas.

A base econômica do município é a agropecuária e o extrativismo vegetal. Têm relevância econômica também o setor de serviços e o extrativismo mineral. A produção leiteira, a avicultura, a suinocultura e o plantio de produtos como milho e soja garantem o sustento de grande parte das famílias que vivem na zona rural. Há casos de famílias que vivem na zona urbana do município e trabalham também com agricultura e pecuária; é comum as pessoas estabelecerem residência na cidade e manterem sua área rural cultivada, tendo em vista, especialmente, o crescente uso de máquinas agrícolas no plantio e colheita dos produtos, o que possibilita a muitos ter um emprego na cidade e continuar o cultivo agrícola.

Conforme mencionamos no início desta seção, a população do município caracteriza-se pela descendência europeia, especialmente italiana e polonesa. A partir de uma listagem das famílias residentes no município, organizada e fornecida pela Prefeitura Municipal de

Vista Alegre do Prata, verifica-se que a localidade conta com 445 famílias. Destas, a maioria é formada por descendentes de imigrantes italianos (338 famílias – 76%), 91 famílias (20,4%) descendem de imigrantes poloneses, e 16 famílias representam outras etnias (3,6%). A partir da lista de famílias, verificamos, com o auxílio de pessoas da comunidade, o número de integrantes de cada família, a fim de obtermos a estratificação étnica do total de residentes. De acordo com essa análise, residem no município 1.311 habitantes – total que difere do apresentado pelo IBGE, provavelmente porque a lista de famílias é atualizada constantemente pela Prefeitura Municipal. Deste total, 1.012 (77%) são descendentes de imigrantes italianos², 247 (19%) são descendentes de poloneses, e 52 pessoas (4%) possuem outra etnia (afrodescendência, alemã). Segundo estudo da década de 1980 (FROSI e MIORANZA, 1983), no que se refere à composição étnica dos habitantes das comunidades que fazem parte da chamada Região de Colonização Italiana (RCI), o então distrito de Vista Alegre era a localidade com maior percentual de polono-brasileiros da região: 40%. Ítalo-brasileiros representavam 58,2% da população total, e o 1,8% restante era composto por outras etnias (teuto-brasileiros, afro-brasileiros e luso-brasileiros). Segundo o mesmo estudo, dados do Censo de 1970 indicavam que o distrito de Vista Alegre contava com uma população total de 2.245 habitantes; tais dados indicam que a população da localidade vem diminuindo, bem como o percentual de habitantes descendentes de imigrantes poloneses.

Embora a maioria das famílias/ dos habitantes do município seja descendente de italianos, pode-se dizer que a descendência polonesa ainda é representativa na comunidade; há, por exemplo, uma filial da BRASPOL – Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil, responsável, entre outras atividades, por organizar e manter um programa de rádio dominical em uma emissora de Nova Prata, apresentado em língua polonesa. Além disso, há, na praça municipal, um monumento em homenagem à imigração polonesa, tendo em vista o centenário da colonização polonesa na localidade, construído no ano de 1991 em parceria entre o Governo Municipal e a BRASPOL.

Considerando-se aspectos históricos da localidade, conforme Galeazzi (2004), no início da colonização, o município hoje denominado Vista Alegre do Prata era conhecido como Linha 6^a General Osório de Alfredo Chaves, tendo em vista que a sede da cidade localiza-se na Linha 6^a.

Galeazzi (2004) afirma que o município de Vista Alegre do Prata é trineto de um dos

² Foi considerado nesta análise o sobrenome de cada indivíduo. São sobrenomes italianos típicos da localidade: Roman, Donin, Dalla Costa, Zanotto, Magoga, Meneghini. Dentre os sobrenomes de descendentes poloneses, destacamos: Kasmierski, Vinoski, Modelski, Waskiewicz, Piaceski, Grzebielukas, Mileski, Maciak.

quatro primeiros municípios gaúchos: Santo Antônio da Patrulha. Este município, em 1811, administrava uma área total de 34.184 km². Em 1986, o distrito de Lagoa Vermelha emancipa-se de Santo Antônio da Patrulha. Em 1989, Alfredo Chaves emancipa-se de Lagoa Vermelha. Em 1924 Nova Prata consegue emancipar-se de Alfredo Chaves e, em 1988, é o distrito de Vista Alegre que se emancipa de Nova Prata, denominando-se agora Vista Alegre do Prata, tendo em vista já haver outro município no Estado com o nome Vista Alegre.

Segundo Galeazzi (2004), o núcleo do distrito foi criado em 1901. A capela de São José surge no ano seguinte, e, em 1910, o distrito passa a contar com uma escola. Os primeiros registros da colonização do município datam do final do século XIX – 1884 e 1891. Galeazzi (2004) afirma que em 1891 grandes levas de poloneses foram instaladas em duas linhas da localidade: Linha 6^a General Osório e Linha 7^a Senador Otaviano. Até hoje essas são as duas linhas que mais concentram descendentes de poloneses. Na Linha 5^a Bento Gonçalves predominam descendentes de italianos.

Com relação à imigração italiana no município, menciona-se a chegada das primeiras famílias em 1884, vindas do Norte da Itália, em maior parte de Vêneto. As famílias chegaram a Alfredo Chaves e, depois de receber o número do lote e ferramentas para trabalhar na lavoura, os homens partiam para encontrar e tomar posse do lote ao qual foram designados. Algo interessante é que os homens procuravam um local próximo a fontes de água para construir a primeira moradia e, apenas depois de encontrarem o lote e estabelecerem-se, voltavam à sede do município para buscar o restante da família.

Passadas algumas décadas, o distrito já contava com uma interessante organização econômica e comercial. Em 1939, o então chamado distrito de Augusto Severo contava com três casas comerciais, dois moinhos de erva-mate, um hotel, uma alfaiataria, uma casa de carpintaria e marcenaria, um dentista, três engenhos de água, várias ferrarias, uma funilaria, mascates, selarias, serrarias e uma empresa de ônibus. Ou seja, cerca de 50 anos depois da chegada dos primeiros imigrantes, tem-se notícia de um povoado organizado economicamente.

Em 1937, a primeira escola dá lugar a uma escola estadual – Grupo Escolar Alexandre de Gusmão, cujo nome, em 1959, altera-se para Grupo Escolar Monsenhor Peres – hoje Colégio Estadual Monsenhor Peres. Há registros de, no ano de 1940, a escola ter mais de 60 alunos matriculados nas quatro séries oferecidas. Atualmente o município conta também com uma escola municipal, que oferece pré-escola e os primeiros anos do Ensino Fundamental. No colégio estadual são oferecidos os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Uma importante característica da formação histórica da localidade é a religiosidade. Segundo Galeazzi (2004), logo depois da chegada dos imigrantes foram estabelecidas as primeiras capelas católicas. Até hoje cada comunidade promove uma festa católica anual; há comunidades que honram mais de um santo e promovem mais de uma festa por ano, como a sede – Paróquia de São José –, que promove em março a festa a São José, uma importante celebração que conta com o apoio da comunidade e integra número considerável de pessoas do município e da região, e em agosto organiza a festa a São Roque, padroeiro dos colonos.

Outro acontecimento que integra a comunidade há alguns anos é a realização do rodeio regional, sempre no mês de fevereiro. Além dos vista-alegrenses, pessoas de outras cidades do Estado prestigiam o evento.

Atualmente, prevalecem no município habitantes adultos e idosos, pois a quase inexistência de indústrias na cidade e o desejo de cursar ensino superior estimulam os jovens que concluem o Ensino Médio a buscar emprego e educação superior em cidades vizinhas, principalmente Nova Prata e Guaporé, que contam com unidades universitárias.

Dessa forma, Vista Alegre do Prata tem sua economia basicamente calcada na agropecuária e, por não oferecer outros atrativos em termos de emprego e educação aos habitantes jovens, a cada ano que passa mais vista-alegrenses deixam seu torrão natal em busca de oportunidades em outras cidades. As pessoas que vivem no município, no entanto, exprimem um sentimento de pertencimento bastante forte relacionado a “Vista Alegre” – como em geral chamam a cidade – e, mesmo informantes mais jovens, que pretendem sair do município para estudar, afirmam que, se pudessem ter acesso a melhores empregos e curso superior no município, nele permaneceriam.

3.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados constitui importante procedimento nos estudos variacionistas. Uma vez que se deseja obter dados de fala espontânea – o vernáculo do falante –, foi elaborada uma ficha social para colher informações sobre o falante (Apêndice A), conforme orientação de Silva (2010). Com o preenchimento da ficha, foi possível saber, entre outras informações, sobre atividades de lazer e assuntos de maior interesse do informante. Esses tópicos serviram para complementar o roteiro de entrevista (Apêndice B) utilizado para conduzir a conversa estabelecida com cada informante.

Não foi realizada uma observação sistemática da comunidade, tendo em vista que a autora deste estudo viveu no município durante 17 anos, é membro da comunidade, conhecia

a maioria dos moradores e, por isso, dispunha de informações sobre as práticas sociais do local. Sabia, por exemplo, que homens e mulheres residentes na zona rural passam a maior parte do dia envolvidos nas tarefas agrícolas, e que, por conseguinte, só poderia chegar à residência desses informantes no início ou final da tarde, quando não estivessem se dedicando ao trabalho.

As 24 entrevistas que constituíram a amostra foram realizadas de março a maio de 2012, após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS (registro CEP 11/05697). Com o objetivo de explicitar algumas características das entrevistas, apresentamos o Quadro 1. A escolha dos fatores apontados fundamentou-se em Bailey e Tillery (2004, p. 14), estudo no qual os autores mostram, entre outros aspectos, como características relacionadas à coleta de dados interferem nos resultados de pesquisas sociolinguísticas. Apontamos ainda o fator local da entrevista, a exemplo de Machry da Silva (2009, p. 60).

Quadro 1 - Fatores relacionados a cada entrevista

Informante	Fatores relacionados à situação da entrevista					
	Entrevistadora e informante: membros da mesma comunidade	Familiaridade entre entrevistadora e informante	Utilização do roteiro para a entrevista	Presença de outros interlocutores	Entrevistadora e informante do mesmo sexo	Local da entrevista: casa do informante
01						
02						
03						
04						
05						
06						
07						
08						
09						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						
19						
20						
21						
22						
23						
24						

O primeiro fator que mencionamos no Quadro 1 refere-se ao fato de a pesquisadora e o informante serem membros da mesma comunidade. Fica minimizado, por hipótese, o efeito que entrevistadores diferentes exerceriam sobre os informantes, bem como possíveis acomodações por parte dos sujeitos ao dialeto do entrevistador, já que a pesquisadora é membro da comunidade e utiliza a mesma variedade de fala que os informantes.

O segundo fator aponta para a familiaridade entre entrevistadora e informantes. Embora informantes e pesquisadora se conhecessem antes da realização entrevista, por tratar-se de uma localidade com relativamente poucos habitantes onde quase todas as pessoas se conhecem, não há relação de familiaridade com nenhum dos informantes.

O terceiro aspecto mencionado diz respeito à utilização do roteiro para a realização de todas as entrevistas. Em todas as entrevistas surgiram outros tópicos, além daqueles mencionados no roteiro, no entanto, o roteiro permitiu que todas contivessem temas em comum.

O quarto fator que mencionamos refere-se à presença de outros interlocutores durante a realização da entrevista. Em 10 das 24 entrevistas estiveram presentes outros interlocutores, sempre membros da família do informante.

Outro fator mencionado no Quadro 1 é o fato de entrevistadora e informantes serem do mesmo sexo. Em 12 das 24 entrevistas, informante e entrevistadora eram de sexos diferentes, no entanto, não identificamos dificuldades para a realização da coleta nesses casos; a utilização do roteiro pode ter atenuado diferenças relacionadas às afinidades para temas de conversa que se supõe existirem entre homens e mulheres.

O último fator que mencionamos refere-se ao local da entrevista, e aponta que todas elas foram realizadas na casa do informante. O fato de as 24 entrevistas terem sido realizadas na residência de cada informante atenua o efeito mais formal que outros locais, como lugares desconhecidos ao sujeito ou seu local de trabalho, poderiam exercer sobre a situação de entrevista.

Mostramos a seguir informações referentes à constituição da amostra e aos critérios para seleção dos informantes.

3.2.1 Constituição da amostra

Escolhida a comunidade de fala para a obtenção dos dados, foi necessário definir o número de informantes para a constituição da amostra. De acordo com Silva (2010, p. 119), o número de falantes a serem contatados depende de cinco fatores:

- a) *homogeneidade da população*: embora todos os falantes de uma comunidade tenham acesso à sua língua, a heterogeneidade da comunidade instiga estudar possíveis diferenças entre sexo, classes sociais, faixas etárias; quanto mais homogênea for a comunidade menos variáveis serão encontradas, e isso tem implicação para o número de indivíduos a serem selecionados;
- b) *número de variáveis pesquisadas*: a constituição da amostra depende do número de variáveis extralinguísticas e do número de fatores em cada variável definidos pelo pesquisador;
- c) *fenômeno*: há fenômenos linguísticos mais homogêneos que outros; portanto, em se tratando de um fenômeno com muita variação, há que se verificar seu uso em um número maior de falantes;
- e) *método*: no caso de se usarem técnicas estatísticas sofisticadas, que aumentam a precisão dos resultados, é possível diminuir a amostra;
- f) *orçamento e outras condições materiais*: o pesquisador precisa ser realista ao prever a disponibilidade de material para as entrevistas e de tempo para coleta e transcrição dos dados.

Na presente pesquisa, o número de informantes selecionados ocorreu com base no *método aleatório estratificado* (SILVA, 2010), em que se divide a população em células compostas de indivíduos que apresentam as mesmas características sociais, como, no caso deste estudo, faixa etária, sexo, escolaridade. Determinadas as células, preenche-se cada uma delas aleatoriamente. Assim, para constituir a amostra desta dissertação, os informantes foram selecionados conforme a estratificação nas três variáveis indicadas: a variável faixa etária foi segmentada em três fatores, a variável sexo compreende dois fatores, assim como a variável escolaridade. Multiplicando-se o número de fatores (3 x 2 x 2) obtém-se o número de 12 células. Dessa forma, inicialmente, para cada célula ficou definido o número de dois informantes, totalizando 24 indivíduos a serem contatados.

No entanto, apesar dessa projeção inicial, na busca por informantes que preenchessem as características sociais, foram encontrados os seguintes fatos relacionados à idade e escolaridade: não há na localidade pessoas de 15 a 35 anos que tenham apenas escolaridade de nível fundamental, ou seja, todos os indivíduos dessa faixa etária concluíram ou já estão cursando o Ensino Médio; também não encontramos pessoas com mais de 58 que tivessem iniciado ou concluído o Ensino Médio. Como este nível de escolaridade começou a ser oferecido no colégio estadual da cidade há menos de 20 anos, isso de certa forma explica o último fato apontado. Assim, todos os informantes da amostra na faixa etária de 15 a 35 anos

têm Ensino Médio (completo ou incompleto), e todos os indivíduos com mais de 58 anos têm Ensino Fundamental (completo ou incompleto). Tendo em vista esses fatos, e também por ter havido acesso a pessoas com Ensino Superior, optou-se por preencher os espaços que seriam ocupados por quatro indivíduos com Ensino Médio e mais de 58 anos com indivíduos com Ensino Superior, sem nenhuma estratificação por faixa etária, apenas por sexo – dois homens e duas mulheres. Para um melhor entendimento, a constituição da amostra pode ser visualizada no Quadro 2.

Quadro 2 - Composição das células

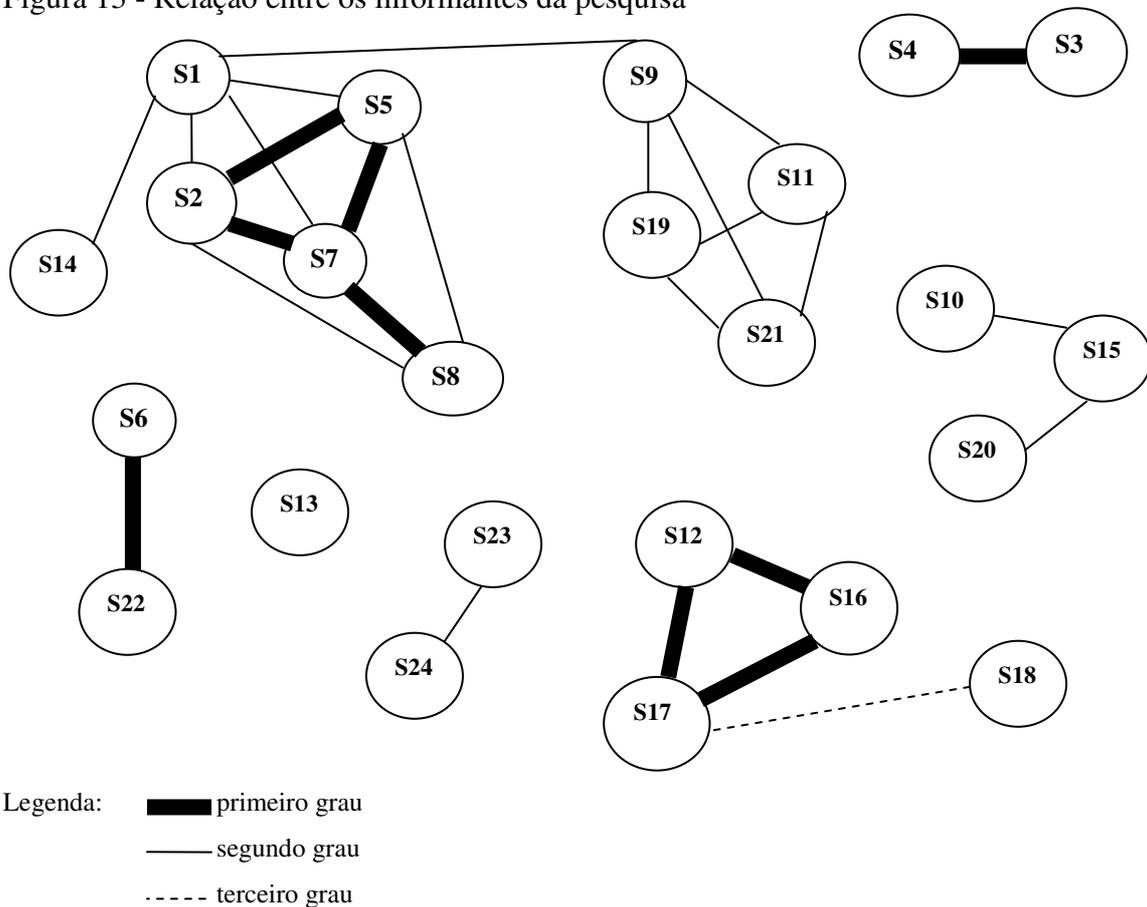
Célula 1	sexo masculino entre 15 e 35 anos Ensino Médio (4 informantes)	Célula 6	sexo feminino entre 15 e 35 anos Ensino Médio (4 informantes)
Célula 2	sexo masculino entre 36 e 57 anos Ensino Fundamental (2 informantes)	Célula 7	sexo feminino entre 36 e 57 anos Ensino Fundamental (2 informantes)
Célula 3	sexo masculino entre 36 e 57 anos Ensino Médio (2 informantes)	Célula 8	sexo feminino entre 36 e 57 anos Ensino Médio (2 informantes)
Célula 4	sexo masculino 58 anos ou mais Ensino Fundamental (2 informantes)	Célula 9	sexo feminino 58 anos ou mais Ensino Fundamental (2 informantes)
Célula 5	sexo masculino entre 15 e 35 anos Ensino Superior (2 informantes)	Célula 10	sexo feminino entre 36 e 57 anos Ensino Superior (1 informante)
Célula 11	sexo feminino entre 15 e 35 anos Ensino Superior (1 informante)		

Há, portanto, duas células com quatro indivíduos cada (homens e mulheres de 15 a 35 anos com Ensino Médio) e duas células com apenas um indivíduo (mulheres com Ensino Superior).

Embora não seja um aspecto a ser analisado quantitativamente na presente dissertação, convém mencionar que todos os informantes se conhecem, e alguns deles fazem parte da mesma família, como pai e filha, irmãos, tio e sobrinha. Milroy (2002) analisa o papel das redes sociais – conjunto de relações que um indivíduo mantém com outros – no uso variável de formas linguísticas. Battisti et al. (2007), fundamentados em Milroy (2002), Blake

e Josey (2003), e outros pesquisadores, investigam o papel das redes sociais e estratificam da seguinte forma os graus de relacionamento da amostra que estudam: *primeiro grau* (1A - marido/mulher; 1B - pais/filhos; 1C - colega de trabalho com interação); *segundo grau* (2A - tios/sobrinhos/primos/cunhados; 2B - amigos íntimos; 2C - vizinho íntimo; 2D - colega de associação com interação); *terceiro grau* (3A - amigo não íntimo; 3B - vizinho não íntimo; 3C - colega de trabalho sem interação; 3D - colega de associação sem interação; 3E - tios/sobrinhos/primos/cunhados). Adaptamos a estratificação de Battisti et al. (2007) no sentido de mostrar apenas se a relação é de primeiro, segundo ou terceiro grau, quando a relação existe, como na Figura 13. Cada círculo representa um sujeito (S).

Figura 13 - Relação entre os informantes da pesquisa



Todas as relações de primeiro grau indicadas são de irmãos ou pai/ filho (este apenas para S7 e S8). As relações de segundo grau que se estabelecem são em sua maioria entre primos (S23 e S24; S15 e S20) ou entre tio(a)/ sobrinho(a) (S1 e S9; S9 e S11, S19 e S21). A única relação de terceiro grau que se estabelece é entre S17 e S18 – vizinhos não íntimos. S13 é o único informante que não tem nenhum tipo de relação com os demais, embora os conheça. Evidenciamos, assim, com a Figura 13, a relação entre os informantes desta pesquisa.

3.2.2 Critérios para seleção dos informantes

Foram considerados os seguintes critérios para a inclusão dos informantes:

- a) o informante deveria ser filho de pessoas da comunidade;
- b) o informante deveria ter vivido no mínimo 2/3 de sua vida no município;
- c) o informante deveria ter pai e mãe descendentes de imigrantes poloneses.

Os critérios *a* e *b* garantem que o indivíduo possa ser caracterizado como um falante representativo da comunidade. O critério *c* foi incluído para que fossem coletados dados de fala de indivíduos descendentes de poloneses cujo núcleo familiar tivesse o mínimo de contato com descendentes de italianos. Tendo em vista já haver estudos sobre a fala em grupos de descendentes de italianos (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994; ROVEDA, 1998), optou-se, neste estudo, por considerar a fala de descendentes de poloneses, grupo étnico cuja fala ainda não foi considerada em estudos de variação linguística no Rio Grande do Sul, exceção feita a Mallmann (2001), que apresenta dados de um informante descendente de poloneses de Santo Ângelo - RS.

Importa mencionar que todos os informantes apresentam algum nível de bilinguismo. Dos 24 informantes desta pesquisa, 11 (45,8%) afirmam que falam e/ou entendem, além do português, tanto o polonês quanto o dialeto italiano falados na localidade. Outros 10 informantes (41,7%) consideram-se bilíngues português-polonês. Os outros três informantes (12,5%) são bilíngues português-dialeto italiano, embora descendentes de imigrantes poloneses. Fazem parte deste último grupo informantes do sexo masculino da faixa etária mais jovem, nenhum com mais de 25 anos. Os 4 informantes da faixa etária 3 (58 anos ou mais) relataram que aprenderam o português somente quando começaram a ir para a escola, por volta dos 7 anos de idade, pois em casa falava-se apenas polonês.

3.3 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Na pesquisa sociolinguística, para se analisar uma regra variável, primeiramente define-se a variável dependente, ou seja, o fenômeno de variação que se deseja estudar, delimitando todas as variantes possíveis para a variável. Feito isso, definem-se as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas, bem como seus fatores, que, por hipótese, têm influência no fenômeno variável em estudo.

3.3.1 Variável dependente

A variável dependente é constituída de formas alternativas dentro do mesmo sistema. Conforme Mollica (2010), uma variável é entendida como dependente se o uso das variantes que a compõem não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores sociais ou linguísticos.

Na definição da variável dependente desta pesquisa foram consideradas duas formas:

produção com elevação da vogal média átona final: bol[u], mol[i]

produção sem elevação da vogal média átona final: bol[o], mol[e]

Considerando-se os resultados de trabalhos anteriores sobre o mesmo fenômeno variável, a hipótese norteadora é de que a comunidade em estudo apresente índice baixo de aplicação da regra de elevação das vogais médias átonas finais. Estudos como o de Schmitt (1987), Vieira (1994) e Roveda (1998) atestam que o grupo de descendentes italianos são os que menos praticam a referida regra se comparados a grupos de fronteiriços, alemães e metropolitanos. Como a comunidade é descendente de italianos e poloneses, embora os dados sejam apenas de falantes de descendência polonesa, espera-se que o índice de aplicação assemelhe-se ao de comunidades bilíngues português-italiano.

Considerando-se ainda os resultados de estudos anteriores, espera-se que a elevação da vogal anterior média átona final apresente menor índice de aplicação do que a vogal posterior na mesma posição.

3.3.2 Variáveis independentes linguísticas

Tomando por base os estudos anteriores sobre a regra variável de elevação das vogais médias átonas finais (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994, 2002, 2010; ROVEDA, 1998; CARNIATO, 2000; MALLMANN, 2001; e MACHRY DA SILVA, 2009), neste estudo, serão controladas as seguintes variáveis independentes linguísticas: Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Contexto Vocálico da Sílabla Tônica, Localização da Vogal Átona na Palavra, Tipo de Sílabla, Classe Gramatical e Distância da Sílabla Tônica.

A descrição de cada uma das variáveis em termos de fatores que a compõem e da hipótese sobre o seu comportamento será apresentada nos itens que seguem.

3.3.2.1 Contexto Precedente

O controle dessa variável permite verificar se o segmento que antecede a vogal média átona final tem papel na regra de elevação. Essa variável compõe-se dos seguintes fatores:

coronal [+ant]: den[t]e, pon[t]o

coronal [-ant]: pei[ʃ]e, ma[ʃ]o

labial: so[b]e, tom[b]o

dorsal: le[k]e, fi[k]o

segmentos [s, z]: to[s]e, o[s]o

vogal alta: contin[u]e, sér[j]e, contin[u]o, sér[j]o

O contexto precedente à vogal mostrou papel nos primeiros trabalhos sobre elevação vocálica na posição pretônica no Rio Grande do Sul (BISOL, 1981; BATTISTI, 1993; SCHWINDT, 1995), e também nos trabalhos sobre elevação da postônica final e não final (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994, 2002, 2010; ROVEDA, 1998; CARNIATO, 2000; MALLMANN, 2001; e MACHRY DA SILVA, 2009).

Ressalta-se que, como pôde ser visto na revisão dos estudos variacionistas sobre elevação vocálica, cada pesquisa organizou seus fatores de forma distinta para esta variável.

Com relação à elevação de /e/, espera-se que as consoantes dorsais e coronais [-ant] favoreçam a aplicação da regra, como nos estudos de Schmitt (1987), Vieira (2010) e Machry da Silva (2009), assim como os segmentos [s, z] e consoantes labiais, que mostraram papel favorecedor nos estudos de Vieira (2002) e Machry da Silva (2009).

Com relação à elevação da vogal /o/, espera-se que tenham papel favorecedor as consoantes labiais, como nos estudos de Bisol (1981) e Schwindt (1995) sobre a pretônica, e nos trabalhos de Schmitt (1987), Vieira (1994, 2010) e Roveda (1998) para a posição postônica final.

3.3.2.2 Contexto Seguinte

O controle dessa variável permite observar se o contexto seguinte à vogal média átona final exerce algum papel em sua elevação. Assim, os fatores dessa variável são:

coronal [+ant]: quente [d]emais, carro [t]rancado

coronal [-ant]: ponte [ʃ]eia, muito [ʃ]ato

labial: fosse [m]ais, veio [m]uito

dorsal: sempre [k]orrendo, muito [k]aro

vogal: grande [e]mpresa, muito [e]xtenso

pausa: sempre, logo

Essa variável mostrou ter papel na elevação das vogais médias átonas finais na pesquisa de Schmitt (1987), Carniato (2000), Mallmann (2001) e Machry da Silva (2009), no entanto, como os resultados desses estudos diferem, não é possível formular uma hipótese com base neles. Ainda assim, como a variável teve papel nos estudos citados e também em todos os estudos sobre pretônica, deseja-se verificar o comportamento da variável.

Ressalta-se que, embora estudos como o de Machry da Silva (2009) tenham considerado o fator vogal discriminando processos como degeminação e ditongação, ocorridos no encontro de vogais com qualidade acentual distinta, e tenham sido estes os fatores em contexto seguinte a se mostrarem favorecedores da aplicação regra de elevação para ambas as vogais em posição final, neste estudo, todavia, desconsideramos todos os casos de degeminação, ditongação e elisão, em conformidade com Bisol (1992, p. 83), pois, nesses casos de sândi, “a sílaba que se forma é incorporada à pauta prosódica do vocábulo seguinte”.

3.3.2.3 Contexto Vocálico da Sílaba Tônica

O controle dessa variável permite verificar se a presença de uma vogal alta na sílaba tônica da palavra influencia o processo de elevação da vogal média átona final. Essa variável é composta por dois fatores:

com vogal alta: vinte, único

sem vogal alta: série, macho

A hipótese deste estudo é de que a presença de vogal alta na sílaba tônica crie contexto para a elevação das vogais médias átonas finais, uma vez que em estudos como o de Vieira (1994, 2002, 2010) e Machry da Silva (2009) o fator com vogal alta, esteja ela na posição tônica ou não, favoreceu a aplicação da regra de elevação tanto de /e/ quanto de /o/.

3.3.2.4 Localização da Vogal Átona na Palavra

O controle dessa variável permite verificar se o fato de a vogal média átona final estar no tema da palavra ou no sufixo (seja ele flexional ou derivacional) exerce influência sobre o seu acento. A variável compõe-se, portanto, de dois fatores:

no tema: sempre, logo

no sufixo: cantasse, menininho

Machry da Silva (2009) encontrou em sua amostra comportamento distinto para as vogais /e/ e /o/ com relação a esta variável. A vogal média átona anterior, quando em posição postônica final, apresenta tendência ao acento quando está no tema da palavra, e a vogal média posterior postônica final tende ao acento quando no sufixo.

A hipótese deste estudo, portanto, é que as vogais /e/ e /o/ apresentem comportamento semelhante ao encontrado por Machry da Silva (2009).

3.3.2.5 Tipo de Sílabas

Controlar o tipo de sílaba em que se encontra a vogal média átona final permite verificar se a estrutura silábica exerce influência no fenômeno do acento. Considerando-se as possibilidades de realização de coda silábica do português brasileiro, foram determinados os seguintes fatores para essa variável:

com coda /r³: revólver

com coda /l/: nível

com coda /S/: antes, livros

com coda /N/: ontem

sem coda: sempre, canto

com apagamento de coda: os cheque, nós fomo

Nos estudos de Vieira (1994, 2002, 2010), Roveda (1998) e Machry da Silva (2009), essa variável mostrou papel na regra de elevação, e em todos eles o fator coda /S/ foi indicado

³ Representamos desta forma porque é o tepe que se realiza em coda silábica no Rio Grande do Sul.

como favorecedor da elevação de ambas as vogais – exceção feita a Vieira (2010), em que essa variável não foi selecionada para a vogal /o/. Em Vieira (1994), sílabas sem coda também favoreceram a elevação da vogal média anterior.

Tendo em vista os resultados desses estudos, portanto, a hipótese desta dissertação com relação a essa variável é de que sílabas com coda /S/ favoreçam a aplicação da regra de elevação para ambas as vogais.

No que se refere à vogal /e/, espera-se que sílabas sem coda também se mostrem favoráveis à elevação.

3.3.2.6 Distância da Sílabas Tônicas

O controle da distância entre a sílaba tônica e a sílaba em que se encontra a vogal média átona final possibilita verificar se o fato de a palavra ser paroxítona ou proparoxítona influencia o processo de elevação da vogal média átona final. Assim, considerando-se que o acento pode cair em uma das três últimas sílabas no português, e excluindo-se deste estudo as oxítonas, essa variável compõe-se pelos seguintes fatores:

adjacente à sílaba tônica: leque, fato

não adjacente à sílaba tônica: prótese, lógico

Dos estudos referentes à elevação das vogais médias postônicas considerados nesta dissertação, apenas Mallmann (2001) controlou tal variável sob a denominação Tonicidade dos Vocábulos, que foi considerada irrelevante para a aplicação da regra naquela amostra. Ainda assim, tendo em vista que a posição postônica final é a que porta maior atonicidade, espera-se que haja tendência à elevação em palavras proparoxítonas, ou seja, quando a vogal média átona final está em sílaba não adjacente à sílaba tônica.

3.3.2.7 Classe Gramatical

Controlar a variável Classe Gramatical permite verificar se há comportamento distinto com relação à elevação das vogais médias átonas finais em vocábulos de classes gramaticais distintas. Foram consideradas na amostra as seguintes classes:

numeral: vinte, oito

substantivo: cheque, bolo

verbo: quisesse, fomos

adjetivo: leve, bonito

advérbio: sempre, cedo

advérbio terminado em -mente: naturalmente, simplesmente

Dentre os estudos sobre elevação da vogal média átona final que controlaram a variável Classe gramatical (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994; ROVEDA, 1998; MALLMANN, 2001; e MACHRY DA SILVA, 2009), apenas Roveda (1998) e Machry da Silva (2009) tiveram essa variável selecionada como relevante para a aplicação da regra. No primeiro estudo, /e/ mostrou-se mais suscetível à elevação na classe dos verbos, e a classe dos advérbios mostrou resultados acima do ponto neutro para /o/. No estudo de Machry da Silva (2009), a elevação de /e/ foi favorecida em numerais, verbos e advérbios, e a elevação de /o/, em adjetivos.

Tendo em vista tais resultados, espera-se que neste estudo a elevação de /e/ seja favorecida na classe dos verbos, numerais e advérbios, e a elevação de /o/, na classe dos adjetivos e dos advérbios.

3.3.3 Variáveis independentes extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas ou sociais englobam fatores de natureza social que podem influenciar a escolha pelo uso de uma forma linguística. Dentre os estudos sobre elevação das vogais médias em pauta postônica no Rio Grande do Sul, Vieira (1994, 2002), Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001) e Machry da Silva (2009) tiveram variáveis sociais influenciando a aplicação da regra. Além das variáveis selecionadas nesses estudos – Sexo, Faixa Etária e Escolaridade, buscaremos verificar também se variáveis como Ocupação Profissional e Local de Residência têm alguma influência para a elevação das vogais /e/ e /o/ em pauta postônica final.

3.3.3.1 Sexo

O controle da variável Sexo permite verificar o comportamento de homens e mulheres com relação à elevação das vogais médias átonas finais. Os fatores dessa variável são:

masculino

feminino

Paiva (2010) fundamenta-se em resultados de estudos variacionistas que controlaram a variável sexo/ gênero para afirmar que se pode notar uma preferência das mulheres pelo uso de formas linguísticas prestigiadas socialmente. A partir dos resultados dos estudos sobre elevação das vogais médias átonas finais no Rio Grande do Sul em que essa variável foi selecionada (VIEIRA, 1994; ROVEDA, 1998; MALLMANN, 2001; e MACHRY DA SILVA, 2009), não é possível formular uma hipótese sobre o comportamento dessa variável, uma vez que, a depender do estudo, tanto homens quanto mulheres foram indicados como favorecedores da aplicação da regra de elevação para ambas as vogais.

Considerando-se a afirmação de Paiva (2010), espera-se que as mulheres utilizem mais a forma com elevação do que os homens, tendo em vista que a elevação das vogais médias átonas finais, ao constituir regra categórica em regiões do Estado – como a metropolitana –, pode ser considerada a forma de prestígio, ou seja, a forma não marcada regionalmente.

3.3.3.2 Faixa Etária

O controle da variável Faixa Etária permite verificar se há diferença na aplicação da regra de elevação da fala de indivíduos de idades diferentes. Foram estabelecidos três fatores para essa variável:

faixa etária 1: de 15 a 35 anos

faixa etária 2: de 36 a 57 anos

faixa etária 3: com 58 anos ou mais

Labov (2008 [1972], p. 319-321) apresenta estudos que verificaram o uso distinto de determinadas formas linguísticas de acordo com a faixa etária do informante. Nessa análise,

constatou o papel relevante dessa variável em certos fenômenos linguísticos em que a implementação da regra foi favorecida pelo grupo dos falantes mais jovens (por exemplo, ditongação de ϵ - ϵ^1 por falantes de francês na Suíça).

Nos estudos sobre elevação das vogais médias postônicas com dados do Rio Grande do Sul, Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001) e Machry da Silva (2009) apontaram o grupo dos mais jovens como favorecedores da aplicação da regra de elevação. Tendo em vista tais resultados, espera-se também no presente estudo que sejam os indivíduos das faixas etárias 1 e 2 aqueles a utilizarem mais a forma com elevação.

3.3.3.3 Escolaridade

O controle da variável Escolaridade permite verificar se indivíduos de nível de escolaridade distinto apresentam comportamento diferenciado com relação à elevação das vogais médias átonas finais. Dessa forma, essa variável é composta por três fatores:

Ensino Fundamental (completo ou incompleto)

Ensino Médio (completo ou incompleto)

Ensino Superior (completo ou incompleto)

Sabe-se da importância do papel da escola com relação ao uso da linguagem. Votre (2010, p. 51) aponta a escola como modificadora tanto da fala quanto da escrita das pessoas, e argumenta que ela atua também como preservadora das formas de prestígio. Segundo o autor, o nível de escolaridade está correlacionado à consciência do domínio da língua padrão pelos informantes: quanto maior o nível de escolaridade, mais consciência o indivíduo tem da forma de prestígio.

Os resultados dos estudos já realizados sobre o fenômeno focado nesta dissertação apontam para uma maior frequência de uso da forma com elevação entre informantes com escolaridade média e superior (MALLMANN, 2001 e MACHRY DA SILVA, 2009). Dessa forma, espera-se que na amostra da presente dissertação os informantes com Ensino Médio e os com Ensino Superior utilizem mais a forma com elevação do que informantes com Ensino Fundamental.

3.3.3.4 Ocupação Profissional

Embora os informantes não tenham sido estratificados de acordo com a variável extralinguística Ocupação Profissional, julgamos que uma separação dos informantes de acordo com a ocupação que exercessem poderia nos mostrar diferenças relacionadas à aplicação da regra de elevação. Assim, consideramos dois fatores para essa variável, de acordo com a demanda de fala exigida pela ocupação profissional do informante:

alta demanda de fala: professor, atendente, cabeleireira, estudante, motorista, auxiliar administrativo, agente de saúde, técnico de enfermagem

baixa demanda de fala: agricultor, operador de máquinas, merendeira, dona de casa, vigilante, embaladora, pedreiro, repositor de mercadorias

Mollica (2010a), ao abordar a relevância de variáveis extralinguísticas no estudo de regras variáveis, afirma que em uma sociedade como a brasileira, linguística e socialmente complexa, é possível pensar em diferentes indicadores sociais que têm papel no estabelecimento do perfil sociolinguístico dos falantes: “origem social, renda, acesso a bens materiais e culturais são alguns deles, assim como tipo de ocupação, grau de inserção em redes sociais e outros” (MOLLICA, 2010a, p. 29).

Jardim (2006) propõe três segmentações de acordo com a importância que a voz assume em diferentes profissões. Entre as profissões em que a voz assume grande importância, a autora aponta: professor, ator, cantor, operador de telemarketing, apresentador de televisão, locutor radialista, jornalista. A voz tem importância moderada, de acordo com a autora, nas seguintes profissões: advogado, médico, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, dentista, fisioterapeuta, psicólogo, vendedor, secretária. A voz assume pequena importância, segundo a autora, nas profissões: controlador de voo, pedreiro, segurança, porteiro, empregada doméstica. Conforme Jardim (2006) explicita no estudo, essa classificação é feita de acordo com a demanda vocal que o trabalho exige, com a aceitação do profissional no mercado de trabalho e com a influência da voz no produto do trabalho.

A separação dos informantes desta amostra de acordo com a ocupação profissional foi realizada a partir da hipótese de que os informantes cuja profissão tem alta demanda de fala mostrarão maior frequência de aplicação da regra de elevação das vogais médias átonas finais. Justifica-se essa hipótese tendo em vista que, se a profissão do informante exige que ele fale frequentemente, isso decorre do fato de ele ter contato com público (como

professores, atendentes, técnicos de enfermagem), diferentemente de agricultores ou donas de casa, por exemplo, cuja rotina de trabalho é essencialmente doméstica e o contato verbal mais frequente se estabelece com pessoas de seu núcleo familiar.

Os informantes da amostra estão assim distribuídos: 6 agricultores(as), 2 donas de casa, 1 vigilante, 1 operador de máquinas, 1 embaladora, 1 repositor de mercadorias, 1 servente, 1 pedreiro (baixa demanda de fala); 2 estudantes, 2 motoristas, 1 professora, 1 técnico de enfermagem, 1 agente de saúde, 1 auxiliar administrativo, 1 atendente, 1 cabeleireira (alta demanda de fala).

3.3.3.5 Local de Residência

Como ocorreu na variável Profissão, também não houve estratificação dos informantes para a variável Local de Residência. No entanto, com a realização das entrevistas, surgiu a hipótese de que o controle do local de residência dos informantes como uma variável poderia mostrar o comportamento diferenciado dos falantes com relação ao uso de elevação das vogais médias átonas finais. Assim, a variável foi composta por dois fatores:

zona urbana

zona rural

Há diferentes estudos sobre regra variável que consideraram a variável Local de Residência. Battisti et al. (2007) analisam o fenômeno de palatalização das oclusivas alveolares em Antônio Prado – RS e mostram em sua análise que os informantes residentes na zona urbana do município favorecem o uso da forma palatalizada, ao passo que entre os informantes da zona rural a aplicação da regra é pouco favorecida. Os autores afirmam que a forma com palatalização é inovadora na comunidade de Antônio Prado – RS.

Semelhantemente, neste estudo, espera-se que o uso da forma com elevação seja favorecido pelos informantes da zona urbana.

3.4 CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Para realizar a codificação dos dados, é necessário escolher previamente um código para cada fator de cada variável considerada no estudo. Estabelecidos os códigos e de posse das ocorrências, pode-se realizar a codificação de cada uma delas para posterior leitura do

programa de análise estatística.

Mostramos a seguir o exemplo de uma ocorrência com a vogal média átona /o/ e da codificação correspondente:

ocorrência	codificação
'oju de	1tdSTa152MmAr

No exemplo de codificação, o primeiro símbolo refere-se à variável dependente. Como a palavra foi produzida com elevação, o símbolo para essa variável é **1** – produzido com elevação. O segundo símbolo, **t**, refere-se à variável Contexto Precedente, e indica que o segmento que precede a vogal é uma consoante coronal [+anterior]. O símbolo **d** refere-se ao fator coronal [+anterior] da variável Contexto Seguinte. O símbolo **S** refere-se à variável Contexto Vocálico da Sílabla Tônica, e indica que a palavra não apresenta uma vogal alta nessa posição. O símbolo **T** indica que a vogal média átona encontra-se no tema da palavra. O **a** indica que a vogal encontra-se em uma sílaba aberta. O **1** indica que não há sílaba separando a sílaba tônica da palavra e a sílaba onde se encontra a vogal átona. O **5** refere-se ao fator numeral da variável Classe Gramatical. O **2** indica que a palavra foi produzida por um informante da faixa etária 1, entre 15 e 35 anos. O **M** indica que o informante é do sexo masculino. O **m** indica que o informante possui escolaridade média. O **A** indica que a ocupação profissional do informante possui baixa demanda de fala. E, por fim, o **r** indica que o informante reside na zona rural do município.

Depois de codificar os dados, os arquivos gerados, para a vogal /e/ e para a vogal /o/, puderam ser submetidos ao programa de análise estatística Rbrul, que será descrito na próxima seção.

3.5 INSTRUMENTO DE ANÁLISE ESTATÍSTICA

Os dados sobre elevação das vogais médias átonas finais em Vista Alegre do Prata - RS foram submetidos ao programa de análise estatística Rbrul (JOHNSON, 2009), que permite, entre outras funções, analisar dados linguísticos de regras variáveis. De acordo com Johnson (2009), programas de regras variáveis avaliam o efeito que múltiplos fatores, linguísticos ou extralinguísticos, podem exercer na escolha de uma forma linguística. No manual do programa (JOHNSON, 2012), o autor afirma ainda que o Rbrul foi inspirado em programas que o antecederam, como VARBRUL e Goldvarb, e realiza, assim como esses,

regressões múltiplas do tipo *one-level*, *step-up/ step-down* e cruzamentos. Uma diferença importante entre o Rbrul e o Goldvarb é que o Rbrul permite a análise de variáveis nominais e contínuas, ao passo que o Goldvarb analisa somente variáveis nominais.

A análise do tipo *one-level* considera todos os fatores dos grupos escolhidos e fornece os resultados em termos de frequência de aplicação, peso relativo e *log-odds* de cada um deles. A análise *step-up* realiza sequências de iterações entre todos os grupos de fatores e informa quais são as variáveis que influenciam a variável dependente, bem como a frequência de aplicação, peso relativo e *log-odds* de cada um dos fatores. A análise *step-down* faz iterações com objetivo oposto da *step-up*, ou seja, busca, mediante as iterações, encontrar os grupos de fatores menos significativos para aplicação da regra. Os cruzamentos, por fim, permitem verificar se há independência e interação entre variáveis linguísticas e sociais. Na amostra desta dissertação, por exemplo, se realizarmos um cruzamento entre as variáveis extralinguísticas Faixa Etária e Escolaridade, encontraremos casas vazias, pois, como explicitado anteriormente, não há informantes da faixa etária 3 com escolaridade média ou superior, nem informantes da faixa etária 1 com escolaridade fundamental.

Para realizar a análise dos dados, primeiramente, deve-se criar um arquivo de ocorrências para cada vogal média átona final utilizando qualquer editor de texto. O Rbrul pode interpretar dados de diferentes tipos de arquivo (Excel, Word, Bloco de Notas). Como citado anteriormente, para criar o arquivo, deve-se definir qual é a variável dependente da pesquisa, as variáveis independentes e seus fatores, bem como os códigos correspondentes a cada fator.

De posse do arquivo de dados, deve-se abri-lo no programa Rbrul, que, através da janela *R Console*, mostrará em colunas numeradas todos os grupos de fatores que compõem o arquivo de dados, inclusive a variável dependente. O próximo passo é nomear cada coluna, ou seja, cada grupo de fatores. Na sequência, o Rbrul mostrará os fatores que compõem cada grupo, o que possibilita ao pesquisador verificar se há algum código indevido e, nesse caso, corrigir o arquivo de dados.

No caso de se verificar erros no arquivo de dados, o Rbrul oferece a opção *Adjust data*, pela qual, na opção *recode*, é possível mudar o código equivocado pelo que lhe corresponde corretamente. A opção *recode* permite também a amalgamação de fatores de uma mesma variável. Quando são recodificados fatores, seja para amalgamação ou para correção, é possível criar um novo grupo de fatores, isto é, uma nova coluna, com os fatores recodificados, a fim de que seja possível analisar os fatores isoladamente, se desejarmos.

De posse do arquivo de dados definitivo, é possível então realizar a análise tipo *step-*

up/ step-down, que indicará quais grupos de fatores têm papel para a regra variável em estudo, o peso relativo de cada fator e o valor de *log-odds*, além de mostrar os grupos que não têm influência sobre o fenômeno variável. O peso relativo é o valor atribuído a cada fator, que varia entre 0,00 e 1,00; o valor 0,50 é considerado neutro. Acima de 0,50, diz-se que o fator é favorecedor e, abaixo de 0,50, pouco favorecedor para a aplicação da regra.

Na análise *step-up/ step-down*, além de mostrar o peso relativo de cada fator, semelhantemente ao Goldvarb, o Rbrul oferece também os resultados em *log-odds*. O valor do *log-odds* deve ser interpretado da seguinte forma: *lod-odds* positivos indicam que o fator é favorável à aplicação da regra, *log-odds* negativos indicam que o fator tem efeito desfavorecedor, e *log-odds* 0 (zero) indicam efeito neutro daquele fator (JOHNSON, 2009, p. 361).

A análise dos dados que instrumentos estatísticos como o Rbrul oferecem é fundamental para verificar os condicionamentos de regras variáveis.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentam-se os resultados da análise estatística dos dados de elevação das vogais médias átonas finais em Vista Alegre do Prata – RS e uma descrição e discussão desses resultados. Em virtude de condicionamentos distintos, as análises das vogais /e/ e /o/ foram realizadas separadamente e assim apresentadas.

Embora o Rbrul realize a análise independentemente de ocorrerem casos de invariabilidade em fatores, diferentemente de programas como Goldvarb, observamos, na primeira rodada de cada vogal, se havia casos de *knockout*, ou seja, de fatores que tivessem 0% ou 100% de aplicação.

Na rodada para a vogal /e/, encontramos invariabilidade, sempre com aplicação zero, em fatores das variáveis Tipo de Sílabas e Distância da Sílabas Tônicas. A discussão referente aos dados da vogal /e/ será apresentada em detalhes no item destinado aos resultados para essa vogal.

Na rodada para a vogal /o/ não houve casos de *knockout*, no entanto, apesar de a primeira rodada para essa vogal não ter apontado erros ou casos de invariabilidade, ao analisar os resultados para cada variável foram encontrados enviesamentos entre valores de frequência e peso relativo/ *log-odds* em fatores das variáveis linguísticas Contexto Precedente, Contexto Seguinte e Classe Gramatical. Observando-se o andamento da rodada, concluímos que a iteração da variável Classe Gramatical com as outras duas (Contexto Precedente e Contexto Seguinte) era responsável pelos enviesamentos. A realização de uma rodada sem considerar a variável Classe Gramatical diminuiu casos de enviesamento e obteve melhor significância ($p=0,0405$ considerando-se Classe Gramatical, e $p=0,0284$ retirando-se tal variável), e os resultados dessa segunda rodada é que serão apresentados.

Antes de apresentar os resultados para a vogal /o/ das variáveis apontadas como relevantes na segunda rodada, mostraremos a distribuição dos dados entre os fatores de Classe Gramatical e as variáveis Contexto Precedente e Contexto Seguinte, bem como os resultados obtidos para Classe Gramatical na primeira rodada, a fim de justificar a retirada de tal variável da análise.

Apresentamos no Quadro 3 a distribuição dos dados dos fatores de Classe Gramatical e Contexto Precedente juntamente com os valores de aplicação da regra, com o objetivo de mostrar a relação pouco ortogonal entre os fatores.

Quadro 3 - Distribuição dos dados e aplicação entre Contexto Precedente e Classe Gramatical - vogal /o/

Classe Gramatical	Contexto Precedente						Total
	labial	vogal alta	dorsal	coronal [+ ant]	coronal [- ant]	segmentos [s, z]	
numeral	0/2 (0,0%)	0/8 (0,0%)	21/127 (16,5%)	31/481 (6,4%)	0/0	0/0	52/618 (8,4%)
substantivo	47/652 (7,2%)	30/593 (5,1%)	100/1.128 (8,9%)	114/3.007 (3,8%)	16/197 (8,1%)	14/245 (5,7%)	321/5.822 (5,5%)
verbo	32/745 (4,3%)	2/83 (2,4%)	30/409 (7,3%)	53/1.837 (2,9%)	67/310 (21,6%)	17/160 (10,6%)	201/3.544 (5,7%)
adjetivo	9/112 (8,0%)	5/89 (5,6%)	26/231 (11,3%)	25/924 (2,7%)	4/17 (23,5%)	1/31 (3,2%)	70/1.404 (5,0%)
advérbio	2/96 (2,1%)	1/51 (2,0%)	17/276 (6,2%)	28/653 (4,3%)	9/57 (15,8%)	0/0	57/1.133 (5,0%)
Total	90/1.607 (5,6%)	38/834 (4,6%)	194/2.171 (8,9%)	251/6.902 (3,6%)	96/581 (16,5%)	32/436 (7,3%)	701/12.521 (5,6%)

Observa-se no Quadro 3 que as ocorrências do fator numeral restringem-se quase absolutamente aos fatores dorsal e coronal [+ant]. Numerais com contexto precedente labial e vogal alta, além de apresentarem poucos dados (2 e 8, respectivamente), não mostram nenhuma aplicação da regra. Não há também ocorrência de numerais com contexto precedente coronal [-ant] e segmentos [s, z]. Contexto precedente [s, z] inexistente ainda na amostra na classe dos advérbios. Além disso, exceto na classe dos substantivos, o fator coronal [-ant] apresenta as maiores frequências de aplicação, independentemente da classe.

Apresentamos no Quadro 4 a distribuição entre os fatores das variáveis Classe Gramatical e Contexto Seguinte.

Quadro 4 - Distribuição dos dados e aplicação entre Contexto Seguinte e Classe Gramatical - vogal /o/

Contexto Seguinte							
Classe Gramatical	coronal [+ant]	dorsal	vogal	labial	pausa	coronal [-ant]	Total
numeral	12/156 (7,8%)	0/45 (0,0%)	35/240 (14,6%)	1/68 (1,5%)	3/79 (3,8%)	0/10 (0,0%)	52/618 (8,4)
substantivo	162/2.293 (7,1%)	16/399 (4,0%)	46/993 (4,6%)	26/653 (4,0%)	70/1.420 (4,9%)	2/64 (3,1%)	322/5.822 (5,5%)
verbo	36/1.033 (3,5%)	63/447 (14,1%)	46/862 (5,3%)	22/598 (3,7%)	34/572 (5,9%)	0/32 (0,0%)	201/3.544 (5,7%)
adjetivo	29/429 (6,8%)	4/97 (4,1%)	8/233 (3,4%)	8/135 (5,9%)	21/497 (4,2%)	0/13 (0,0%)	70/1.404 (5,0%)
advérbio	21/459 (4,6%)	0/76 (0,0%)	9/121 (7,4%)	10/203 (4,9%)	17/268 (6,3%)	0/6 (0,0%)	57/1.133 (5,0%)
Total	260/4.380 (6,0%)	83/1.074 (7,7%)	144/2.449 (5,9%)	67/1.657 (4,0%)	145/2.836 (5,1%)	2/125 (1,6%)	701/12.521 (5,6%)

Nota-se, a partir do Quadro 4, que a distribuição dos dados entre Contexto Seguinte e Classe Gramatical apresenta casos de pouca ortogonalidade, como, por exemplo, apenas 6 ocorrências de contexto seguinte coronal [-ant] para advérbio, embora ocorram dados em todos os contextos. Há um número relativamente menor de ocorrências com contexto seguinte coronal [-ant] em todas as classes, o que pode ser justificado pelo fato de este fator agrupar apenas dois segmentos, [ʃ, ʒ]. A distribuição pouco ortogonal desse fator de Contexto Seguinte com os fatores de Classe Gramatical se reflete na ausência de aplicação da regra em algumas classes com esse contexto, pois além das ocorrências de aplicação zero para contexto seguinte coronal [-ant], que apresenta aplicação da regra apenas com substantivos, não há aplicação da regra em numerais e advérbios com contexto seguinte dorsal. Em suma, todas as classes apresentam relação pouco ortogonal com contexto seguinte coronal [-ant], e numerais e advérbios, com contexto seguinte dorsal. Numerais com contexto seguinte labial apresentam frequência de 1,5% de aplicação da regra, contra os 14,6% de aplicação quando o contexto seguinte é uma vogal. Na classe dos verbos, observa-se a inexistência de elevação quando o

contexto seguinte é uma consoante coronal [-ant], com 32 contextos em que a regra poderia ser aplicada; verbos com contexto seguinte dorsal, no entanto, apresentam 14,1% de aplicação de um total de 447 contextos.

Mostrada a relação pouco ortogonal entre Classe Gramatical e as variáveis Contexto Precedente e Contexto Seguinte, apresentamos a seguir os resultados para a variável Classe Gramatical obtidos na primeira rodada.

A Tabela 2 mostra que, no que se refere ao papel da classe gramatical, a elevação é favorecida na classe dos numerais (peso relativo 0,66 e *log-odds* 0,70). As demais classes apresentam resultados abaixo do ponto neutro: adjetivos e substantivos, ambos com peso relativo 0,46 e *log-odds* -0,15; advérbios (peso relativo 0,45 e *log-odds* -0,16); verbos (peso relativo 0,44 e *log-odds* -0,22).

Tabela 2 - Elevação de /o/ átono final e Classe Gramatical

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
numeral (oito, cinco)	52/618	8,4%	0,66	0,70
adjetivo (velho, bonito)	70/1.404	5,0%	0,46	-0,15
substantivo (serviço, pãozinho)	321/5.822	5,5%	0,46	-0,15
advérbio (muito, cedo)	57/1.133	5,0%	0,45	-0,16
verbo (lembro, saio)	201/3.544	5,7%	0,44	-0,22
Total	701/12.521			
Desvio: 4.791.826		Graus de liberdade: 25		p = 0,0405
				Média: 0,056

Como se observa na Tabela 2, há enviesamento entre frequência e peso relativo/ *log-odds* nos fatores apontados como menos favorecedores da elevação e, como mostrado anteriormente no Quadro 3, não há boa distribuição entre os fatores de Classe Gramatical e Contexto Precedente. Realizamos, por isso, uma rodada desconsiderando-se a variável Contexto Precedente, e os resultados para a variável Classe Gramatical dessa rodada são mostrados na Tabela 3.

Tabela 3 - Elevação de /o/ átono final e Classe Gramatical - rodada sem Contexto Precedente

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
numeral (oito, cinco)	52/618	8,4%	0,62	0,52
verbo (lembro, saio)	201/3.544	5,7%	0,49	-0,03
substantivo (serviço, pãozinho)	321/5.822	5,5%	0,47	-0,11
advérbio (muito, cedo)	57/1.133	5,0%	0,46	-0,15
adjetivo (velho, bonito)	70/1.404	5,0%	0,44	-0,23
Total	701/12.521			
Desvio: 498.387	Graus de liberdade: 20	p = 0,023	Média: 0,056	

Embora não haja alteração de resultado para o fator mais favorecedor, que não mostrava enviesamento mesmo na rodada em que Contexto Precedente havia sido considerada, evidenciamos com a Tabela 3 que, sem interagir com a variável Contexto Precedente, os resultados para os fatores de Classe Gramatical apresentam equivalência entre frequência de aplicação e peso relativo/ *log-odds*.

A hipótese inicial era a de que a elevação de /o/ seria favorecida na classe dos adjetivos e advérbios, formulada com base nos resultados de Roveda (1998) e Machry da Silva (2009). No entanto, esta análise não confirma tal hipótese, pois apenas a classe dos numerais apresentou comportamento favorecedor à elevação de /o/ nesta amostra.

Esse resultado instigou a busca de uma explicação para o favorecimento da elevação de /o/ na classe dos numerais. Analisando-se a rodada, pode-se verificar que desde o primeiro nível, quando não há iteração com nenhuma outra variável, o fator numeral figura como o único favorecedor da elevação na variável Classe Gramatical, e as demais classes apresentam valores próximos ao ponto neutro. Recuperamos os valores de peso relativo e *log-odds* desse fator nos vários níveis, até a variável ser selecionada, e apresentamos no Quadro 5.

Quadro 5 - Comportamento do fator numeral (variável Classe Gramatical) nos 8 primeiros níveis

Fator: numeral	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8
peso relativo	0,59	0,60	0,65	0,66	0,64	0,63	0,63	0,66
<i>log-odds</i>	0,29	0,43	0,62	0,66	0,60	0,55	0,56	0,66

No nível 1, o fator numeral apresenta peso relativo 0,59 e *log-odds* 0,29, mostrando tendência ao favorecimento. À medida que mais variáveis passam a iteragir, os valores aumentam, especialmente o valor de *log-odds*, como no nível 2, quando itera com a variável Tipo de Sílabas, passando de 0,29 a 0,43. No terceiro nível, quando Contexto Precedente é selecionado, peso relativo e *log-odds* aumentam novamente, este mais do que aquele. No nível 8, quando a variável Classe Gramatical é selecionada, peso relativo e *log-odds* são de 0,66. Com o Quadro 6 mostramos que os valores de peso relativo e *log-odds* para o fator numeral apresentam certo aumento no decorrer da rodada, mas, a princípio, não haveria uma variável que claramente influenciasse o resultado.

Como a variável Tipo de Sílabas foi a primeira selecionada, e observou-se um aumento tanto de peso relativo quanto de *log-odds* para o fator numeral ao iteragir com tal variável, já no segundo nível, verificamos a distribuição dos dados entre os fatores de Classe Gramatical e Tipo de Sílabas, como mostra o Quadro 6.

Quadro 6 - Distribuição dos dados e frequência de aplicação para os fatores de Classe Gramatical e Tipo de Sílabas

		Tipo de Sílabas			
Classe Gramatical		<i>apagamento de coda</i>	<i>sem coda</i>	<i>coda /S/</i>	Total
<i>numeral</i>	aplicação/total	0/16	41/570	11/32	52/618
	frequência	0%	7,2%	34,4%	8,4%
<i>substantivo</i>	aplicação/total	9/327	210/4.893	103/602	322/5.822
	frequência	2,8%	4,3%	17,1%	5,5%
<i>verbo</i>	aplicação/total	6/365	178/3.026	17/153	201/3.544
	frequência	1,6%	5,9%	11,1%	5,7%
<i>adjetivo</i>	aplicação/total	1/24	45/1.300	23/80	69/1.404
	frequência	4,2%	3,5%	28,8%	5,0%
<i>advérbio</i>	aplicação/total	1/7	45/1.033	11/93	57/1.133
	frequência	14,3%	4,4%	11,8%	5,0%
Total	aplicação/total	17/739	519/10.822	165/960	701/12.521
	frequência	2,3%	4,8%	17,2%	5,6%

Observa-se maior concentração dos dados do fator numeral no tipo de sílabas sem coda e nenhum dado com apagamento de coda, no entanto, numerais associados a sílabas com

coda /S/ apresentam os mais altos índices de elevação de /o/ (34,4%). Das 32 ocorrências de numerais com coda /S/, 11 foram com elevação da vogal, nos seguintes vocábulos: quintos (3 ocorrências) seiscentos (3 ocorrências), duzentos (2 ocorrências), trezentos (2 ocorrências), quinhentos (1 ocorrência). Essa constatação evidencia que não é a classe dos numerais por si só que favorece a elevação de /o/ átono final, porque sofre influência da variável Tipo de Sílabas, especificamente do fator coda /S/, como mostra a Tabela 4, em que mostramos os resultados do cruzamento entre Tipo de Sílabas e Classe Gramatical.

Tabela 4 - Resultados do cruzamento entre Tipo de Sílabas e Classe Gramatical – vogal /o/
Classe Gramatical

Tipo de Sílabas		numeral	advérbio	adjetivo	verbo	substantivo
coda /S/	aplic./total	11/32	11/93	23/80	17/153	103/602
	peso relativo	0,99	0,01	0,13	0,06	0,42
sem coda	aplic./total	41/570	45/1.033	45/1.300	178/3.026	210/4.893
	peso relativo	0,44	0,27	0,53	0,78	0,44
apagamento de coda	aplic./total	0/16	1/7	1/24	6/635	9/327
	peso relativo	0,01	0,99	0,84	0,79	0,63
Desvio: 4.769.822		Graus de liberdade: 34		p= 0,0053	Média: 0,056	

Como é possível observar na Tabela 4, numerais são altamente favorecedores à elevação de /o/ átono final quando a sílaba em que se encontra a vogal possui coda /S/. Numerais com sílaba final sem coda apresentam peso relativo abaixo do ponto neutro (0,44), e não há nenhum caso de numeral com apagamento de coda.

O resultado da Tabela 4 permite afirmar que a variável Classe Gramatical não exerce condicionamento específico para a elevação de /o/ átono final nesta amostra, pois numeral, o único fator apontado como favorecedor nessa variável, é altamente condicionado pela presença de coda /S/, que comprovadamente tem papel favorecedor à elevação de /o/, como demonstrado em análises precedentes e se poderá verificar na análise referente à variável Tipo de Sílabas na próxima seção.

Explicitamos, assim, a relação pouco ortogonal que a variável Classe Gramatical estabelece com variáveis como Contexto Precedente e Contexto Seguinte, bem como o fato de o fator numeral, apontado como favorecedor à elevação de /o/, apenas replicar o

comportamento favorecedor de coda /S/. Assim justificamos a exclusão da variável da segunda rodada para a vogal /o/, cujos resultados serão apresentados na próxima seção.

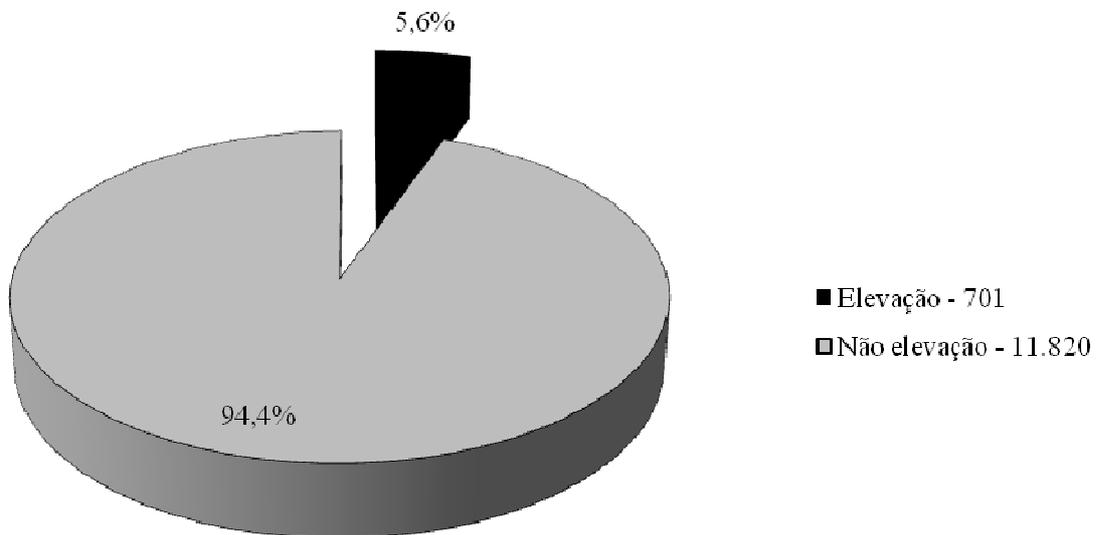
4.1 ANÁLISE DA ELEVAÇÃO DE /o/ ÁTONO FINAL

Apresentamos nesta seção a frequência global de aplicação da regra de elevação para a vogal átona final /o/ nos dados de Vista Alegre do Prata – RS, e as variáveis selecionadas pelo Rbrul.

4.1.1 Frequência global de aplicação – vogal /o/

Com a análise do Rbrul, obtém-se a frequência da aplicação da regra. Foram levantadas 12.521 ocorrências de /o/ átono final na amostra e, dessas, 5,6%, ou 701 ocorrências, foram produzidas com elevação. Em 94,4% dos dados, ou 11.820 ocorrências, a vogal média foi preservada, como se pode observar no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Frequência de aplicação da regra com a vogal /o/



Como mostra o Gráfico 1, a comunidade é preservadora da vogal média /o/, pois de um total de 12.521 ocorrências apenas 701 foram com vogal alta, o que representa 5,6% da amostra para a vogal média posterior.

A aplicação da regra difere de comunidades bilíguas português-italiano, como Flores

de Cunha e Veranópolis, localizadas na mesma região do Estado que Vista Alegre do Prata, em que a frequência de aplicação da regra de elevação para /o/ apresenta índices superiores a 50% (80% em Flores da Cunha, conforme amostra de Roveda (1998), e 60% em Veranópolis, conforme Vieira (1994)).

Vista Alegre do Prata – RS, portanto, prima pelo uso da vogal média.

4.1.2 Variáveis selecionadas

Apresentam-se, a seguir, por ordem de seleção, as variáveis apontadas pelo Rbrul no nível *step-up* como relevantes para o processo de elevação da vogal média átona final /o/:

- Tipo de Sílabas;
- Contexto Precedente;
- Faixa Etária;
- Contexto Vocálico da Sílabas Tônicas;
- Contexto Seguinte;
- Ocupação Profissional;
- Localização da Vogal Átona na Palavra;
- Escolaridade.

No nível *step-down*, o programa apontou as seguintes variáveis como irrelevantes ao processo de elevação da vogal /o/ átona final:

- Sexo;
- Local de Residência;
- Distância da Sílabas Tônicas da Palavra.

Observa-se que os níveis *step-up* e *step-down* complementam-se no sentido de que as variáveis não apontadas como relevantes ao processo no nível *step-up* foram as retiradas da análise no nível *step-down*. Não há, portanto, nenhum caso de variáveis com status indefinido.

Na primeira rodada, a variável Distância da Sílabas Tônicas havia sido a última selecionada no nível *step-up*, e foi a última variável eliminada no nível *step-down* na segunda rodada; tendo em vista tal comportamento, optamos por mostrar, após a apresentação das variáveis linguísticas selecionadas no nível *step-up*, os resultados também dessa variável.

4.1.2.1 Variáveis linguísticas

4.1.2.1.1 Tipo de Sílabas

Apresentamos na Tabela 5 os resultados para os três fatores referentes à variável Tipo de Sílabas: coda /S/, sem coda e com apagamento de coda. Não houve nenhuma ocorrência com coda /r/, coda /N/, coda /l/ na amostra para a vogal /o/.

A coda /S/ foi expressivamente favorecedora da aplicação da regra (peso relativo 0,84 e *log-odds* 1,69). Por outro lado, o fator sem coda, ou seja, sílabas CV, apesar de ser o mais frequente na amostra (10.829 ocorrências), não se mostrou favorecedor à elevação (peso relativo 0,39 e *log-odds* -0,43). Comportamento pouco favorecedor teve também apagamento de coda, com peso relativo 0,22 e *log-odds* -1,26.

Tabela 5 - Elevação de /o/ átono final e Tipo de Sílabas

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
coda /S/ (livros, ossos)	165/960	17,2%	0,84	1,69
sem coda (cabelo, cedo)	519/10.822	4,8%	0,39	- 0,43
com apagamento de coda (os ano, os ponto)	17/739	2,3%	0,22	-1,26
Total	701/12.521			
Desvio: 481.939		Graus de liberdade: 20		p = 0,0284
				Média: 0,056

O papel favorecedor de coda /S/ confirma a suposição inicial do trabalho, que se fundamentou nos resultados dos estudos de Vieira (1994, 2002), Roveda (1998) e Machry da Silva (2009). Nos trabalhos precedentes, sílabas com coda /S/ são apontadas como altamente favorecedoras da elevação de /o/, resultado que esta análise corrobora.

Com relação ao papel de sílabas sem coda para a elevação de /o/ átono final, esta análise verifica que se mostram pouco favorecedoras. Com relativa diferença, nos estudos de Roveda (1998), Vieira (1994, 2002) e Machry da Silva (2009), os valores permaneceram próximos ao ponto neutro para sílabas abertas e, como aponta Vieira (2002), a ausência de coda parece não ter papel para preservar ou elevar /o/. Supomos que a diferença para esse fator nos resultados aqui apresentados esteja relacionada à baixa aplicação da regra na amostra, tendo em vista que todos os demais trabalhos analisam comunidades de fala em que

a frequência de aplicação da regra ultrapassa 50%, e a frequência geral nesta amostra é de 5,6%. Em outras palavras, afirmamos que a diferença de frequência de aplicação que se estabelece entre um fator e outro (coda /S/ e sem coda) é relativamente mais acentuada na presente amostra, já que o fator mais favorecedor mostra-se 207% maior que a frequência média de aplicação da regra (17,2% *versus* 5,6%) – o que é impossível de acontecer em amostras com frequência média acima de 50% – e 258% maior que o fator sem coda (17,2% *versus* 4,8%), que tem frequência mais baixa que a média geral.

Concluimos, assim, que o resultado da variável Tipo de Sílabas para a vogal /o/ da presente amostra confirma o obtido em análises precedentes especificamente no que se refere ao fator favorecedor à aplicação da regra: sílabas com coda /S/.

4.1.2.1.2 Contexto Precedente

Os resultados mostrados na Tabela 6 indicam que consoantes coronais [-ant] favorecem o alçamento da vogal média átona final /o/ (peso relativo 0,76 e *log-odds* 1,20). Apresentam comportamento neutro consoantes dorsais (peso relativo 0,52 e *log-odds* 0,08) e segmentos [s, z] (peso relativo 0,51 e *log-odds* 0,03). Por outro lado, os fatores labial, vogal alta e coronal [+ant] mostram-se pouco favorecedores, pois todos apresentam peso relativo abaixo do ponto neutro e valor negativo para *log-odds*.

Tabela 6 - Elevação de /o/ átono final e Contexto Precedente

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
coronal [-ant] (sujo, acho)	96/581	16,5%	0,76	1,20
dorsal (pêssego, cinco)	194/2.171	8,9%	0,52	0,08
segmentos [s, z] (serviço, uso)	32/436	7,3%	0,51	0,03
labial (tombo, novo)	90/1.607	5,6%	0,42	-0,32
vogal alta (contínuo, sério)	38/824	4,6%	0,42	-0,29
coronal [+ant] (adulto, ano)	251/6.902	3,6%	0,33	-0,70
Total	701/12.521			

Desvio: 481.939

Graus de liberdade: 20

p = 0,0284

Média: 0,056

Todavia, ao observar o arquivo de dados, verificamos que, das 581 ocorrências com contexto precedente coronal [-ant], 269 foram da palavra *acho* e, das ocorrências de tal

vocábulo, 61 foram produzidas com elevação da vogal, ou seja, das 96 ocorrências de elevação com contexto precedente coronal [-ant], 61 foram do mesmo vocábulo. Optamos por realizar uma rodada desconsiderando a palavra “acho” do arquivo de ocorrências, no intuito de eliminar qualquer enviesamento dos resultados. Nesta rodada, foram as mesmas as variáveis selecionadas e igual a ordem de seleção; os resultados obtidos para Contexto Precedente são apresentados na Tabela 7.

Tabela 7 - Elevação de /o/ átono final e Contexto Precedente - sem vocábulo "acho"

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
coronal [-ant] (sujo, macho)	35/312	11,2%	0,70	0,85
dorsal (pêssego, cinco)	194/2.171	8,9%	0,53	0,14
segmentos [s, z] (serviço, uso)	32/436	7,3%	0,52	0,09
labial (tombo, novo)	90/1.607	5,6%	0,45	-0,19
vogal alta (contínuo, sério)	38/824	4,6%	0,43	-0,27
coronal [+ant] (adulto, ano)	251/6.902	3,6%	0,34	-0,63
Total	640/12.252			

Desvio: 4.531.563

Graus de liberdade: 20

p = 0,00842

Média: 0,052

O fator coronal [-ant] continua figurando como o mais favorecedor à elevação de /o/ (peso relativo 0,70 e *log-odds* 0,85), o que demonstra que não houve enviesamento de resultados com relação a esse fator na rodada em que as ocorrências da palavra “acho” estavam presentes (Tabela 6).

Ressalta-se neste resultado o comportamento aquém do ponto neutro das consoantes labiais, diferentemente do que revelaram outras análises, como Bisol (1981) e Schwindt (1995), referente à pauta pretônica, e Schmitt (1987), Vieira (1994, 2010) e Roveda (1998) para a posição postônica. Esperava-se inicialmente que consoantes labiais em contexto precedente favoreceriam a elevação de /o/, por ser um resultado relativamente recorrente nas análises precedentes, mas essa hipótese não se confirma. O comportamento aquém do ponto neutro mostrado pelas labiais em contexto precedente a /o/ átono final na presente amostra assemelha-se ao apresentado por Machry da Silva (2009) para a comunidade de Rincão Vermelho - RS.

Apesar de a hipótese inicial não ser confirmada, ressaltamos que o papel favorável de coronais [-ant] pode ser visualizado em análises como a de Vieira (2010), na qual a autora separa dorsais e coronais oclusivas – pouco favorecedoras e neutras, respectivamente – dos demais segmentos, que favorecem a elevação de /o/ átono final, neste grupo incluídas tanto labiais como coronais fricativas, entre estas [ʃ, ʒ], denominadas neste estudo coronais [-ant]. A análise de Machry da Silva (2009), por outro lado, aponta segmentos coronal [-ant], amalgamados com dorsais, como os que menos favorecem a elevação de /o/ átono final naquela amostra.

Ressaltamos, assim, que o resultado para Contexto Precedente na presente amostra não confirma a hipótese inicial, e comparações entre o comportamento do fator favorecedor nesta amostra e em análises precedentes ficam dificultadas, tendo em vista a distinta organização dos fatores para a variável a depender de cada pesquisa.

4.1.2.1.3 Contexto Vocálico da Sílabas Tônicas

A elevação da vogal média átona final /o/ é levemente favorecida em palavras com vogal alta na sílaba tônica (peso relativo 0,57 e *log-odds* 0,28), como se pode ver na Tabela 8. Palavras sem vogal alta favorecem pouco a elevação (peso relativo 0,42 e *log-odds* -0,28).

Tabela 8 - Elevação de /o/ átono final e Contexto Vocálico da Sílabas Tônicas

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
com vogal alta (cinco, serviço)	273/3.419	8,0%	0,57	0,28
sem vogal alta (alto, tombo)	428/9.102	4,7%	0,42	-0,28
Total	701/12.521			
Desvio: 481.939	Graus de liberdade: 20	p = 0,0284	Média: 0,056	

Embora os resultados não sejam polarizados, confirmam a suposição inicial, de que a presença de vogal alta na sílaba tônica criaria contexto para a elevação de /o/ átono final, em conformidade com os resultados de Vieira (1994, 2002, 2010) e Machry da Silva (2009).

A presença de uma vogal alta subsequente tem papel explícito para a elevação das vogais médias em pauta pretônica, configurando a regra de harmonia vocálica, uma assimilação regressiva (BISOL, 1981). Em se tratando do condicionamento das vogais altas precedentes no processo de elevação das médias postônicas, o primeiro estudo a controlar a

variável foi o de Vieira (1994), análise em que se verifica o papel das vogais altas, mais expressivo para /o/ do que para /e/. A análise de Roveda (1998) mostra que a presença de vogal alta é levemente favorecedora apenas da elevação de /o/. Com resultados mais expressivos, as análises de Vieira (2002, 2010) e Machry da Silva (2009) mostram que uma vogal alta precedente é um dos fatores mais favorecedores para a elevação de /o/ átono final. Vieira (2002, p. 147) sugere que o papel da vogal alta para a elevação das vogais médias poderia ser interpretado como “resultado de um processo assimilatório através do qual o traço de altura da vogal precedente à vogal média se espalha para essa vogal média, tornando-a alta”. Tratar-se-ia de um caso de assimilação progressiva.

Na presente amostra, o papel da vogal alta precedente à átona final é modesto e, analisando-se os vários níveis da rodada, verifica-se que, desde o primeiro nível, quando a variável Contexto Vocálico da Sílabla Tônica é analisada em separado das demais, os valores não são polarizados, mantendo-se sem alterações significativas nos níveis subsequentes.

4.1.2.1.4 Contexto Seguinte

Os resultados mostrados na Tabela 9 indicam que a elevação de /o/ é favorecida pelo contexto seguinte dorsal (peso relativo 0,61 e *log-odds* 0,48). Favorecem também vogais (peso relativo 0,60 e *log-odds* 0,42) e pausa (peso relativo 0,56 e *log-odds* 0,24). Consoantes labiais mostram comportamento neutro (peso relativo 0,50 e *log-odds* 0,01). Favorecem pouco a elevação, de acordo com este resultado, coronais [+ant] e coronais [-ant], com peso relativo abaixo do ponto neutro e *log-odds* negativos.

Tabela 9 - Elevação de /o/ átono final e Contexto Seguinte

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
dorsal (olho claro)	83/1.075	7,7%	0,61	0,48
vogal (fico aqui)	145/2.450	5,9%	0,60	0,42
pausa (cinco, indo)	144/2.836	5,1%	0,56	0,24
labial (vamo fazê)	67/1.657	4,0%	0,50	0,01
coronal [+ant] (leio de)	260/4.378	6,0%	0,43	-0,27
coronal [-ant] (ano já)	2/125	1,6%	0,28	-0,89
Total	701/12.521			

Desvio: 481.939

Graus de liberdade: 20

p = 0,0284

Média: 0,056

A partir dos resultados da Tabela 9, nota-se que, embora se tenha desconsiderado a variável Classe Gramatical, que interagiu com Contexto Seguinte, há enviesamento acentuado entre frequência e peso relativo/ *log-odds* com o fator coronal [+ant], que apresenta frequência pouco maior que o fator vogal, (6,0% para coronal [+ant] e 5,9% para vogais), mas peso relativo/ *log-odds* distinto: vogais favoreceriam, coronais [+ant] desfavoreceriam.

Ao se observarem os níveis da rodada, nota-se tal enviesamento já no segundo nível, quando a variável Contexto Seguinte interage com Tipo de Sílabas, a primeira variável selecionada. Esse comportamento se mantém nos demais níveis. A relação pouco ortogonal entre Tipo de Sílabas e Contexto Seguinte é esperada, pois todos os contextos de coda /S/ terão contexto seguinte coronal [+ant], ou seja, não são fatores independentes, como mostra o Quadro 7.

Quadro 7 - Distribuição dos dados de /o/ átono final - Contexto Seguinte e Tipo de Sílabas

Contexto Seguinte							
Tipo de Sílabas	coronal [+ant]	dorsal	vogal	labial	pausa	coronal [-ant]	Total
apagamento de coda	211	65	170	107	178	8	739
sem coda	3.210	1.008	2.279	1.550	2.658	117	10.822
coda /S/	960	0	0	0	0	0	960
Total	4.381	1.073	2.449	1.657	2.836	125	12.521

Na tentativa de eliminar os enviesamentos, realizamos uma rodada desconsiderando a variável Tipo de Sílabas; os resultados obtidos para Contexto Seguinte nesta rodada estão apresentados na Tabela 10.

Tabela 10 - Elevação de /o/ átono final e Contexto Seguinte - rodada sem Tipo de Sílabas

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
dorsal (olho claro)	83/1.075	7,7%	0,59	0,40
coronal [+ant] (leio de)	260/4.378	6,0%	0,59	0,37
vogal (fico aqui)	145/2.450	5,9%	0,56	0,27
pausa (cinco, indo)	144/2.836	5,1%	0,52	0,08
labial (vamo fazê)	67/1.657	4,0%	0,47	- 0,11
coronal [-ant] (ano já)	2/125	1,6%	0,26	-1,02
Total	701/12.521			

Desvio: 5.077.852

Graus de liberdade: 17

p = 0,0101

Média: 0,056

Analisando-se os resultados da Tabela 10, em que frequência acompanha peso relativo/ *log-odds*, nota-se que dorsais (peso relativo 0,59 e *log-odds* 0,40), coronais [+ant] (peso relativo 0,59 e *log-odds* 0,37) e vogais (peso relativo 0,56 e *log-odds* 0,27) em contexto seguinte favorecem a elevação de /o/ átono final. Pausa e consoantes labiais figuram próximo ao ponto neutro, e coronais [-ant] favorecem pouco a elevação.

Não havia hipótese referente a esta variável, tendo em vista os resultados diferenciados de análises precedentes; ressaltamos, no entanto, o papel favorecedor das dorsais, que confirma em parte o resultado de Schmitt (1987), já que o papel favorecedor das velares e palatais em contexto seguinte a /o/ naquele estudo diz respeito tanto ao comportamento dos segmentos denominados na presente amostra de dorsais ([k, g, ŋ, ʎ]) quanto àqueles agrupados sob o fator coronais [-ant] ([ʃ, ʒ]).

Com relação ao segundo fator mais favorecedor, como apontado no Quadro 7, o resultado favorável mostrado por contexto seguinte coronal [+ant] é reflexo do papel de coda /S/, uma vez que das 260 ocorrências com elevação de /o/ com contexto seguinte coronal [+ant], 165 são contextos de sílaba fechada por coda /S/ (como mostramos na Tabela 5).

Nos estudos referentes à elevação das vogais médias em pauta pretônica (BISOL, 1981; SCHWINDT, 1995; BATTISTI, 1993), verificamos que consoantes labiais em contexto seguinte foram unanimemente favorecedoras à elevação de /o/; labiais em contexto seguinte oferecem contexto à elevação de /o/ também em pauta postônica não final (abóbora, cômodo), conforme a análise de Vieira (2002). O resultado abaixo do ponto neutro mostrado por tais segmentos na presente amostra nos permite conjecturar que consoantes labiais têm papel na elevação de /o/ a depender do contexto, se na mesma palavra ou não: favorecem em pauta pretônica e postônica não final, mas não mostram papel em contexto seguinte na pauta átona final.

Concluimos, assim, a análise do comportamento da variável Contexto Seguinte para a elevação de /o/ átono final em Vista Alegre do Prata - RS ressaltando o papel favorecedor das dorsais, que confirma a análise de Schmitt (1987), uma vez que o papel de coronais [+ant] reflete o comportamento de coda /S/.

4.1.2.1.5 Localização da Vogal Átona na Palavra

Conforme mostrado na Tabela 11, a elevação de /o/ é levemente favorecida quando a vogal se encontra no sufixo da palavra (peso relativo 0,52 e *log-odds* 0,09), e menos favorecida quando se encontra no tema (peso relativo 0,47 e *log-odds* -0,09).

Tabela 11 - Elevação de /o/ átono final e Localização da Vogal Átona na Palavra

FATORES	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
no sufixo (fazíamos, saindo)	270/4.466	6,0%	0,52	0,09
no tema (campo, cedo)	431/8.055	5,4%	0,47	-0,09
Total	701/12.521			
Desvio: 481.939	Graus de liberdade: 20	p = 0,0284		Média: 0,056

Embora o favorecimento à elevação de /o/ quando no sufixo da palavra confirme a hipótese inicial, formulada a partir dos resultados de Machry da Silva (2009), a pouca diferença tanto para os valores de frequência quanto de peso relativo/ *log-odds* entre os fatores da variável não permite ressaltar o resultado. Além disso, entre as 270 ocorrências de elevação de /o/ átono final quando no sufixo da palavra, 61 casos foram com o sufixo –inho: pouquinho, bailezinho, bichinho. Tal sufixo contém dois segmentos de articulação alta – a vogal /i/ e a consoante palatal /j/ – que são contextos favorecedores à elevação de /o/. Salientamos, portanto, a forma relativa com que deve ser encarado o resultado para a variável Localização da Vogal Átona na Palavra na presente amostra.

4.1.2.1.5 Distância da Sílabas Tônicas

A variável Distância da Sílabas Tônicas não foi selecionada pelo programa na segunda rodada, no entanto, como havia sido selecionada na primeira, quando Classe Gramatical esteve presente, consideramos relevante apresentar seu comportamento. Decidimos buscar o nível que apresentou melhor significância – menor valor de p – na segunda rodada para retirar os resultados para a variável Distância da Sílabas Tônicas.

Os resultados mostrados na Tabela 12 evidenciam que a elevação é levemente favorecida em palavras proparoxítonas, ou seja, quando a vogal média se encontra em sílaba não adjacente à sílaba tônica (peso relativo 0,54 e *log-odds* 0,17). Favorecem pouco a elevação palavras paroxítonas (peso relativo 0,45 e *log-odds* -0,17).

Tabela 12 - Elevação de /o/ átono final e Distância da Sílabas Tônicas

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
não adjacente à sílaba tônica (sábado, próximo)	36/399	9,1%	0,54	0,17
adjacente à sílaba tônica (campo, junho)	665/12.122	5,5%	0,45	-0,17
Total	701/12.521			

Desvio: 4.821.681

Graus de liberdade: 20

p = 0,0181

Média: 0,056

Este resultado confirma a pressuposição inicial, de que a vogal átona final tenderia ao alçamento quando estivesse em sílaba não adjacente à tônica. Dos estudos precedentes, a pesquisa de Mallmann (2001) foi a única que testou essa variável, no entanto, não foi apontada como estatisticamente relevante para a elevação das vogais médias naquela análise, o que impossibilita qualquer comparação. Salientamos que, naquele estudo, as vogais médias átonas finais /e/ e /o/ foram consideradas conjuntamente, o que pode ter impedido uma verificação mais detalhada, já que na presente amostra essa variável foi selecionada apenas para a vogal /o/.

Observamos ainda que a grande diferença na quantidade de dados entre um fator e outro, como se observa na Tabela 9, reflete uma característica da língua portuguesa, em que o acento primário recai majoritariamente na penúltima sílaba.

4.1.2.2 Variáveis extralinguísticas

4.1.2.2.1 Faixa Etária

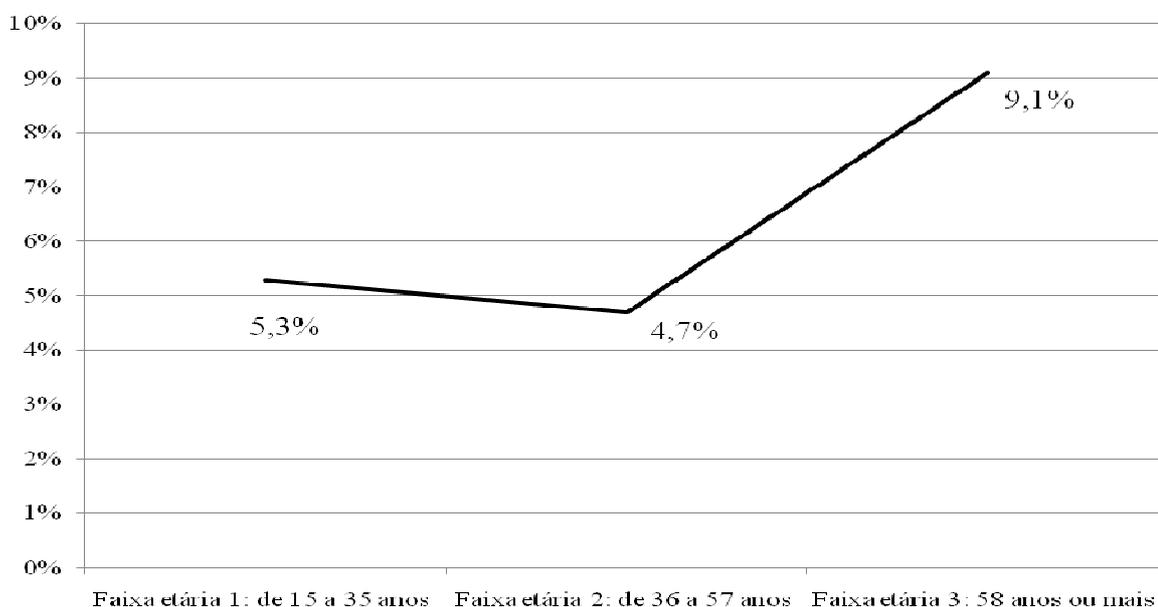
A variável Faixa Etária foi a primeira variável extralinguística selecionada, e a terceira na seleção geral. Como se pode ver na Tabela 13, os informantes mais velhos da amostra favorecem a aplicação da regra (peso relativo 0,66 e *log-odds* 0,66). Por outro lado, as outras duas faixas etárias apresentam uso mais modesto: os valores ficam abaixo do ponto neutro para o grupo dos mais jovens, de 15 a 35 anos (peso relativo 0,45 e *log-odds* -0,19), e o grupo de faixa etária intermediária, de 36 a 57 anos, é o que menos favorece a elevação (peso relativo 0,38 e *log-odds* -0,47).

Tabela 13 - Elevação de /o/ átono final e Faixa Etária

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
faixa etária 1: de 15 a 35 anos	334/6.315	5,3%	0,45	-0,19
faixa etária 2: de 36 a 57 anos	208/4.450	4,7%	0,38	-0,47
faixa etária 3: 58 anos ou mais	159/1.756	9,1%	0,66	0,66
Total	701/12.521			
Desvio: 481.939		Graus de liberdade: 20		p = 0,0284
				Média: 0,056

Não há indícios, portanto, de que o uso de elevação da média átona final /o/ caracterize mudança em progresso na comunidade em estudo, o que difere das análises de Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001) e Machry da Silva (2009), em que a aplicação da regra foi favorecida pelo grupo de informantes mais jovens. O Gráfico 2 ilustra o pouco favorecimento à elevação entre as faixas etárias mais jovens, o que reforça a característica de preservadora da vogal média da comunidade.

Gráfico 2 - Elevação de /o/ átono final e Faixa Etária



A partir do Gráfico 2, especialmente se consideradas as faixas etárias mais jovens, é possível afirmar que o fenômeno de elevação de /o/ átono final encontra-se em processo de variação estável entre os informantes descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata - RS.

4.1.2.2.2 Ocupação Profissional

Os resultados apresentados na Tabela 14 mostram que os informantes cuja ocupação profissional apresenta alta demanda de fala utilizam mais a forma com elevação do que aqueles cuja ocupação possui baixa demanda de fala. Para o primeiro grupo os valores ficaram acima do ponto neutro (peso relativo 0,56 e *log-odds* 0,24), ao passo que para o segundo grupo ficaram abaixo (peso relativo 0,44, e o *log-odds* -0,24).

Tabela 14 - Elevação de /o/ átono final e Ocupação Profissional

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
alta demanda de fala	323/5.485	5,9%	0,56	0,24
baixa demanda de fala	378/7.036	5,3%	0,44	-0,24
Total	701/12.521			

Desvio: 481.939 Graus de liberdade: 20 p = 0,0284 Média: 0,056

Embora os resultados não sejam polarizados, utilizam mais a forma com elevação da vogal os informantes cuja ocupação profissional exige fala frequente, como se esperava inicialmente.

Sankoff e Laberge (1978) adotam o conceito de mercado linguístico ao analisar como a atividade econômica/ profissional dos falantes exige que eles utilizem uma forma linguística legitimada, ou seja, de acordo com o que se espera com relação ao seu comportamento linguístico. Nos dados da presente amostra, embora os resultados para peso relativo/ *log-odds* não tenham sido polarizados, há a indicação de que elevam mais /o/ átono final os falantes cuja ocupação profissional possui demanda de fala relativamente mais alta, como professora, técnico de enfermagem, atendente, cabeleireira. Supúnhamos que essas pessoas, pela atividade profissional que exercem, acabam por conviver – e por isso conversar – com relativamente mais pessoas, diferentes de seu núcleo familiar ou círculo de amigos, se comparadas a informantes que são agricultores, aposentados, entre outros. Essa maior demanda de fala influenciaria o comportamento linguístico dos informantes, no sentido de utilizarem a forma menos marcada regionalmente, que é a forma com elevação das vogais médias átonas finais. Os resultados não permitem constatações mais robustas; deixamos ressaltada, no entanto, a confirmação da suposição inicial, criada a partir da realização das entrevistas.

4.1.2.2.3 Escolaridade

Apesar de os valores aproximarem-se do ponto neutro, como se pode ver na Tabela 15, os informantes com Ensino Fundamental são os que mais favorecem a aplicação da regra (peso relativo 0,52 e *log-odds* 0,10). Na segunda posição estão os informantes com Ensino Médio (peso relativo 0,52 e *log-odds* 0,11). Os informantes que menos favorecem a elevação são os com Ensino Superior (peso relativo 0,44 e *log-odds* -0,21).

Tabela 15 - Elevação de /o/ átono final e Escolaridade

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
Ensino Fundamental	236/3.681	6,4%	0,52	0,10
Ensino Médio	330/6.286	5,2%	0,52	0,11
Ensino Superior	135/2.554	5,3%	0,44	-0,21
Total	701/12.521			
Desvio: 481.939 Graus de liberdade: 20 p = 0,0284 Média: 0,056				

Observando-se a Tabela 15 pode-se notar a existência de leve enviesamento entre os fatores Ensino Médio e Ensino Superior, no que se refere aos valores para frequência e peso relativo/ *log-odds*, pois os informantes com Ensino Superior apresentam percentual de aplicação da regra praticamente igual aos com Ensino Médio (5,3% x 5,2%), mas, pelos valores de peso relativo/ *log-odds*, favorecem menos que estes. A fim de verificar a causa de tal enviesamento, recuperamos nos vários níveis da rodada o comportamento dos três fatores da variável Escolaridade, como mostra o Quadro 8.

Quadro 8 - Comportamento dos fatores da variável Escolaridade (peso relativo) - vogal /o/

Fatores	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8	Nível 9
Ensino Fundamental	0,53	0,55	0,54	0,47	0,47	0,48	0,52	0,52	0,52
Ensino Médio	0,48	0,47	0,47	0,51	0,51	0,51	0,53	0,52	0,52
Ensino Superior	0,48	0,47	0,47	0,50	0,50	0,50	0,44	0,44	0,44

No primeiro nível, sem iteragir com nenhuma outra variável, o fator Ensino Fundamental, que apresenta maior frequência de aplicação da regra, figura como o único com

valor acima do ponto neutro. A mesma situação se mantém no nível 1 e no nível 2, nos quais Tipo de Sílabas e Contexto Precedente são selecionadas, respectivamente. No nível 4, quando interage com Faixa Etária, os valores se invertem, e Ensino Fundamental, que apresentava peso relativo acima do ponto neutro, passa a apresentar o valor de 0,47; nesse nível Ensino Médio ultrapassa o ponto neutro e Ensino Superior fica com exato 0,50. Situação igual se mantém nos níveis 5 e 6, quando Contexto Vocálico da Tônica e Contexto Seguinte são selecionadas. No nível 7, depois que Ocupação Profissional é escolhida e passa a interagir, o peso relativo para o fator Ensino Fundamental fica novamente acima do ponto neutro, Ensino Médio sobe de 0,51 para 0,53, e Ensino Superior passa de 0,50 a 0,44. No nível 9, quando passa a interagir também com Localização da Vogal Átona na Palavra, a única mudança que ocorre é com o fator Ensino Fundamental, que passa de 0,53 para 0,52. Os valores se mantêm no nível seguinte, quando a variável Escolaridade é selecionada. Pode-se concluir, assim, que o valor acima do ponto neutro para o fator Ensino Médio deve-se à interação com Faixa Etária, já que depois que passa a interagir com tal variável peso relativo e *log-odds* aumentam.

Como já apontamos anteriormente, não foi possível encontrar na comunidade pessoas de 58 anos ou mais com escolaridade média ou superior, assim como não há informantes com até 35 anos com escolaridade fundamental. Dessa forma, a relação pouco ortogonal entre as variáveis Escolaridade e Faixa Etária é prevista, de modo que seus fatores não são independentes, como mostra a distribuição dos dados entre as duas variáveis apresentada no Quadro 9.

Quadro 9 - Distribuição dos dados entre Escolaridade e Faixa Etária - vogal /o/

Faixa Etária				
Escolaridade	Faixa Etária 1	Faixa Etária 2	Faixa Etária 3	Total
Ensino Fundamental	0	1.925	1.756	3.681
Ensino Médio	4.199	2.087	0	6.286
Ensino Superior	2.116	438	0	2.554
Total	6.315	4.450	1.756	12.521

Como se pode ver, os dados de informantes com Ensino Fundamental distribuem-se entre as faixas etárias 2 e 3, e os dados de Ensino Médio e Ensino Superior, entre as faixas etárias 1 e 2.

Os resultados do cruzamento entre as variáveis Faixa Etária e Escolaridade revelam valores de peso relativo muito próximos ao ponto neutro, como se pode ver na Tabela 16, o

que permite afirmar que Escolaridade, sendo a última variável selecionada, é a que menos condiciona a elevação de /o/ átono final entre as variáveis extralinguísticas selecionadas, com forte interação com Faixa Etária, a terceira selecionada, e a primeira entre as variáveis sociais.

Tabela 16 - Resultados para cruzamento entre Faixa Etária e Escolaridade - vogal /o/

Faixa Etária		Escolaridade		
		Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
Faixa Etária 1	aplic./total	0/0	218/ 4.199 (5,2%)	114/2.116 (5,4%)
	peso relativo	0,51	0,48	0,50
Faixa Etária 2	aplic./total	77/1.925 (4,0%)	110/2.087 (5,3%)	21/438 (4,8%)
	peso relativo	0,48	0,51	0,50
Faixa Etária 3	aplic./total	159/1.756 (9,1%)	0/0	0/0
	peso relativo	0,48	0,51	0,50
Desvio: 4.821.043		Graus de liberdade: 23		p=0,0205
				Média: 0,056

A hipótese inicial, formulada a partir dos resultados de Mallmann (2001) e Machry da Silva (2009), era a de que informantes com Ensino Médio e os com Ensino Superior utilizariam mais a forma com elevação do que informantes com Ensino Fundamental. Os resultados, no entanto, não confirmam a hipótese, tendo em vista que os informantes que mais praticaram a regra de elevação de /o/ átono final foram os de escolaridade fundamental.

4.2 ANÁLISE DA ELEVAÇÃO DE /e/ ÁTONO FINAL

Conforme mencionado anteriormente, na primeira rodada para a vogal /e/ foram encontrados casos de aplicação zero em alguns fatores. São eles: coda /r/ (0/3), coda /l/ (0/2), e apagamento de coda (0/107) na variável Tipo de Sílabas, e o fator não adjacente à sílaba tônica (0/6), na variável Distância da Sílabas Tônica.

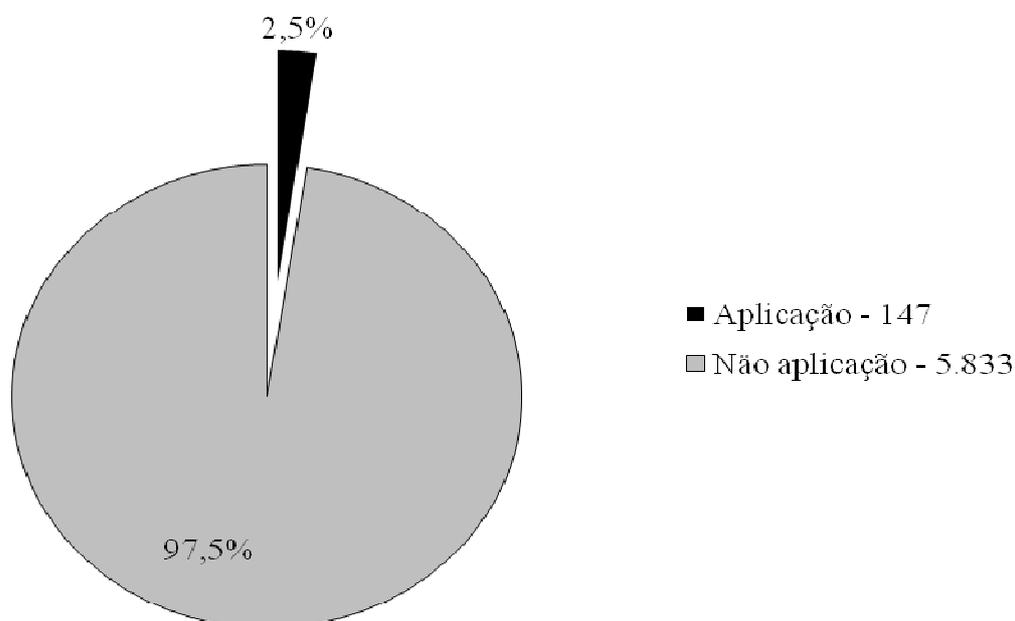
Foram realizados os seguintes procedimentos para a realização da próxima rodada: na variável Tipo de Sílabas, os fatores coda /r/ e coda /l/ foram amalgamados com o fator coda /N/, e o fator apagamento de coda foi amalgamado com o fator sem coda. A variável Distância da Sílabas Tônica foi desconsiderada, porque composta de apenas dois fatores.

A primeira rodada realizada para /e/ contou com um total de 6.077 dados, dos quais 244 sofreram elevação da vogal média átona final, ou seja, frequência global de 4% de aplicação da regra. No entanto, ao analisar as palavras que sofreram elevação de /e/ átono final, verificamos que 97 ocorrências eram do mesmo vocábulo: “vint[i]”, cuja aplicação da regra foi total, ou seja, houve 97 ocorrências do vocábulo, sempre com elevação de /e/ átono final. Diante de tal fato, decidiu-se retirar a palavra do arquivo de ocorrências e realizar uma nova rodada, pois a permanência das ocorrências de tal vocábulo viesaria os resultados. Os resultados da segunda rodada serão mostrados a seguir.

4.2.1 Frequência global de aplicação – vogal /e/

Com a retirada das ocorrências do vocábulo “vinte”, passamos a contar com um total de 5.980 dados, dos quais 147 foram realizados com elevação de /e/ átono final, ou seja, 2,5% de aplicação da regra, como mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3 - Frequência de aplicação da regra com a vogal /e/



Observa-se, assim, que a elevação de /e/ átono final na comunidade está fortemente condicionada pelo vocábulo “vinte”; desconsiderando-se essa ocorrência nos dados, o percentual de aplicação da regra passa a 2,5%, significativamente mais baixo do que o

encontrado em análises como a de Roveda (1998) para Flores da Cunha (64%), ou a de Vieira (1994) para Veranópolis (18%), comunidades também localizadas na Serra Gaúcha.

Além disso, como nos demais trabalhos sobre elevação das vogais médias postônicas, a vogal /e/ mostra-se menos suscetível à elevação do que a vogal /o/. A tendência relativamente maior à elevação de /o/ para /u/ do que de /e/ para /i/ se explica pela própria configuração do trato oral, pois as vogais anteriores têm maior dispersão no espaço acústico se comparadas às vogais posteriores. Moraes, Callou e Leite (1996) buscam caracterizar acusticamente o sistema vocálico do PB a partir de dados de cinco capitais – Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre –, e mostram que tanto na posição tônica quanto na pretônica, as vogais posteriores [o] e [u] ocupam espaço mais compactado do que as anteriores [e] e [i]. Dessa forma, a vogal /o/ encontra maior motivação articulatória para elevação do que a vogal /e/, o que explica que nos trabalhos sobre elevação das médias postônicas a maior frequência de aplicação da regra seja com a vogal posterior.

4.2.2 Variáveis selecionadas

Foram as seguintes as variáveis selecionadas pelo Rbrul como relevantes para a elevação de /e/ no nível *step-up* (por ordem de seleção):

- Classe Gramatical;
- Contexto Precedente;
- Escolaridade;
- Localização da Vogal Átona na Palavra;
- Contexto Vocálico da Sílabas Tônica;
- Sexo.

As demais variáveis foram consideradas irrelevantes à aplicação regra e, portanto, eliminadas no nível *step-down*. São elas:

- Tipo de Sílabas;
- Profissão;
- Faixa Etária;
- Local de Residência;
- Contexto Seguinte.

Como se pode observar, não há variável com status indefinido. Na primeira rodada realizada, antes da retirada do vocábulo “vinte” do arquivo de ocorrências, a variável Localização da Vogal Átona na Palavra não havia sido selecionada no nível *step-up*. Mostramos a seguir os resultados obtidos para cada variável.

4.2.2.1 Variáveis linguísticas

4.2.2.1.1 Classe Gramatical

Classe Gramatical foi a primeira variável selecionada pelo programa. Considerando-se o valor de *log-odds* e de peso relativo, a elevação de /e/ é favorecida por advérbios terminados em –mente (*log-odds* 1,90 e peso relativo 0,87), advérbios (*log-odds* 0,87 e peso relativo 0,70) e numerais (*log-odds* 0,45 e peso relativo 0,61), como mostra a Tabela 17.

Tabela 17 - Elevação de /e/ átono final e Classe Gramatical

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
advérbio terminado em –mente (particularmente, exatamente)	5/190	2,6%	0,87	1,90
advérbio (hoje, quase)	54/1.082	5,0%	0,70	0,87
numeral (quinze, nove)	25/310	8,1%	0,61	0,45
substantivo (leitores, lugares)	34/2.587	1,3%	0,29	-0,85
verbo (sabe, fosse)	26/1.303	2,0%	0,24	-1,13
adjetivo (livre, mole)	3/508	0,6%	0,22	-1,23
Total	147/5.980			

Desvio: 1.158.227 Graus de liberdade: 16 p = 0,006 Média: 0,025

Entre os fatores que favorecem a elevação, no entanto, nota-se que o fator com maior percentual de aplicação (numeral – 8,1%) não é aquele com maior valor de peso relativo/ *log-odds*. Ao analisar os vários níveis da rodada, verificamos que, quando a variável Classe Gramatical passa a iteragir com Contexto Precedente, os maiores valores para frequência passavam a não ter os maiores valores de peso relativo/ *log-odds*. A partir da realização de um

cruzamento para verificar a distribuição entre os fatores das duas variáveis, notamos que a distribuição é pouco ortogonal, como mostra o Quadro 10.

Quadro 10 - Distribuição entre os fatores de Classe Gramatical e Contexto Precedente

Classe Gramatical	Contexto Precedente						Total
	labial	vogal alta	dorsal	coronal [+ ant]	coronal [-ant]	[s, z]	
numeral	45	0	0	115	0	150	310
substantivo	181	72	59	1.938	127	210	2.587
verbo	494	2	51	394	18	344	1.303
adjetivo	19	0	1	482	0	6	508
advérbio	4	0	0	699	219	160	1.082
advérbio terminado em -mente	0	0	0	190	0	0	190
Total	743	74	111	3.818	364	870	5.980

O fator numeral, que contempla o maior percentual de aplicação da regra, não apresenta nenhuma ocorrência com contexto precedente vogal alta, dorsal e coronal [-ant]. Além disso, advérbios terminados em -mente, como se poderia esperar, apresentam apenas como contexto precedente o fator coronal [+ant]. Tendo em vista que a distribuição dos dados entre os fatores dessas duas variáveis é pouco ortogonal, foi realizada uma nova rodada, sem considerar a variável Contexto Precedente. Os resultados para Classe Gramatical dessa rodada são apresentados na Tabela 18.

Tabela 18 - Elevação de /e/ átono final e Classe Gramatical - Rodada sem Contexto Precedente

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
numeral (quinze, nove)	25/310	8,1%	0,78	1,29
advérbio (hoje, quase)	54/1.082	5,0%	0,66	0,69
advérbio terminado em -mente (particularmente, exatamente)	5/190	2,6%	0,62	0,50
verbo (sabe, fosse)	26/1.303	2,0%	0,42	-0,31
substantivo (leitores, lugares)	34/2.587	1,3%	0,33	-0,68
adjetivo (livre, mole)	3/508	0,6%	0,18	-1,49
Total	147/5.980			

Desvio: 124.773

Graus de liberdade: 10

p = 0,02

Média: 0,025

Sem iteragir com a variável Contexto Precedente, os resultados de frequência acompanham peso relativo/ *log-odds* para cada fator de Classe Gramatical. Além disso, ressaltamos que, mantenha-se ou retire-se a palavra “vinte”, que faz parte da classe dos numerais, esse fator mantém-se como o de maior percentual de aplicação da regra. Voltando ao arquivo de dados, nota-se aplicação frequente em palavras como “quinze”, “nove”, “sete”.

Os resultados para essa variável confirmam os obtidos por Machry da Silva (2009), com relação ao papel dos numerais e advérbios. No entanto, tanto na análise de Roveda (1998) quanto na de Machry da Silva (2009), a elevação de /e/ foi favorecida na classe dos verbos, que nesta amostra mostraram-se pouco favorecedores da elevação.

Mencionamos ainda o comportamento distinto da variável Classe Gramatical de acordo com cada vogal na presente amostra, pois, como mostramos na apresentação dos resultados para a vogal /o/, não teve papel na elevação da vogal posterior e, distintamente, foi a primeira selecionada na análise estatística da elevação de /e/.

4.2.2.1.2 Contexto Precedente

Conforme mostra a Tabela 19, a elevação de /e/ é favorecida quando a vogal apresenta contexto precedente dorsal (peso relativo 0,79 e *log-odds* 1,32), vogal alta (peso relativo 0,69 e *log-odds* 0,81), e segmentos [s, z] (peso relativo 0,66 e *log-odds* 0,68). Consoantes labiais em contexto precedente mostram comportamento relativamente neutro (peso relativo 0,55 e *log-odds* 0,22); consoantes coronais não favorecem a aplicação da regra.

Tabela 19 - Elevação de /e/ átono final e Contexto Precedente

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
dorsal (pesque, consegue)	8/111	7,2%	0,79	1,32
vogal alta (série)	4/74	5,5%	0,69	0,81
segmentos [s,z] (fosse, quinze)	52/870	6,0%	0,66	0,68
labial (nove, sabe)	22/743	3,0%	0,55	0,22
coronal [+ant] (tarde, leitores)	55/3.818	1,4%	0,22	-1,22
coronal [-ant] (hoje)	6/364	1,6%	0,13	-1,82
Total	147/5.980			

Desvio: 1.158.227

Graus de liberdade: 16

p = 0,006

Média: 0,025

Como se pode notar na Tabela 19, o fator vogal alta apresenta apenas 4 ocorrências com elevação, e, voltando ao arquivo de dados, verificamos que todas as aplicações da regra foram com o mesmo vocábulo: “série”. Além disso, como mostra a Tabela 19, embora o fator segmentos [s, z] apresente maior frequência de aplicação do que o fator vogal alta, tem valor de peso relativo e *log-odds* menor que este. Optamos, então, por realizar uma rodada desconsiderando-se o fator vogal alta. Os resultados da variável Contexto Precedente nessa rodada são apresentados na Tabela 20.

Tabela 20 - Elevação de /e/ átono final e Contexto Precedente sem o fator vogal alta

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
dorsal (pesque, consegue)	8/111	7,2%	0,81	1,49
segmentos [s,z] (fosse, quinze)	52/870	6,0%	0,69	0,84
labial (nove, sabe)	22/743	3,0%	0,59	0,38
coronal [+ant] (tarde, leitores)	55/3.818	1,4%	0,25	-1,06
coronal [-ant] (hoje)	6/364	1,6%	0,15	-1,66
Total	143/5.906			

Desvio:113.149 Graus de liberdade: 15 p = 0,012 Média: 0,024

Com a retirada do fator vogal alta, porcentagem e *log-odds*/ peso relativo passam a corresponder. Além disso, o fator labial aumenta seus valores para *log-odds*/ peso relativo.

O resultado para essa variável confirma o papel favorecedor das consoantes dorsais, como salientado nos estudos de Schmitt (1987), Vieira (2010) e Machry da Silva (2009), embora tenhamos relativamente poucos dados na amostra. O papel favorecedor dos segmentos [s, z] e, mais modestamente, o das labiais, confirma também o resultados de Vieira (2002) e Machry da Silva (2009).

Como se pôde verificar em análises precedentes, consoantes dorsais favorecem a elevação da vogal média anterior tanto em posição pretônica (BISOL, 1981; SCHWINDT, 1995; BATTISTI, 1993) quanto em posição postônica (SCHMITT, 1987; ROVEDA, 1998; MACHRY DA SILVA, 2009). Bisol (1981) afirma que consoantes cuja articulação exige levantamento do corpo da língua favorecem o processo assimilatório de elevação vocálica em pauta pretônica, tanto velares, articuladas com elevação do dorso da língua, quanto palatais, produzidas com o corpo da língua elevado. A partir dos resultados desta análise e de análises

precedentes, concluímos que tais segmentos favorecem a elevação da média átona anterior, seja pretônica ou postônica.

Apontamos também o comportamento diferenciado das coronais [+ant] quanto ao modo de articulação. As fricativas [s, z] em contexto precedente têm demonstrado comportamento favorecedor à elevação da média anterior (CARNIATO, 2000; VIEIRA, 2002, 2010; MACHRY DA SILVA, 2009). Diferentemente, as coronais oclusivas mostram-se inibidoras, como demonstra Vieira (2010) em sua análise, ao apontar que consoantes com o traço coronal associado ao modo de articulação oclusivo inibem a elevação de /e/ átono final, enquanto os demais segmentos em contexto precedente tendem a favorecer o alçamento.

Ressaltamos que, embora se tenha uma frequência de aplicação bastante baixa na comunidade, a aplicação da regra confirma resultados obtidos em amostras cujo índice de aplicação é relativamente mais alto.

4.2.2.1.3 Localização da Vogal Átona na Palavra

A variável Localização da Vogal Átona na Palavra foi a terceira variável linguística selecionada. Como mostra a Tabela 21, a elevação de /e/ é favorecida quando a vogal se encontra no tema da palavra (peso relativo 0,70 e *log-odds* 0,86).

Tabela 21 - Elevação de /e/ átono final e Localização da Vogal Átona na Palavra

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
no tema (tarde, quinze)	132/5.000	2,6%	0,70	0,86
no sufixo (exatamente, maternidade)	15/980	1,5%	0,29	-0,86
Total	147/5.980			

Desvio: 1.158.227 Graus de liberdade: 16 p = 0,006 Média: 0,025

O resultado para essa variável confirma o obtido por Machry da Silva (2009) para a amostra de Rincão Vermelho – RS. A análise de Vieira (2002) aponta a relevância dessa variável apenas para a vogal /o/ em posição postônica não final, que tenderia ao alçamento quando no sufixo (museóloga, astrólogo). Nos resultados para a vogal /o/ da presente amostra, embora com valores pouco distantes do ponto neutro, o favorecimento à elevação ocorre quando a vogal está no sufixo da palavra, especialmente com o sufixo –inho; diferentemente, como mostra a Tabela 21, /e/ tende ao alçamento quando no tema da palavra.

4.2.2.1.4 Contexto Vocálico da Sílabla Tônica

Como mostra a Tabela 22, a elevação de /e/ foi favorecida em palavras sem vogal alta na sílabla tônica (peso relativo 0,63 e *log-odds* 0,54).

Tabela 22 - Elevação de /e/ átono final e Contexto Vocálico da Sílabla Tônica

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG- ODDS
sem vogal alta (tarde, fosse)	140/5.470	2,6%	0,63	0,54
com vogal alta (livre, disse)	7/510	1,4%	0,36	-0,54
Total	147/5.980			
Desvio:1.158.227	Graus de liberdade: 16	p = 0,006	Média: 0,025	

A hipótese inicial para esta variável era de que a presença de vogal alta na sílabla tônica criaria contexto para a elevação das vogais médias átonas finais, como nos estudos de Vieira (1994, 2002, 2010) e Machry da Silva (2009), em que o fator com vogal alta, na posição tônica ou não, favoreceu a aplicação da regra de elevação de /e/; tal hipótese não se confirma nesta análise, tendo em vista que houve apenas 7 ocorrências de elevação de /e/ com vogal alta na sílabla tônica excluindo-se as ocorrências da palavra “vinte”⁴. Os vocábulos com vogal alta na sílabla tônica que sofreram elevação são os seguintes: *livre* (adjetivo), *equipes* (substantivo) *reúne*, *exige*, *resume*, *existe*, *disse* (verbos).

4.2.2.2 Variáveis extralinguísticas

4.2.2.2.1 Escolaridade

A primeira variável extralinguística apontada como relevante à elevação de /e/ em Vista Alegre do Prata foi Escolaridade. Os resultados apresentados na Tabela 23 mostram que a elevação é favorecida por informantes com Ensino Superior (peso relativo 0,70 e *log-odds* - 0,85). O comportamento dos informantes com Ensino Médio mostra-se pouco abaixo do

⁴ Retirada a palavra “vinte” do arquivo de dados, porque ocorreu invariavelmente com elevação da vogal média átona final, a vogal alta em sílabla tônica mostra não ter papel para a elevação de /e/ átono final nesta amostra. Na rodada em que a palavra “vinte” estava incluída no arquivo de dados, o resultado para a variável Contexto Vocálico da Sílabla Tônica mostra-se contrário ao apresentado aqui: com vogal alta favorece a aplicação (peso relativo 0,68 e *log-odds* 0,79), e palavras sem vogal alta não favorecem (peso relativo 0,31 e *log-odds* -0,79). Tratava-se, portanto, de um resultado enviesado, já que refletia o comportamento de um único item lexical.

ponto neutro (peso relativo 0,48 e *log-odds* -0,07), com frequência de elevação próxima à frequência global da amostra (2,4%). Informantes com Ensino Fundamental não favorecem a elevação (peso relativo 0,31 e *log-odds* -0,78)⁵.

Tabela 23 - Elevação de /e/ átono final e Escolaridade

FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
Ensino Superior	55/1.231	4,5%	0,70	0,85
Ensino Médio	74/3.113	2,4%	0,48	-0,07
Ensino Fundamental	18/1.636	1,1%	0,31	-0,78
Total	147/5.980			

Desvio: 1.158.227 Graus de liberdade: 16 p = 0,006 Média: 0,025

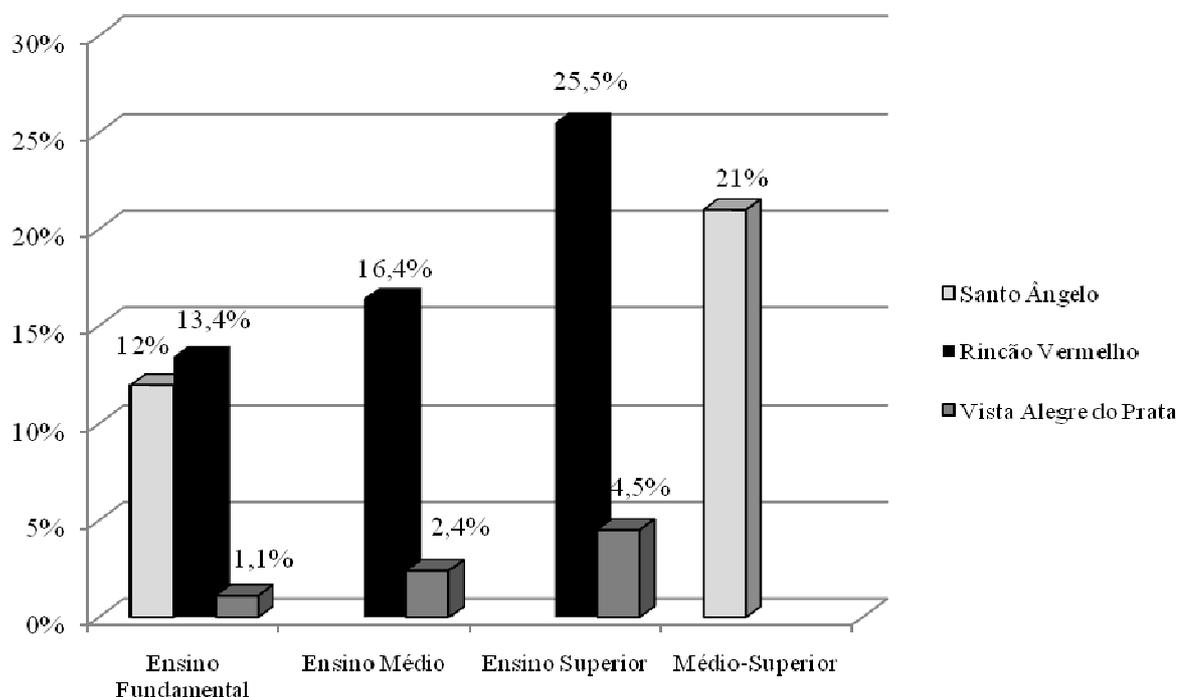
A tendência ao alçamento de /e/ entre os informantes com mais escolaridade confirma a hipótese inicial, formulada a partir dos resultados de Mallmann (2001) e Machry da Silva (2009). Mallmann (2001) analisa conjuntamente esses dois níveis de ensino sob a denominação Médio-Superior e, embora os resultados para peso relativo não sejam polarizados, em sua amostra os valores de frequência são bastante distintos: informantes com Ensino Fundamental mostram 12% de aplicação da regra, e informantes com Ensino Superior, 21%.

O comportamento da variável Escolaridade na presente amostra assemelha-se ao resultado obtido por Machry da Silva (2009) para a localidade de Rincão Vermelho – RS, na qual os informantes com Ensino Superior mostram-se claramente favorecedores da elevação de /e/ átono final, informantes com Ensino Médio mostram comportamento neutro e os com Ensino Fundamental são pouco favorecedores.

Ilustramos com o Gráfico 4 o uso variável de elevação da vogal média átona /e/ em Santo Ângelo (MALLMANN, 2001), Rincão Vermelho (MACHRY DA SILVA, 2009) e na presente pesquisa de acordo com a escolaridade dos informantes.

⁵ Analisando-se a frequência de aplicação para cada informante, notamos que, na rodada em que se desconsiderou a palavra “vinte”, houve três casos de aplicação zero, não encontrados na primeira rodada. Ou seja, três informantes – todos com Ensino Fundamental – elevam /e/ átono final somente na palavra “vinte”.

Gráfico 4 - Elevação de /e/ átono final e Escolaridade



O que se nota a partir do Gráfico 4 é a tendência, em todas as amostras, de os informantes utilizarem mais frequentemente a forma com elevação de /e/ átono final à medida que a escolaridade aumenta.

Vale ressaltar que os informantes com Ensino Superior da presente amostra, 4 no total (dos quais 3 estavam cursando faculdade), têm relativamente mais contato com pessoas de outras localidades, centros urbanos maiores, tendo em vista que viajam para municípios vizinhos para estudar (ou viajou, no caso do informante que concluiu o Ensino Superior). É possível que a convivência frequente com pessoas de cidades vizinhas, nas quais a regra de elevação das vogais médias átonas finais talvez esteja em estágio relativamente mais avançado do que em Vista Alegre do Prata, possa favorecer o uso da variável com elevação entre esses informantes.

Destacamos, além disso, o comportamento variável entre os informantes com Ensino Superior e os com Ensino Fundamental no que se refere à elevação de /e/ e /o/. Na elevação de /o/, os informantes com Ensino Fundamental mostraram-se os mais favorecidos, que foram os que menos alçaram /e/. Os informantes com Ensino Superior foram os que mais preservaram /o/ e os que mais alçaram /e/. Esse resultado sugere que talvez a elevação de /e/ seja mais saliente que a de /o/, de modo que os mesmos informantes (mais escolarizados) que tendem a preservar /o/ estejam mais suscetíveis a elevar /e/.

4.2.2.2.2 Sexo

Sexo foi a segunda e última variável extralingüística apontada como relevante para a elevação de /e/ átono final. Embora os resultados para tal variável não sejam polarizados, como mostra a Tabela 24, em Vista Alegre do Prata os homens favorecem a elevação de /e/ átono final (peso relativo 0,56 e *log-odds* 0,24).

Tabela 24 - Elevação de /e/ átono final e Sexo

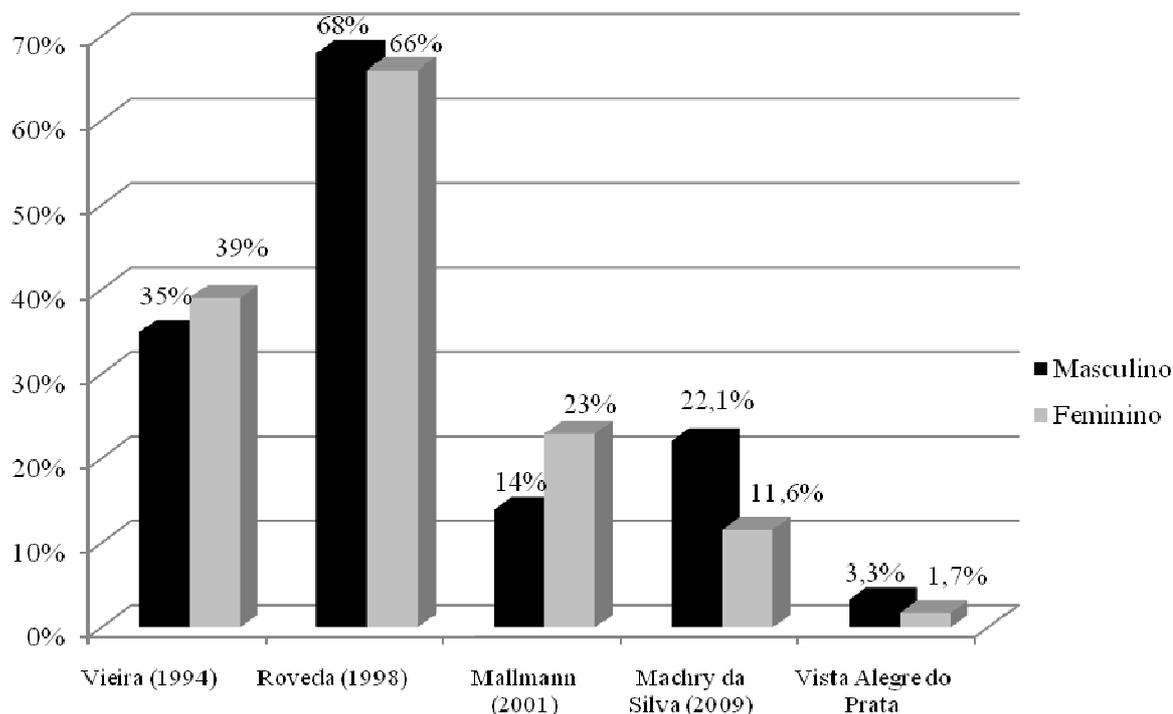
FATOR	APLICAÇÃO/ TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO	LOG-ODDS
masculino	93/2.811	3,3%	0,56	0,24
feminino	54/3.169	1,7%	0,43	-0,24
Total	147/5.980			

Desvio: 1.158.227 Graus de liberdade: 16 p = 0,006 Média: 0,025

Não havia sido formulada nenhuma hipótese referente a essa variável a partir dos resultados de estudos variacionistas sobre elevação das vogais médias postônicas no Rio Grande do Sul, pois, a depender do estudo, tanto homens quanto mulheres haviam sido apontados como favorecedores da elevação. No entanto, pautados em Paiva (2010), esperávamos que as mulheres mostrariam maior uso da forma com elevação do que os homens, mas a hipótese inicial não foi confirmada. Embora os resultados de peso relativo/*log-odds* não sejam polarizados, o percentual de aplicação da regra entre os homens é quase o dobro do percentual entre as mulheres.

Nos estudos precedentes sobre o mesmo fenômeno, tanto homens quanto mulheres, a depender da amostra, foram apontados como favorecedores da aplicação da regra, em geral com valores de peso relativo próximos ao ponto neutro. Mostramos no Gráfico 5 os resultados de estudos anteriores em que a variável Sexo foi selecionada, juntamente com os resultados da presente amostra.

Gráfico 5 - Elevação de /e/ átono final e Sexo



Como se pode notar, as amostras que exibem diferenças mais acentuadas em termos de frequência são a de Machry da Silva (2009), referente a Rincão Vermelho, e a de Mallmann (2001), referente a Santo Ângelo. A primeira aponta os homens como favorecedores da elevação, a segunda, as mulheres. A diferença na amostra de Roveda (1998), constituída de dados de falantes bilíngues de Flores da Cunha (RS) e Chapecó (SC) e de monolíngues de Porto Alegre (RS) e Florianópolis (SC), é de 2 pontos para frequência, com maior uso de elevação entre os homens. Na amostra de Vieira (1994), que conta com dados de 4 diferentes regiões geográficas do Rio Grande do Sul (Região Metropolitana, Taquara, Veranópolis e Livramento), a diferença de frequência de aplicação da regra é de 4 pontos, com mulheres favorecendo a elevação. A menor diferença ocorre na amostra de Vista Alegre do Prata, por ser também a comunidade com índice mais baixo de aplicação da regra. Observa-se, assim, que homens favorecem a elevação de /e/ átono final em 3 das 5 pesquisas em que a variável Sexo foi selecionada.

Resultados divergentes para diferentes amostras indicam que não se pode ainda fazer afirmações seguras sobre o papel da variável Sexo na regra de elevação de /e/ átono final no Rio Grande do Sul.

5 APONTAMENTOS SOBRE O SISTEMA VOCÁLICO DO POLONÊS

Como descrevemos no capítulo 4, referente à apresentação e análise dos resultados, a aplicação da regra de elevação das vogais médias átonas finais em Vista Alegre do Prata - RS difere consideravelmente de comunidades bilíngues português-italiano, como Flores de Cunha e Veranópolis, também localizadas na Serra Gaúcha. A frequência de aplicação da regra de elevação para /o/ apresenta índices superiores a 50% nessas comunidades (80% em Flores da Cunha, conforme amostra de Roveda (1998), e 60% em Veranópolis, conforme Vieira (1994)). Com relação à elevação de /e/ átono final, a análise de Roveda (1998) para Flores da Cunha mostra uma frequência de 64%, e Vieira (1994) aponta que em Veranópolis é de 18% a frequência de aplicação da regra de elevação para a vogal anterior. Diante disso, Vista Alegre do Prata impõe-se, no Rio Grande do Sul, como a comunidade mais preservadora das vogais médias átonas finais de que se tem conhecimento.

Considerando-se que os informantes desta pesquisa estão inseridos em uma comunidade de descendências distintas, polonesa e italiana, começamos a refletir sobre a influência do italiano sobre a fala da comunidade.

Análises precedentes já indicaram que em comunidades bilíngues português-dialeto italiano a preservação das vogais médias átonas finais está relacionada à influência do dialeto italiano sobre o português (ROVEDA, 1998). No italiano, -i é desinência de plural para nomes masculinos terminados em -a, -e, -o, e em nomes femininos com -e final, como mostram os exemplos em (14) (PAROLA CHIAVE, 2007, p. 914):

(14)	masculino singular	masculino plural	
	<i>il problema</i>	<i>i problemi</i>	(o problema/ os problemas)
	<i>il cane</i>	<i>i cani</i>	(o cão/ os cães)
	<i>il libro</i>	<i>i libri</i>	(o livro/ os livros)
	feminino singular	feminino plural	
	<i>la madre</i>	<i>le madri</i>	(a mãe/ as mães)

O valor morfológico da vogal /i/ em final de palavra no italiano, portanto, inibiria o uso da regra de elevação de /e/ átono final para falantes bilíngues português-dialeto italiano.

No que se refere à tendência à preservação de /o/ átono final em comunidades bilíngues português-italiano, também é possível relacionar esse comportamento linguístico

com o sistema vocálico dos dialetos italianos falados na região da Serra. Conforme Frosi e Mioranza (1983), os dialetos vênets⁶ apresentam em pauta átona final as vogais /i, e, a, o/. Assim, falantes bilíngues tenderiam a transferir uma característica fonética do dialeto italiano – ausência de /u/ átono final – para a fala em língua portuguesa, ou seja, tenderiam a não utilizar a regra de elevação de /o/ nessa posição.

Frosi e Mioranza (1983) analisam 387 produções de palavras emprestadas do português faladas por bilíngues da Região de Colonização Italiana (amarelo, cansado, casaco, entre outras; ou seja, os bilíngues acreditam que tais palavras são do dialeto italiano falado por eles, pois não conhecem a palavra correspondente no italiano – *giallo, stanco, giacca*, respectivamente). Os autores indicam que apenas 13 ocorrências (3,36%) tiveram elevação da vogal [o] átona final para [u], sendo /o/ preservado em 374 produções (96,64%). Esses dados mostram a influência do padrão fonético do dialeto sobre a produção dos falantes bilíngues, mesmo quando produzem vocábulos que não são originários do italiano.

Como explicitamos na seção referente à metodologia, na presente pesquisa foram selecionados informantes que tivessem pai e mãe descendentes de imigrantes poloneses, ou seja, que estivessem, por hipótese, mais familiarizados com o polonês do que com o italiano falados na comunidade.

Considerando-se que a maioria dos informantes (21/24, ou 87,5%) declarou que fala e/ou entende o polonês, procuramos investigar possíveis influências que características do sistema vocálico dessa língua estariam exercendo sobre o português falado pelos descendentes de imigrantes poloneses de Vista Alegre do Prata.

Gussmann (2007, p. 2) apresenta a descrição fonética do sistema vocálico do polonês mostrada em (15):

(15) - é composto por seis vogais orais:

[i] – anterior, alta: igła [igwa] (agulha);

[i] – anterior, média alta, retraída: myły [miwi] (elas lavaram);

[ɛ] – anterior, média aberta: teraz [teras] (agora);

[a] – anterior, aberta: lata [lata] (verão, nominativo plural)

[u] – posterior, alta, arredondada: stół [stuw] (mesa)

[ɔ] – posterior, média baixa, arredondada: most [mɔst] (ponte);

⁶ Segundo Frosi e Mioranza (1983), o distrito de Vista Alegre apresenta em sua maioria dialetos vênets, como trevisanos e vicentinos.

- e por dois núcleos nasais:

[ɛ,ɔ] seguidas por um glide labiovelar nasalizado [ɰ̃]: wąs [vɔ̃ɰ̃s] (bigode);

ou, em alguns casos, um glide palatal nasalizado [ʃ̃]: gęś [gɛ̃ʃ̃] (ganso).

Como se observa nessa descrição fonética, o sistema vocálico do polonês não apresenta as vogais médias altas [e] e [o], mas apresenta a vogal média alta anterior retraída (ou central, conforme Gussmann (2007, p.1) discute, utilizando o símbolo fonético para a vogal central não arredondada - [i̠]).

Higgins (1988, p. 45-46) apresenta o sistema vocálico do polonês representado aqui em (16), e afirma que Gussmann (1980), Rubach (1984) e outros “*have postulated quite large vowel inventories for Polish. In particular, it has been assumed that Polish has two high unrounded vowels /i/ and /i̠/ (= [y]), two abstract underlying high lax vowels, a tense [-high] front vowel, and, in Rubach (1984), a mid unrounded back vowel*”.

(16)	i	i̠	u
		ɣ	ɰ̃
	ɛ	ɣ	ɔ
	æ	a	

A autora argumenta, no entanto, que as vogais altas /i/ e /i̠/ estão em distribuição complementar, sendo a vogal anterior /i/ a forma subjacente. Afirma também ser desnecessária a referência às formas subjacentes /ɣ/ e /ɰ̃/, /æ/ e /ɣ/, envolvidas em processos morfológicos que originaram consoantes palatalizadas. Independentemente de tais divergências de análise, no entanto, o sistema vocálico do polonês diferencia-se do sistema vocálico do português pela ausência de vogais médias altas. A descrição de Higgins (1988, p. 46) para o sistema vocálico do polonês está representada em (17):

(17)	i	u	e=[ɛ]	o=[ɔ]	a	ɛ̃	ɔ̃
Dorsal	•	•	•	•	•	•	•
back	-	+	-	+	-	+	
high	+	+	-	-	-	-	-
low			-	-	+	-	-
Nasal						•	•
nasal						+	+

Os dois últimos segmentos (/ɛ, ɔ/) representam os núcleos nasais também referidos por Gussmann (2007). Essa representação difere da de Gussmann (2007) por não apresentar a vogal /i/, pois, como mencionado, para a autora a forma subjacente dessa vogal é /i/. Convém notar também que, embora a autora considere /e/ e /o/ a forma fonológica para as vogais médias, sinaliza sua realização como médias baixas [ɛ] e [ɔ], apesar de não apresentar detalhes a esse respeito, o que nos permite entender que são as vogais médias baixas categoricamente realizadas⁷.

Dada a não realização das vogais [e] e [o] no polonês, falantes dessa língua, ao aprenderem português, devem adquirir-las, isto é, têm de aprender a alterar [ɛ] e [ɔ] para produzir as formas correspondentes [e] e [o]. Isso se reflete na baixa aplicação da regra de elevação das vogais médias átonas finais na amostra em estudo. Conforme relataram na entrevista, os falantes com mais de 58 anos desta amostra aprenderam o português apenas depois que começaram a ir para a escola, isto é, a variedade de português falada na região por descendentes de imigrantes italianos, moradores em número expressivo no local, o que também parece ter papel na baixa frequência de uso da elevação das vogais médias.

Importa observar que a elevação de /e, o/ para /i, u/ constitui uma mudança natural, pois as vogais médias altas se diferenciam das altas por apenas um grau de abertura, enquanto /ɛ, ɔ/ diferenciam-se de /i, u/ por dois graus. Por conseguinte, a elevação /ɛ, ɔ/ para /i, u/ constitui uma mudança de maior custo, ou seja, não natural. Portanto, considerando-se que /e, o/ não fazem parte do sistema vocálico do polonês, a realização de tais segmentos na pauta postônica final por descendentes de imigrantes poloneses pode ser considerada o resultado de um primeiro estágio em direção às altas /i, u/.

Fato interessante envolvendo vogais médias é encontrado no português brasileiro: uso de médias baixas ou médias altas em posição pretônica, a depender da região do país. Bisol (informação verbal)⁸ trata em termos de harmonia gradiente a realização das vogais médias altas em pauta pretônica em comunidades de fala do Norte/ Nordeste do Brasil. Para esses dialetos, descrições têm mostrado que as médias baixas são default em posição pretônica, no entanto, quando, em lugar da vogal default aparecem as vogais /e/ e /o/, que não

⁷ Uma pesquisa ao *Dicionário de polaco-português, português-polaco* (DLUGOSZ, 2011), cuja primeira parte apresenta transcrição fonética dos vocábulos em polonês, comprova essa afirmação: apenas [ɛ] e [ɔ] realizam-se foneticamente.

⁸ Conferência *Efeitos similares da assimilação e da neutralização na pauta pretônica*, proferida por Leda Bisol durante o III SIS Vogais, realizado nos dias 07 e 08 de novembro de 2011, na UFRGS, em Porto Alegre.

estão na subjacência, esse resultado é um efeito parcial da harmonia vocálica, pois, ao passar de /ɛ, ɔ/ para /e, o/, há a mudança de um grau de altura. Podemos, pois, considerar que os falantes desta amostra estão praticando a elevação parcial, ao substituírem as vogais /ɛ, ɔ/, com que estão familiarizados em virtude do polonês, por /e, o/, ao falarem português. Por conseguinte, nesta amostra, a predominância de /e, o/ aponta para o resultado parcial da elevação da média átona final.

Disponíveis aos descendentes de imigrantes poloneses as vogais médias baixas /ɛ, ɔ/, utilizadas em pauta átona no polonês, as médias altas /e, o/, não realizadas nessa língua e presentes em final de vocábulo no italiano, e as altas /i, u/, de esperada realização em pauta átona final no português brasileiro, o que se visualiza é uma situação de contato entre três sistemas linguísticos diferentes, cada qual com suas características fonéticas/ fonológicas/ morfológicas distintas, de modo que a variedade do português utilizada pelos falantes descendentes de imigrantes poloneses de Vista Alegre do Prata reflete esse contato e apresenta interferências de um sistema no outro.

Não tivemos acesso a nenhum estudo descritivo referente ao polonês falado no Sul do Brasil, por isso não dispomos de informações mais específicas no que diz respeito à variedade do polonês falada pelos descendentes⁹. No entanto, o acesso a obras sobre polonês permite identificar vocábulos usuais entre os falantes descendentes de imigrantes poloneses da localidade, como, entre outras que poderiam ser citadas, a palavra *dziadek* [ˈdʑadɛk] (avô), ou *cholera* [xɔˈlɛra] (raiva; interjeição para denotar raiva). Em ambos os vocábulos, destacamos o uso de vogais médias baixas em pauta átona: [ɛ] na átona final, e [ɔ] na pretônica.

Analisando-se empréstimos de outros idiomas para o português e o polonês, podem-se identificar estratégias adaptativas de acordo com cada sistema vocálico. A palavra bordô, por exemplo, um empréstimo do francês *bordeaux* (Aulete Digital), é pronunciada [borˈdo] por falantes do português brasileiro, com vogais médias altas, enquanto no polonês *bordo* apresenta as médias baixas [bɔrˈdɔ] (DLUGOSZ, 2011, p. 28).

Karwoski (2003) menciona o uso da palavra *woda* [ˈvɔda] (água) por falantes descendentes de imigrantes poloneses da cidade Mallet, no Paraná. No polonês, dependendo da declinação, ou seja, de sua função sintática, essa palavra sofre alterações de ordem

⁹ Possivelmente traga contribuições importantes a esse respeito a obra “Bilinguismo polono-português no Brasil”, de autoria de Miodunka Vladislav, publicada na Polônia em 2003, pela Editora Universitas. A publicação está fora de catálogo, de acordo com o site da editora.

fonológica e gráfica. No entanto, o autor aponta que, na fala dos descendentes, tais distinções não são realizadas; *woda* realiza-se categoricamente dessa forma independentemente da posição sintática. O autor interpreta esse uso como uma interferência da sintaxe do português na língua polonesa falada na região. Na fala dos descendentes de poloneses de Vista Alegre do Prata, também é possível identificar interferências da língua portuguesa no uso de palavras do polonês, como a palavra *rozumieć* (entender), pronunciada [ru'zume] na localidade, quando, no polonês, esperar-se-ia [rɔ'zumet̪ç̃]. Na produção desse vocábulo, distinta do esperado, três processos podem ser apontados: harmonia vocálica da vogal pretônica ([ɔ] passa a [u]); elevação de [ɛ] para [e] na átona final; apagamento da coda da sílaba final, já que a coda dessa palavra não atende às restrições para esse elemento da sílaba do português. Possivelmente, uma investigação sistemática encontraria outros casos de adaptação de vocábulos do polonês ao sistema fonológico do PB.

Entre os descendentes de poloneses da comunidade, especialmente adultos mais velhos e idosos, é perceptível também a interferência do sistema vocálico do polonês na fala em língua portuguesa, como o uso das vogais médias baixas quando o esperado seriam as médias altas ([ˈdew] para [ˈdew] – verbo dar; [kɔˈlɔnʲa] para [koˈlonja] – colônia). A partir da análise das entrevistas realizadas para a presente dissertação, podemos mencionar diversas produções com alteração da vogal média, ou seja, de média alta para média baixa: [kɔˈlonja] (colônia); [ˈtɔmo] (tomo, verbo tomar); [nɔvo] (novo); [ˈɛle] (ele); [ˈvejo] (veio, verbo vir). Esse é um traço que distingue a fala dos descendentes de poloneses da comunidade dos falantes descendentes de italianos.

A taxa de aplicação da regra de elevação das vogais médias átonas finais consideravelmente mais baixa em Vista Alegre do Prata, comparando-se com comunidades como Veranópolis e Flores da Cunha, sugere que pode haver distinção com relação à implementação dessa regra entre diferentes comunidades de fala a depender da constituição étnica, se italiana ou polonesa.

O Paraná, onde a colonização eslava foi bastante significativa, é o Estado do Sul do país onde menos ocorre elevação das vogais médias postônicas. O estudo de Vieira (2002), por exemplo, que investiga dados de Irati, cidade de colonização eslava, mostra que o percentual de aplicação de elevação de /e/ átono final nessa cidade é o mais baixo entre as cidades paranaenses (21%); Pato Branco, que recebe, a partir de 1940, migrantes gaúchos e catarinenses descendentes de italianos e alemães, é a cidade que mais tende a elevar /e/ átono

final (70%). Londrina apresenta um percentual de 45% de aplicação da regra, e Curitiba, 37%. A autora afirma que o comportamento diversificado com relação à elevação de /e/ átono final entre os falantes das diferentes cidades paranaenses poderia estar relacionado à colonização de cada cidade do interior.

Dessa forma, a indicação da presente pesquisa no que se refere à variação no uso da regra de elevação das vogais médias átonas finais entre falantes descendentes de imigrantes italianos e poloneses em diferentes comunidades de fala do Rio Grande do Sul está em consonância com o resultado do estudo de Vieira (2002) no que diz respeito à variação entre as cidades paranaenses. Um caminho a ser percorrido para se obterem resultados mais conclusivos é realizar análises comparativas, a partir de dados de informantes bilíngues português-dialeto polonês e de bilíngues português-dialeto italiano de comunidades de fala distintas.

De todas as análises sobre elevação das vogais médias postônicas no Sul do Brasil, Vista Alegre do Prata – RS figura como a cidade que menos utiliza as vogais altas em lugar das médias em pauta átona final; diante do exposto, parece que fatores extralinguísticos como constituição étnica da população podem estar inibindo o processo de implementação da regra, que se encontra em estágio inicial na comunidade.

6 ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS POSTÔNICAS NO SUL DO BRASIL: TENTATIVA DE GENERALIZAÇÃO

Neste capítulo retomaremos as pesquisas referentes à elevação das vogais médias postônicas no Sul do Brasil com vistas à generalização de resultados, seguindo a metodologia proposta por Bailey e Tillery (2004). De acordo com esses autores, resultados divergentes em estudos sobre um mesmo fenômeno podem refletir diferenças relacionadas à origem dos dados, à constituição da amostra e às estratégias de análise adotadas. Assim, esses três aspectos serão considerados na comparação dos resultados, a fim de que possamos alcançar generalizações quanto ao fenômeno em pauta nesta pesquisa. O foco são apenas os resultados comuns às pesquisas diretamente comparáveis, em detrimento de uma descrição da análise que cada uma realizou, feita na seção 2.3 desta dissertação.

São em número de 8 as pesquisas sobre elevação das vogais médias postônicas no Sul do Brasil consideradas, como mostramos no Quadro 11.

Quadro 11 - Pesquisas consideradas na revisão

Autor	Ano	Denominação dada nesta revisão
Schmitt	1987	P1
Vieira	1994	P2
Roveda	1998	P3
Carniato	2000	P4
Mallmann	2001	P5
Vieira	2002	P6
Machry da Silva	2009	P7
Vieira	2010	P8

Considerando-se a origem dos dados, podemos afirmar, em concordância com Brescancini (2008)¹⁰, que P1 (SCHMITT, 1987) e P2 (VIEIRA, 1994) são trabalhos diretamente comparáveis, pois ambos utilizam dados provenientes de uma coleta realizada por Bisol (1977–1978).

Todos os informantes que compõem as amostras analisadas têm formação escolar primária incompleta e idade entre 25 e 55 anos. Os estudos diferenciam-se, no entanto, no que se refere à quantidade de informantes considerados: P1 analisa dados de 4 informantes de cada região (4 bilígues de Veranópolis – colonização italiana, 4 bilígues de Taquara – colonização alemã, 4 monolíngues de Livramento – fronteira com o Uruguai); P2 analisa

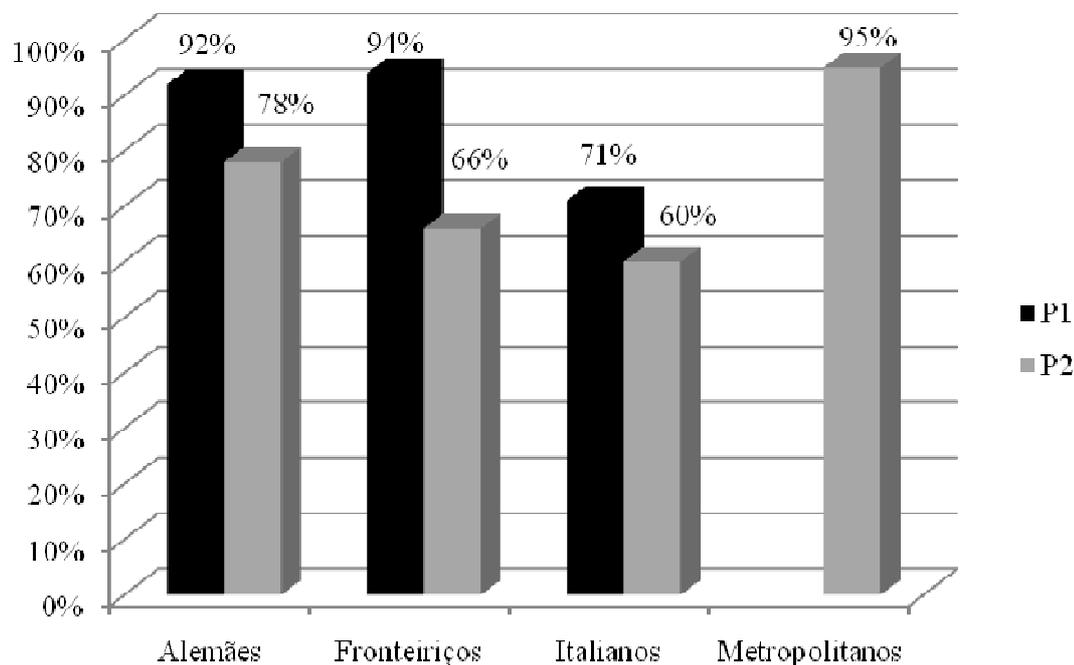
¹⁰ Brescancini (2008) analisa os trabalhos de Schmitt (1987), Vieira (1994, 2002), Roveda (1998) e Carniato (2000), pautada nos pressupostos de Bailey e Tillery (2004), na busca por resultados generalizáveis.

Com relação às variáveis extralinguísticas consideradas, P1 e P2 controlam em comum a variável Tipo de Entrevista (teste ou fala livre). P2 analisa também Sexo e Etnia.

A seleção das variáveis não foi igual para P1 e P2. Das variáveis comuns controladas, não foram significativas para P2 Contexto Seguinte e Classe Morfossintática, que tiveram papel em P1. Também mostraram papel em P1 as variáveis Juntura, Contexto Precedente e Posição no Sintagma Frasal. Em P2, por ordem de relevância, tiveram papel: Etnia, Contexto Vocálico, Segmento Precedente, Tipo de Sílabas, Sexo e Posição na Sílabas. Assim, a única variável comum selecionada em ambas as pesquisas é Contexto Precedente.

Em se tratando de variáveis extralinguísticas, em ambas as amostras, a variável Etnia mostra condicionar a aplicação da regra: em P1 isso se verifica pelas diferenças de aplicação da regra de acordo com o grupo geográfico, e em P2 Etnia foi a variável apontada como a de maior relevância para o alçamento de /o/. Mostramos no Gráfico 6 a frequência de aplicação da regra para a vogal /o/ em P1 e P2, e no Gráfico 7 a frequência para a vogal /e/.

Gráfico 6 - Elevação da vogal /o/ em P1 e P2

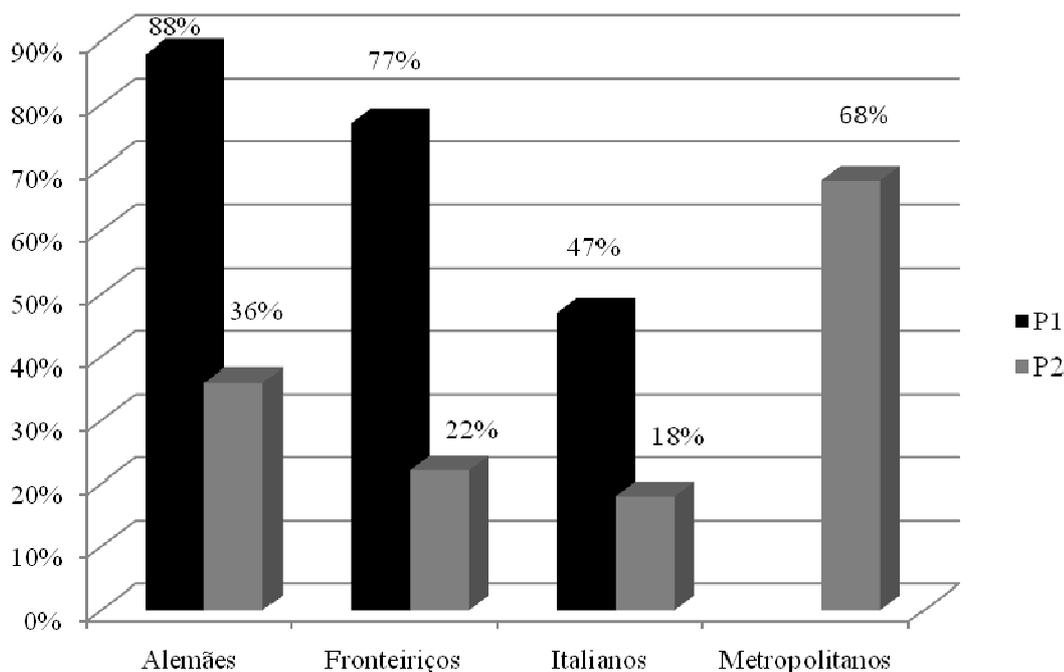


Como é possível observar, os informantes da região de colonização italiana são os que mais preservam /o/ postônico. Alemães e fronteiriços apresentam resultados bastante semelhantes em P1 (92% e 94%, respectivamente), e nos resultados de P2 fronteiriços apresentam comportamento mais próximo aos da região de colonização italiana (66%), seja

comparativamente a P1 (71%) ou a P2 (60%). O resultado de P2 para a região metropolitana confirma a análise efetuada para teste em P1.

Os resultados para /e/ apontam os informantes da região de colonização italiana novamente como os mais preservadores da vogal média, como mostra o Gráfico 7.

Gráfico 7 - Elevação da vogal /e/ em P1 e P2



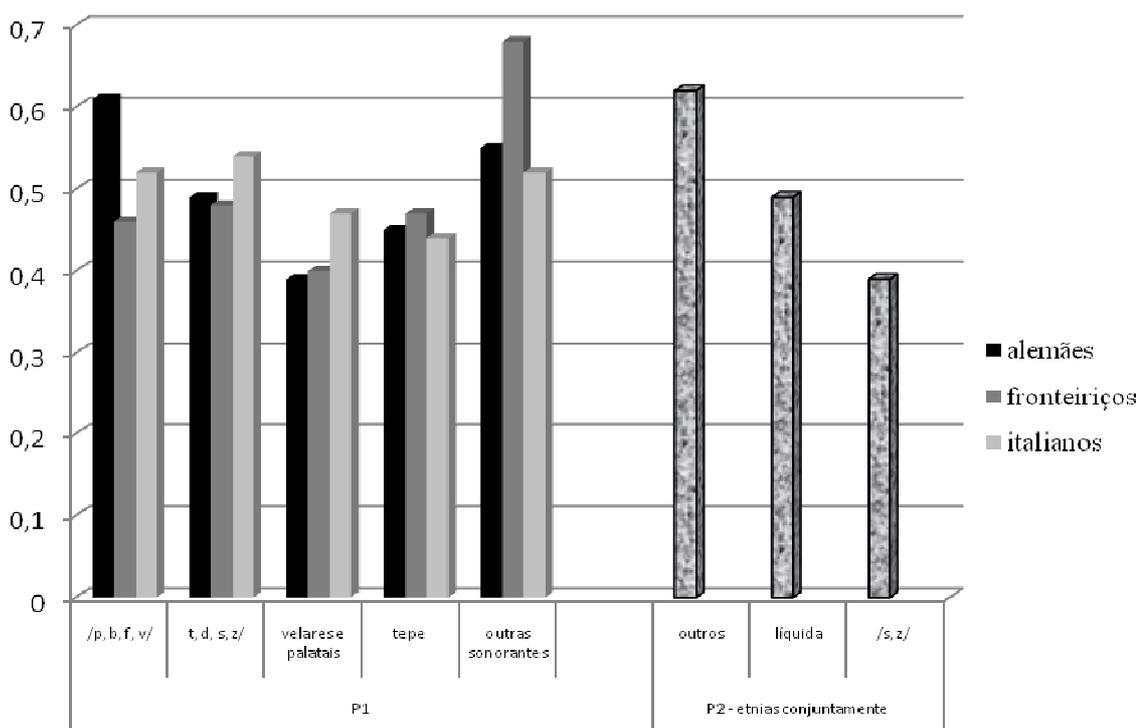
Com relação à vogal /e/, em P1 os italianos apresentam taxa de aplicação da regra consideravelmente menor (47%) se comparados a fronteiriços (77%) e alemães (88%), que não se diferenciam tanto. Já em P2 há maior semelhança entre italianos (18%) e fronteiriços (22%).

No que se refere a condicionamentos linguísticos, a variável Contexto Precedente foi selecionada em ambas as pesquisas, no entanto, diferenças na constituição dos fatores da variável dificultam generalizações. P1 organiza os fatores dessa variável de acordo com o ponto de articulação e separa o tepe das demais sonorantes, ao passo que P2 apresenta resultados com a distinção entre os segmentos /s, z/, nasais e líquidas, e os demais segmentos ficam agrupados sob o fator *outros*.

Para a vogal /o/, como se pode ver no Gráfico 8, P1 indica consoantes labiais como favorecedoras para os informantes de Taquara (0,61); P2 agrupa esses segmentos sob o fator *outros*, o que mais favorece a aplicação da regra. Nos resultados de P2, segmentos /s, z/ são claramente inibidores de elevação de /o/, ao passo que em P1, juntamente com as oclusivas

alveolares, mostram comportamento neutro para os três grupos étnicos. Em P1, nasais e a líquida lateral agrupadas como *outras sonorantes* mostram comportamento favorecedor para fronteiriços, no entanto, em P2 a líquida mostra comportamento neutro.

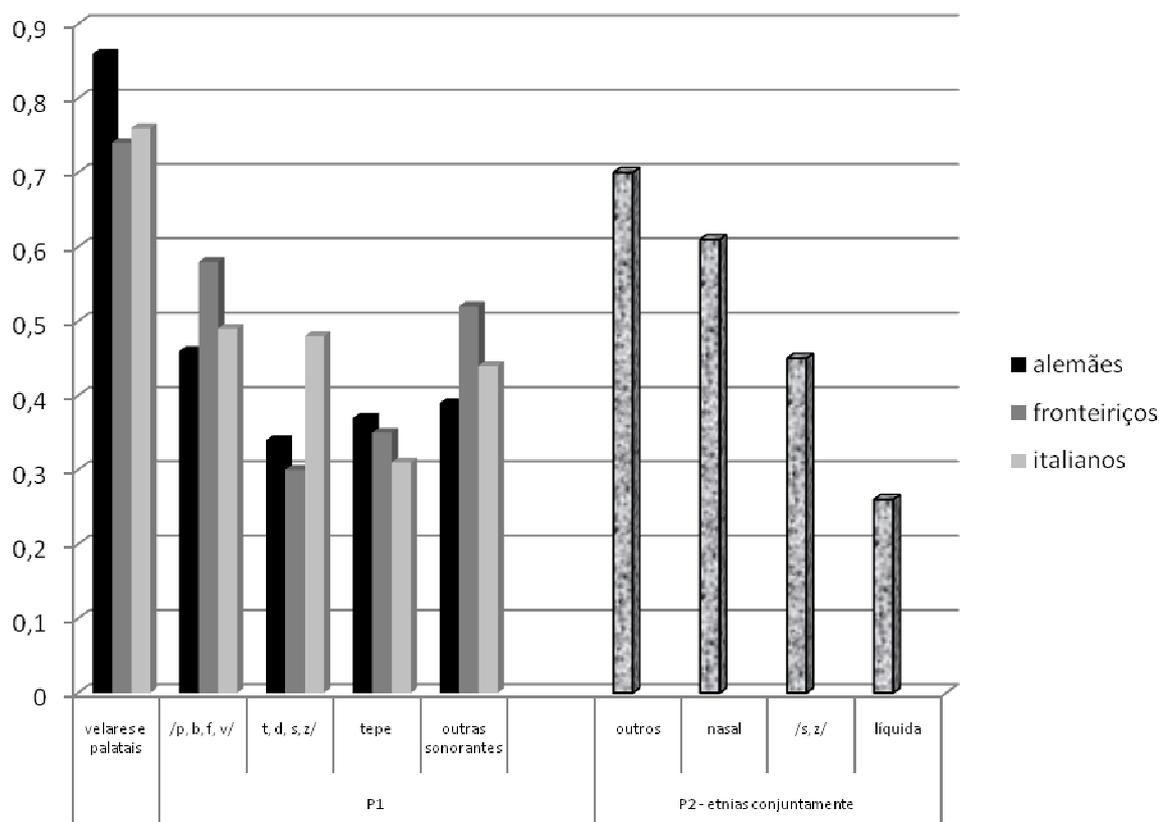
Gráfico 8 - Resultados para Contexto Precedente em P1 e P2: vogal /o/



Como se pode notar, não é possível apontar nenhuma generalização referente ao papel do contexto precedente para /o/ final. No entanto, o papel favorecedor das labiais no grupo dos alemães em P1 e o fato de tais segmentos estarem agrupados sob o fator que mais favorece a elevação em P2 nos permite supor que tais segmentos exercem papel favorável em ambas as pesquisas; um resultado comum, portanto.

Com relação à vogal /e/, há resultados concordantes entre as duas pesquisas no que se refere ao favorecimento da elevação: os resultados de P1 indicam o papel favorável das velares e palatais, agrupadas no fator *outras* em P2, o que mais favorece a aplicação da regra, como se pode observar no Gráfico 9. Por outro lado, em P2, a líquida e as nasais mostram comportamento diferenciado – aquela é altamente inibidora, estas, favorecedoras, ao passo que, em P1, agrupadas sob um mesmo fator, mostram-se inibidoras para alemães e próximas ao ponto neutro para italianos e fronteiriços.

Gráfico 9 - Resultados para Contexto Precedente em P1 e P2: vogal /e/



Dos condicionamentos linguísticos encontrados para a regra de elevação das vogais médias postônicas em P1 e P2, portanto, o resultado em comum refere-se ao *papel favorável das velares e palatais em contexto precedente para a elevação de /e/*. Além disso, vê-se que o *fator região geográfica ou etnia é responsável por se poder afirmar que existem dois sistemas vocálicos em pauta postônica no Rio Grande do Sul: um que tende a produzir as altas /i, u/, e outro que preserva as vogais médias /e, o/*.

Iniciaremos aqui a análise de outras três pesquisas contempladas nesta seção. Considerando-se a fonte dos dados, pode-se dizer que P3 (ROVEDA, 1998), P6 (VIEIRA, 2002) e P8 (VIEIRA, 2010) são trabalhos que podem ser comparados, uma vez que os três utilizam dados do banco VARSUL, coletados de 1988 a 1996. P3 considera dados de 48 informantes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina: 12 monolíngues de cada uma das capitais – Porto Alegre e Florianópolis – e 12 bilíngues de cada uma das cidades de colonização italiana – Flores da Cunha (RS) e Chapecó (SC). P6 analisa dados de 96 informantes – 8 informantes de cada uma das cidades contempladas pelo VARSUL (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja, no Rio Grande do Sul; Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó, em Santa Catarina; Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati, no Paraná). P8 analisa

dados de 48 informantes – 16 de cada uma das capitais: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

Como é possível observar no Quadro 14, P3 e P6 estratificam sua amostra de acordo com faixa etária e escolaridade, P3 separa também por sexo, ao passo que P8 não analisa nenhuma variável social. A variável Faixa Etária possui praticamente a mesma segmentação em P3 e P6. Escolaridade é composta por três fatores em P3 e por dois fatores em P6.

Quadro 14 - Características das amostras de P3, P6 e P8

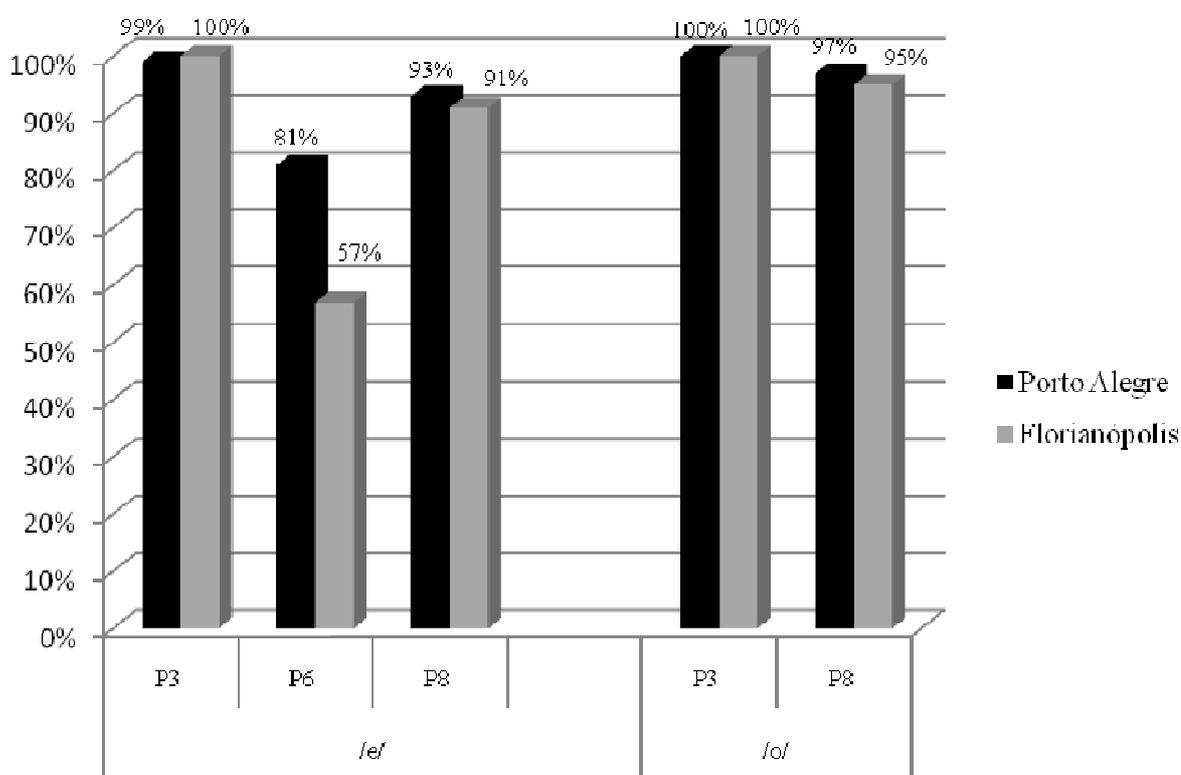
Autor/ ano	Cidades/ informantes	Total de informantes e de dados	Faixa etária	Escolaridade	Sexo	Grupo geográfico
P3 Roveda (1998)	Porto Alegre – 12 Flores da Cunha – 12 Florianópolis – 12 Chapecó - 12	48 inf. /o/ 9.369 /e/ 4.523	25 - 50 50 ou mais	Até 4 anos 4 - 8 anos 9 - 12 anos	masculino feminino	italianos açorianos
P6 Vieira (2002)	Porto Alegre – 8 Flores da Cunha – 8 São Borja – 8 Panambi – 8 Florianópolis – 8 Chapecó – 8 Lages – 8 Chapecó – 8 Curitiba – 8 Londrina – 8 Pato Branco – 8 Irati – 8	96 inf. não final: /o/ 535 /e/ 265 final: /o/ 768 /e/ 876	Até 50 + de 51	Até 4 anos + de 4 anos	-	alemães italianos fronteiriços açorianos eslavos
P8 Vieira (2010)	Porto Alegre – 16 Florianópolis – 16 Curitiba – 16	48 inf. não final: /o/ 144 /e/ 136 final: /o/ 7.622 /e/ 5.962	-	-	-	-

Como podemos verificar na terceira coluna do Quadro 14, diferentemente de P1 e P2, em que vogais médias átonas finais e não finais foram tratadas conjuntamente, em P6 e P8 elas são analisadas em arquivos distintos; P3 atém-se à posição final. Dessa forma, poderão ser comparados os resultados para a posição final das três pesquisas, ao passo que para a posição não final, comparamos P6 e P8.

Em termos de frequência de aplicação para a posição final, podem-se comparar os resultados das três pesquisas para Porto Alegre e Florianópolis, os resultados de P3 e P6 para Flores da Cunha e Chapecó, e os resultados de P6 e P8 para Curitiba.

Como mostra o Gráfico 10, a frequência de aplicação em P3 e P8 para a posição final é bastante semelhante. P6 não apresenta distribuição por cidade para a vogal posterior, e a frequência para /e/ é mais baixa se comparada a P3 e P8. Essa diferença de resultado pode estar relacionada à diferença no número de dados entre P6 e as outras duas pesquisas.

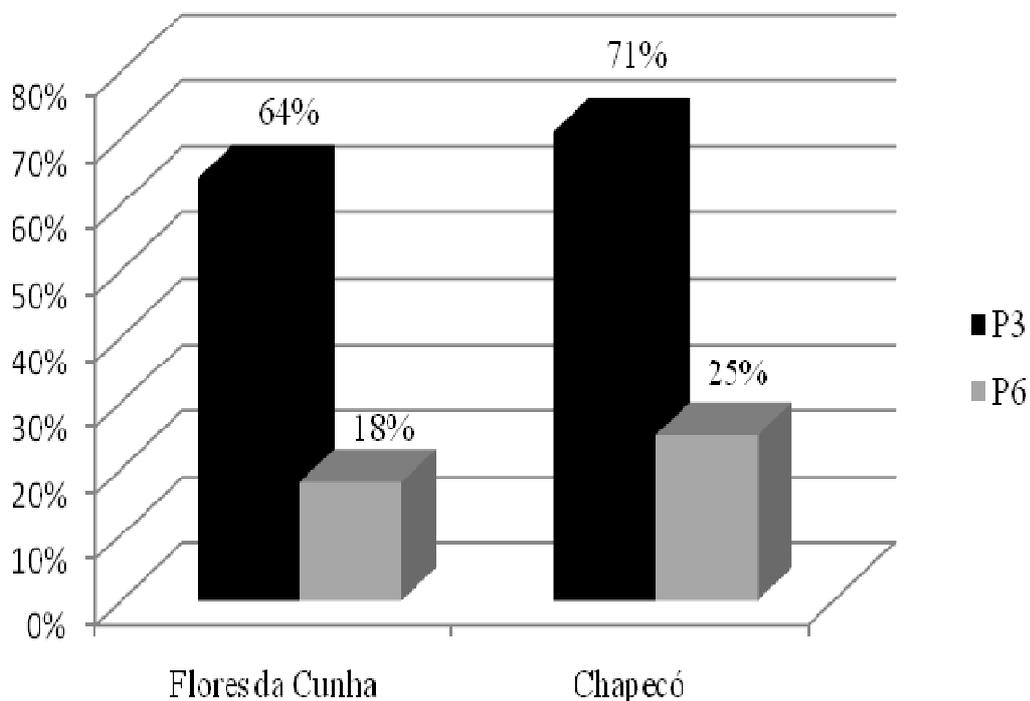
Gráfico 10 - Resultados para Florianópolis e Porto Alegre: vogais finais



A frequência em P3 e P8 mostra a aplicação praticamente categórica da elevação para ambas as vogais tanto em Porto Alegre quanto em Florianópolis.

Comparando-se os resultados de frequência obtidos em P3 e P6 para Flores da Cunha e Chapecó, a menor quantidade de dados em P6 parece responsável também pela diferença no percentual de aplicação para /e/ entre seus resultados e os de P3, como mostra o Gráfico 11.

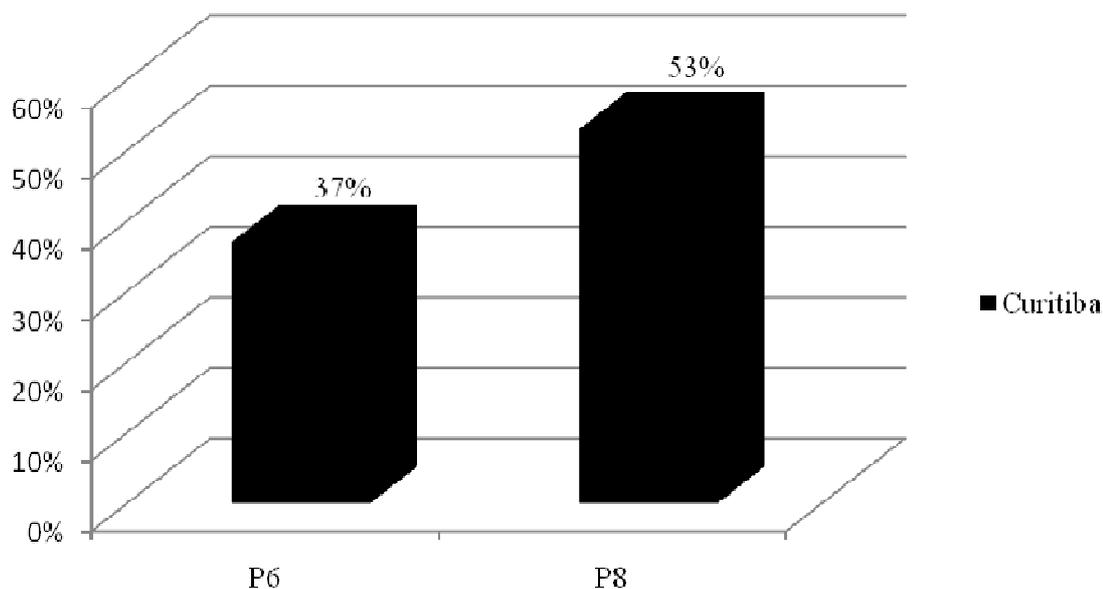
Gráfico 11 - Resultados de P3 e P6 para Flores da Cunha e Chapecó: vogal /e/



Embora se atribua à pouca quantidade de dados de P6 a responsabilidade pela diferença na frequência de aplicação entre uma pesquisa e outra, o total de dados não enviesa o resultado comparativo entre P3 e P6, uma vez que em ambos os trabalhos é pequena a diferença de frequência entre uma cidade e outra, mantendo-se a cidade gaúcha como a mais preservadora de /e/ final.

Como mostra o Gráfico 12, P3 e P6 não se diferenciam na mesma proporção que P6 e P8. No entanto, os resultados de frequência em P6 e P8 para a vogal /e/ em Curitiba também refletem a diferença na quantidade de dados: P8 analisa 1.970 contextos para a capital paranaense e constata uma taxa de 53% de aplicação da regra, ou seja, 1.056 casos de elevação; P6 analisa 100 ocorrências de /e/ átono final para essa cidade, das quais 37 foram produzidas com elevação.

Gráfico 12 - Resultado para Curitiba em P6 e P8: vogal /e/



Convém mencionar que, comparando-se o Gráfico 12, referente à frequência de aplicação de /e/ final em Curitiba, com os resultados do Gráfico 10, referente às cidades de Porto Alegre e Florianópolis, é possível notar que Curitiba figura como a capital mais preservadora de /e/ átono final.

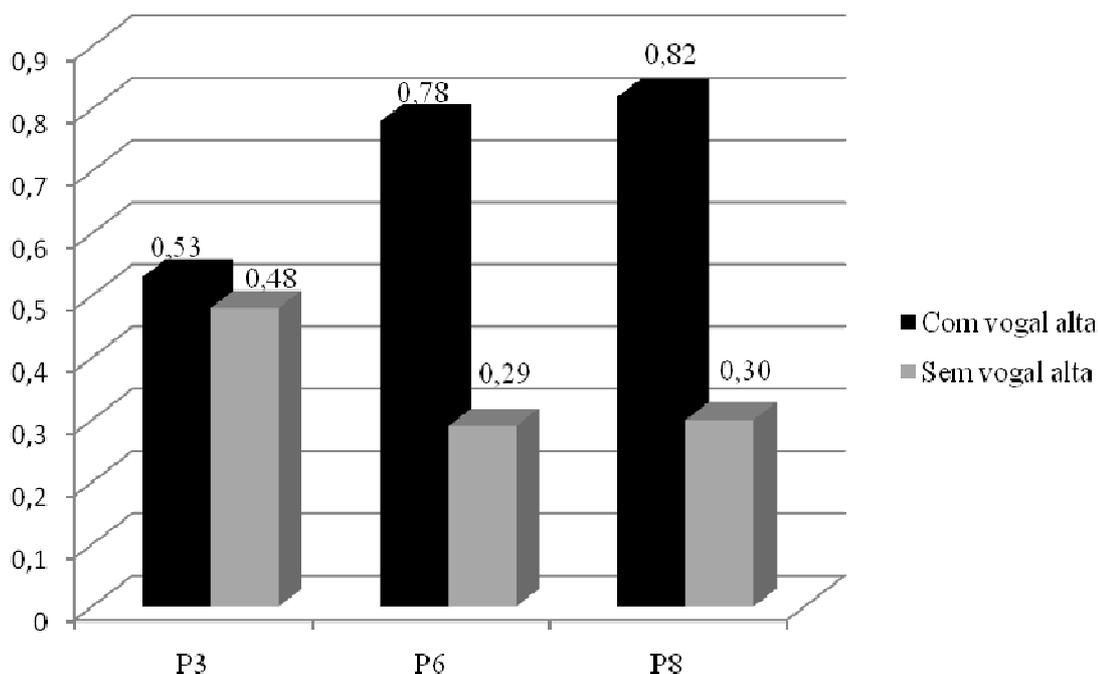
Seguindo-se com a análise das variáveis independentes de cada trabalho, observa-se que em P6 e P8 são controlados grupos de fatores distintos de acordo com a posição – final ou não final –, como mostra o Quadro 15, embora sejam as mesmas as variáveis controladas de acordo com cada posição. P3 controla Juntura e Classe de Palavra, não consideradas nos outros dois trabalhos.

Quadro 15 - Variáveis linguísticas controladas em P3, P6 e P8

	Tipo de Sílabas	Contexto Precedente	Juntura	Classe de Palavra	Contexto Vocálico	Contexto Seguinte	Localização na Palavra
Final							
P3							
P6							
P8							
Não Final							
P6							
P8							

Com relação às variáveis analisadas para a pauta átona final, Contexto Vocálico, Contexto Precedente e Tipo de Sílabas são comuns às três pesquisas. Para /o/ final, a variável Contexto Vocálico foi unanimemente selecionada, como se vê no Gráfico 13, embora em P3 os valores para peso relativo se aproximem do ponto neutro. Pelo resultado semelhante de P6 e P8, vê-se que a presença de vogal alta na palavra favorece a elevação de /o/ final.

Gráfico 13 - Contexto Vocálico em P3, P6 e P8: vogal /o/

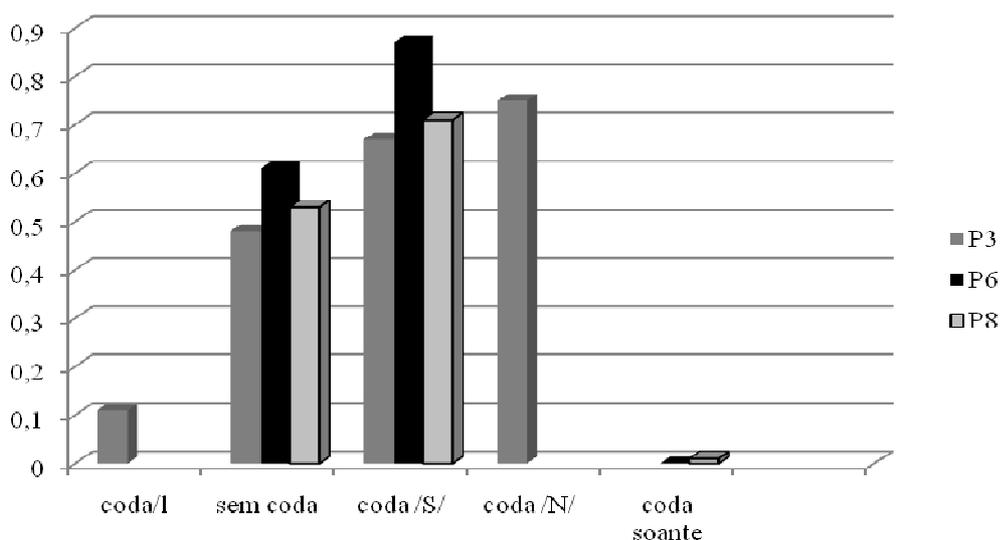


Para a vogal /e/ em pauta átona final, Contexto Precedente e Tipo de Sílabas foram variáveis indicadas como relevantes em todos os trabalhos. Com relação aos resultados de Contexto Precedente, P3 mostrou dorsais e palatais como levemente favorecedoras (0,57); vogais e consoantes labiais, dentais e alveolares mostraram comportamento neutro. Diferentemente, em P6 os segmentos /s, z/ mostraram-se claramente favorecedores da elevação (0,70), seguidos das labiais (0,62); coronais e dorsais foram pouco favorecedoras. Nota-se aqui a diferente composição da variável e, com isso, resultados discordantes: P3 trata coronais oclusivas e fricativas conjuntamente, o que as torna um fator neutro à aplicação da regra; P6 separa /s, z/ das demais coronais e os resultados mostram comportamento distinto. P8 indica as coronais oclusivas como inibidoras da elevação de /e/ (0,40), e os demais segmentos como favorecedores (0,75). O que se pode generalizar de tais resultados é o papel inibidor das coronais oclusivas para a elevação de /e/ final.

Embora a composição da variável seja distinta em P3, P6 e P8, os resultados para Tipo de Sílabas são unânimes com relação ao papel favorecedor de coda /S/, como mostra o

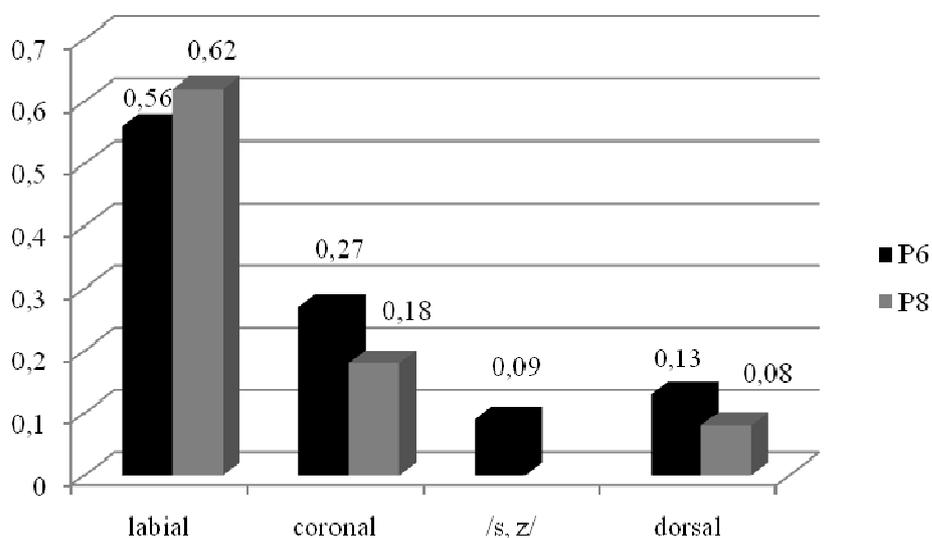
Gráfico 14. P6 indica o favorecimento à elevação também em sílabas abertas, que em P3 e P8 mostram comportamento neutro. P3 indica ainda coda /N/ como favorecedora, no entanto, em P6 e P8 não é possível confirmar tal resultado, pois, amalgamada com coda /r/ e coda /l/ sob a denominação *coda soante*, mostra-se bastante inibidora.

Gráfico 14 - Tipo de Sílabla em P3, P6 e P8: vogal /e/



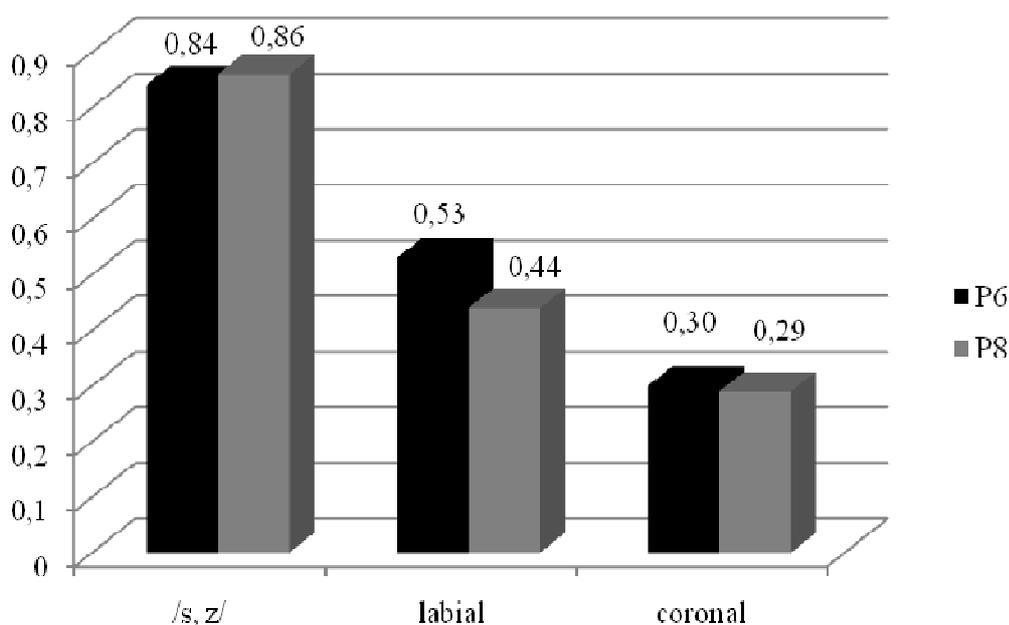
Das variáveis controladas na posição não final, Contexto Precedente foi indicado para ambas as vogais em P6 e P8, e seus resultados são generalizáveis. Para a elevação de /o/, consoantes labiais são favorecedoras tanto em P6 quanto em P8, como mostra o Gráfico 15; os demais segmentos apresentam comportamento pouco favorável à elevação.

Gráfico 15 - Contexto Precedente em P6 e P8: /o/ não final



Para a elevação de /e/ não final mostram-se favorecedoras também nas duas pesquisas as coronais fricativas. Labiais mostram comportamento próximo ao ponto neutro, e coronais não favorecem a aplicação da regra, como mostra o Gráfico 16.

Gráfico 16 - Contexto Precedente em P6 e P8: /e/ não final



Pela análise de P3, P6 e P8, é possível encontrar generalizações. *Em posição final, presença de vogal alta alimenta a elevação de /o/ (Gráfico 13), e coda /s/ a elevação de /e/ (Gráfico 14); nessa posição, coronais oclusivas em contexto precedente inibem a elevação da vogal média anterior. Em pauta átona não final, Contexto Precedente é a variável que condiciona a elevação das duas vogais – consoantes labiais favorecem a elevação de /o/ (Gráfico 15), e fricativas coronais, a de /e/ (Gráfico 16).*

As outras três pesquisas em foco nesta revisão – P4, P5 e P7 (Quadro 16) – não são diretamente comparáveis considerando-se a característica da origem dos dados. P4 (CARNIATO, 2000) analisa dados de 12 informantes residentes em Santa Vitória do Palmar – RS, cidade fronteiriça com o Uruguai, P5 (MALLMANN, 2001) trabalha com dados de 36 informantes de Santo Ângelo - RS, e P7 (MACHRY DA SILVA, 2009) com dados de 14 informantes da localidade de Rincão Vermelho, no município de Roque Gonzales – RS, fronteira com a Argentina. Os dados são oriundos de coletas pessoais realizadas pelos autores de cada estudo. Mostramos no Quadro 16 as características das amostras de P4, P5 e P7.

Quadro 16 - Características das amostras de P4, P5 e P7

Autor/ ano	Localidade	Total de informantes e de dados	Faixa etária	Escolaridade	Sexo	Grupo étnico
P4 Carniato (2000)	Santa Vitória do Palmar	12 inf. /o/ 893 /e/ 419	13-18 anos + de 50 anos	1º Grau incompleto 1º Grau completo	-	-
P5 Mallmann (2001)	Santo Ângelo	36 inf. /e/ e /o/ em conjunto 2.891	06-24 anos 25-49 anos 50 anos ou mais	Fundamental Médio-Superior	masculino feminino	luso- brasileiro misto alemão italiano polonês
P7 Machry da Silva (2009)	Rincão Vermelho (Roque Gonzales)	14 inf. final: /o/ 5.951 /e/ 3.883 não final: /o/ 223 /e/ 310	15-35 anos 36-57 anos 58 anos ou mais	Fundamental Médio Superior	masculino feminino	-

Como se pode observar no Quadro 16, os trabalhos analisam dados de comunidades distintas, coletados em diferentes épocas – cada qual no período anterior à publicação da pesquisa – e utilizam estratégias diversas de constituição da amostra: P4 analisa apenas a posição final e separa as vogais; P5 além-se também à posição final, mas trata /e/ e /o/ conjuntamente; P7 analisa separadamente as vogais e também as posições. A estratificação dos informantes por faixa etária é outro aspecto que distingue os três trabalhos: P4 trabalha com dados de adolescentes (13-18 anos) e adultos mais velhos (mais de 50 anos); P5 analisa dados de crianças a partir de 6 anos até adultos com mais de 50; e P7 estratifica, assim como P5, em três faixas etárias, no entanto, sua primeira faixa etária é composta por jovens e adultos (15-35 anos). A amostra das três pesquisas distingue-se também com relação à variável escolaridade: os informantes de P4 têm 1º Grau completo ou incompleto; os de P5 estão divididos em Ensino Fundamental e Médio-Superior; P7 separa entre Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Não são trabalhos diretamente comparáveis; restringiremo-nos, portanto, a apontar desses estudos os resultados que confirmam as generalizações encontradas nos trabalhos analisados anteriormente.

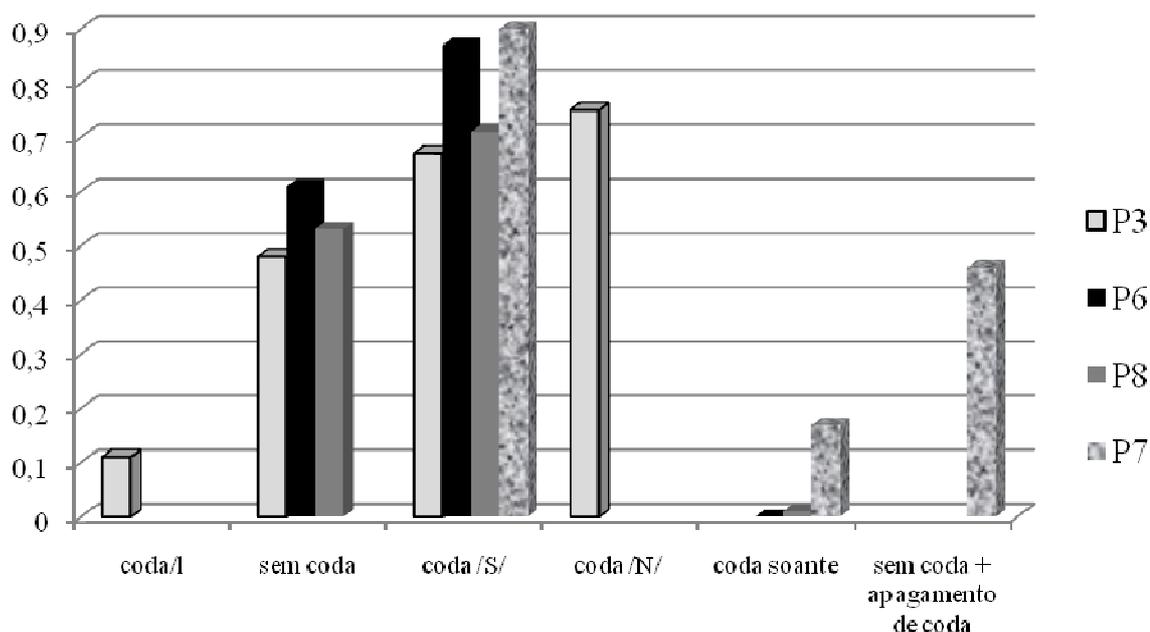
Os resultados obtidos por P4 para Santa Vitória do Palmar não confirmam nenhuma das generalizações encontradas. A variável apontada como mais significativa para a aplicação da regra foi Faixa Etária, verificando-se um processo de variação em progresso implementado pelos jovens. Ressalta-se que a composição dessa variável em P4 influencia o resultado, tendo em vista que os informantes representam duas gerações bem distintas: adolescentes *versus* adultos mais velhos.

Com relação aos resultados de P5, o favorecimento de /S/ pós-vocálico confirma a generalização encontrada referente à coda /S/ nos dados do VARSUL, em P3, P6 e P8. Ressalta-se, no entanto, que nos dados das três pesquisas anteriores esse resultado foi comum apenas à vogal /e/, e em P5 reflete o comportamento das vogais médias em conjunto.

Os resultados de P7 para a vogal /e/ final confirmam a generalização em P1 e P2 referente ao favorecimento de velares e palatais em contexto precedente, tendo em vista que na pesquisa de Machry da Silva (2009) foram consoantes dorsais e os segmentos [s, z, ʃ, ʒ] os que mais favoreceram a aplicação da regra.

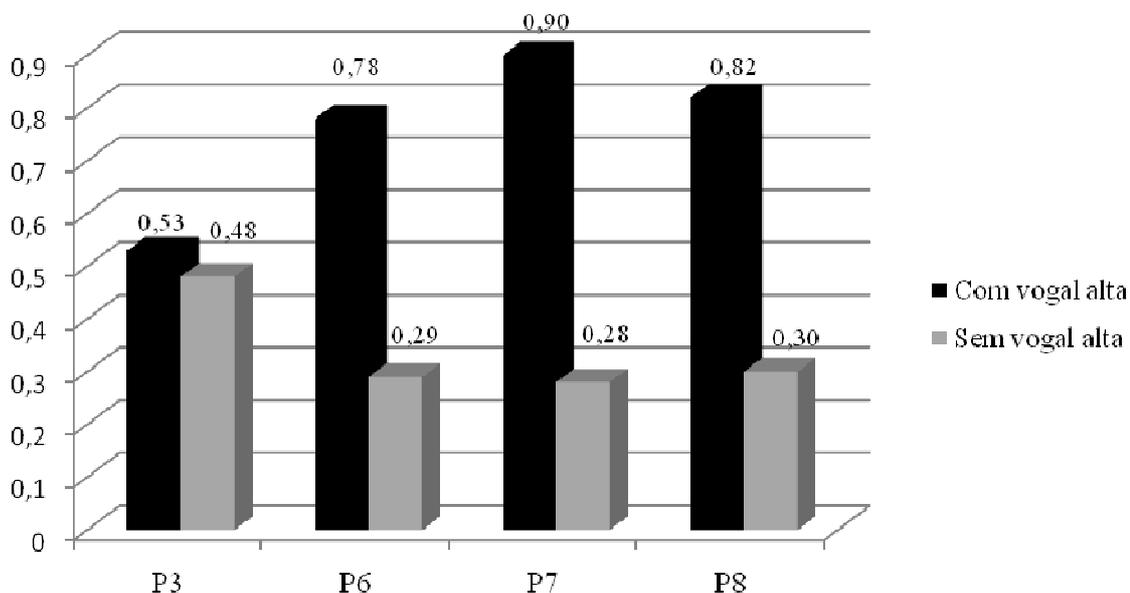
P7 confirma também a generalização referente ao papel de coda /S/ para a elevação da vogal anterior atingida em P3, P6 e P8, como se pode ver no Gráfico 17.

Gráfico 17 - Tipo de Sílabas em P3, P6, P7 e P8: /e/ final



Os resultados para /o/ final de P7 corroboram ainda a generalização referente ao papel da presença de vogal alta para a elevação de /o/, encontrada nas três pesquisas com dados do VARSUL, como se pode ver no Gráfico 18.

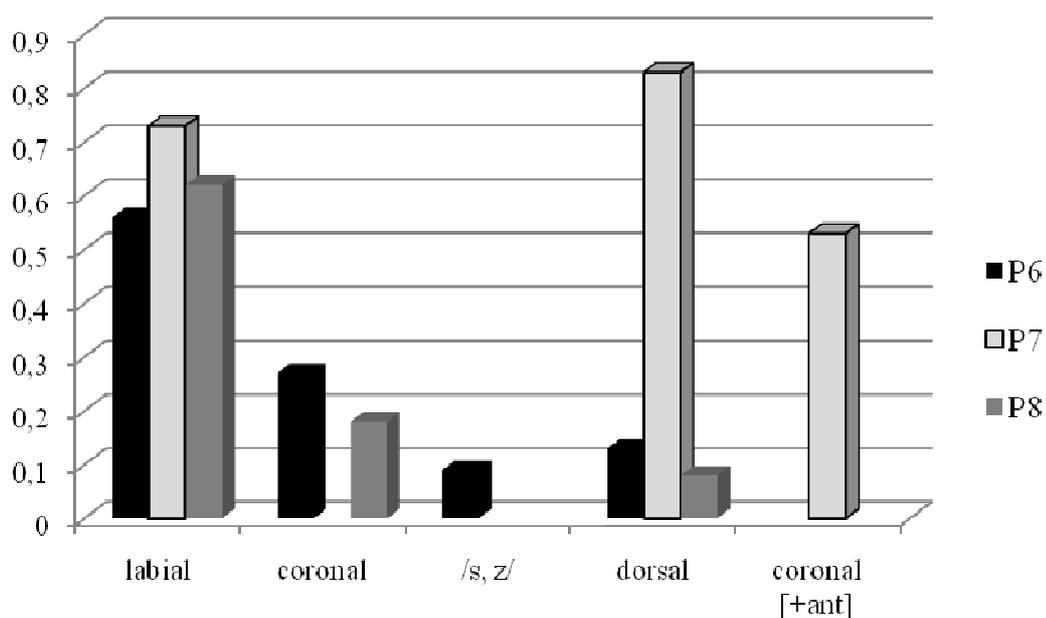
Gráfico 18 – Resultados para Contexto Vocálico em P3, P6, P7 e P8: /o/ final



Nota-se que P7 e P8 apresentam resultado de peso relativo bastante semelhante, e ocorre em P7 maior polarização em comparação às demais pesquisas.

No que se refere aos resultados de P7 para a posição não final, o papel favorecedor das labiais em contexto precedente a /o/ confirma o resultado comum entre P6 e P8. Como se pode ver no Gráfico 19, P7 é a pesquisa em que labiais em contexto precedente a /o/ apresentam maior peso relativo.

Gráfico 19 - Contexto Precedente em P6, P7 e P8: /o/ não final



Com a revisão dos 8 estudos referentes à elevação das vogais médias postônicas no Sul do Brasil, chegamos às seguintes generalizações:

- a) favorecem a elevação de /e/ átono final:
 - consoantes velares e palatais em contexto precedente (P1 e P2; P7);
 - coda /S/ (P3, P6, P8; P7);

- b) favorecem a elevação de /o/ átono final:
 - presença de vogal alta, esteja ou não na sílaba tônica (P3, P6, P8; P7);

- c) favorecem a elevação da vogal /e/ não final:
 - fricativas coronais em contexto precedente (P6 e P8);

- d) favorecem o alçamento de /o/ não final:
 - consoantes labiais em contexto precedente (P6 e P8; P7);

- e) inibem a elevação de /e/ átono final:
 - coronais oclusivas em contexto precedente (P3, P6 e P8);

f) responsabiliza-se a Variável Geográfica, no Rio Grande do Sul, pela existência de dois sistemas vocálicos em pauta postônica: o de três vogais - /i, a, u/ -, e o que preserva as médias, com cinco vogais - /i, e, a, o, u/.

6.1 RESULTADOS GENERALIZÁVEIS QUE A PRESENTE PESQUISA CONFIRMA

Considerando-se os resultados generalizáveis referentes aos condicionamentos da regra variável de elevação das vogais médias postônica no Sul do Brasil, a presente pesquisa, realizada com dados de fala de descendentes de poloneses de Vista Alegre do Prata-RS, confirma duas generalizações:

- a) no que se refere à vogal /e/, como mostram os resultados para a variável Contexto Precedente (seção 4.2.2.1.2), consoantes dorsais ([k, g, ŋ, ʎ]) precedendo /e/ átono final favoreceram seu alçamento, o que confirma a generalização encontrada nos

resultados de P1, P2 e P7, de que *favorecem a elevação de /e/ átono final consoantes velares e palatais em contexto precedente;*

- b) no que se refere à vogal /o/, como mostram os resultados para a variável Contexto Vocálico da Sílabas Tônicas (seção 4.1.2.1.3), palavras com vogal alta na sílaba tônica foram favorecedoras à elevação de /o/ na amostra de Vista Alegre do Prata, confirmando a generalização realizada a partir dos resultados de P3, P6, P8 e P7: *favorece a elevação de /o/ átono final presença de vogal alta.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve por objetivo descrever e analisar a regra de elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata - RS, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação.

Como se supunha inicialmente, a taxa de aplicação da regra é modesta na comunidade, pois apresentou frequência de 5,6% para a vogal /o/ e 2,5% para a vogal /e/. Os baixos percentuais de aplicação para ambas as vogais diferem consideravelmente de análises realizadas a partir de dados de comunidades bilíngues português-italiano. A hipótese de que /o/ tende mais à elevação do que /e/ foi confirmada, no entanto.

No que se refere ao papel dos fatores, a análise estatística apontou que a elevação de /o/ é favorecida nos seguintes contextos: em sílaba fechada por coda /S/; precedida por uma coronal [-ant]; quando há uma vogal alta na sílaba tônica ou uma dorsal em contexto seguinte. Esses três resultados corroboram análises precedentes. A variável Localização da Vogal Átona na Palavra também foi indicada como relevante para a aplicação da regra, e mostrou que /o/ apresenta leve tendência à elevação quando em final de sufixo; a análise das ocorrências, no entanto, apontou que esse resultado é fortemente influenciado pelo favorecimento à elevação do sufixo -inho.

A elevação da vogal /e/ átona final foi favorecida na classe dos numerais, com contexto precedente dorsal e segmentos [s, z], quando a vogal se encontra no tema da palavra e em vocábulos sem vogal alta na sílaba tônica. Apenas o último condicionamento não confirma análises precedentes.

O papel das variáveis extralinguísticas foi apontado na elevação de ambas as vogais: o alçamento de /o/ foi favorecido por informantes mais velhos (58 anos ou mais) e por falantes cuja ocupação profissional apresenta demanda de fala relativamente mais alta; o alçamento de /e/ foi favorecido por informantes com Ensino Superior e por falantes do sexo masculino. Pode-se apontar uma assimetria na elevação de /e/ e /o/ átonos finais no que se refere ao papel da variável Escolaridade: /e/ tende a ser elevado com mais frequência entre informantes mais escolarizados; /o/, entre os menos escolarizados.

Considerando-se que a escassa aplicação da regra de elevação das vogais médias átonas finais na amostra poderia estar relacionada a características do sistema vocálico do polonês, realizamos apontamentos referentes a esse sistema vocálico e a aspectos do dialeto italiano falado na comunidade.

Apresentamos também uma seção, a partir dos estudos realizados no Rio Grande do Sul sobre elevação das vogais médias postônicas, com o objetivo de apontar resultados generalizáveis. A análise comparativa dos trabalhos evidenciou que há resultados generalizáveis com relação aos condicionamentos da regra: em posição átona final, a elevação de /e/ é favorecida por consoantes velares e palatais em contexto precedente e por coda /S/; a presença de vogal alta favorece o alçamento de /o/ nessa pauta. Na posição postônica não final, as generalizações referem-se ao papel do contexto precedente: favorecem o alçamento de /e/ fricativas coronais, e consoantes labiais, o alçamento de /o/. Outro resultado generalizável refere-se ao papel inibidor da elevação de /e/ átono final desempenhado por coronais oclusivas em contexto precedente. Além disso, no que se refere às variáveis extralinguísticas, a localização geográfica, que reflete etnia, é responsável por existirem dois sistemas vocálicos em pauta postônica no Rio Grande do Sul: o de três vogais – /i, a, u/ – e o que preserva as médias, com cinco vogais – /i, e, a, o, u/.

A presente pesquisa confirma a generalização referente ao papel favorecedor de velares e palatais (dorsais) em contexto precedente a /e/, e ao papel de uma vogal alta na palavra para a elevação de /o/, embora o resultado para este fator tenha sido relativamente mais modesto na amostra se comparado a outros estudos.

Finalizamos esta pesquisa esperando ter contribuído para a descrição do português falado no Sul do Brasil, especialmente no que se refere ao sistema vocálico em pauta átona final.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Guy; TILLERY, Jan. Some sources of divergent data in Sociolinguistics. In: FUGHT, Carmen (ed.). *Sociolinguistic Variation: Critical Reflections*. New York: Oxford University, 2004. p. 11–30.

BATTISTI, Elisa. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. 126f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. et al. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v.5, n.9, ago. 2007. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_palatalizacao_das_oclusivas_alveolares.pdf>. Acesso em: 10 maio 2012.

BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. 332f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas. n. 23. p. 83-101, jul-dez. 1992.

_____. ; MAGALHÃES, José Sueli de. A redução vocálica no português brasileiro: avaliação via restrições. *Revista da ABRALIN*, v. 3, n. 1 e 2. p.195-216, jul-dez. 2004.

BLAKE, Renée; JOSEY, Meredith. The /ay/ diphthong in Martha's Vineyard community: what can we say 40 years after Labov? *Language in Society*, n. 32, v.4, p. 451- 485, 2003.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. Sobre o efeito dos fatores estruturais na generalização de resultados: a elevação da vogal postônica em dados do Varsul. *Fórum Linguístico*. Florianópolis. n. 5, v. 1, p. 47-61, jan-jun, 2008.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. *História da linguística*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006 [1975].

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 [1970].

CARNIATO, Miriam Cristina. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. 2000. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Mestrado em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The sound pattern of english*. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, George N. *On the representation of Vowel Height*. ms. Cornell University.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro:

Acadêmica, 1970.

DLUGOSZ, Cezary. *Dicionário de polaco-português, português-polaco*. Porto: Porto Editora, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

GALEAZZI, Zaira. *Vista Alegre do Prata, sua gente e sua história*. Casca: Prefeitura Municipal de Vista Alegre do Prata SMEC; Hoje Edições, 2004.

GUSSMANN, Edmund. *Studies in Abstract Phonology*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1980.

_____. *The phonology of Polish*. New York: Oxford University Press, 2007.

HIGGINS, Ewa Czaykowska. *Investigations into Polish morphology and phonology*. 1988. 291 f. Tese (Departamento de Linguística e Filosofia) – Massachusetts Institute of Technology.

IBGE. Cidades. *Vista Alegre do Prata*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 12 maio 2012.

ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

JARDIM, Renata. *Voz, trabalho docente e qualidade de vida*. 2006. 111 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

JOHNSON, Daniel Ezra. Getting off the GoldVarb Standard: Introducing Rbrul for Mixed-Effects Variable Rule Analysis. *Language and Linguistics Compass*, v. 3, n. 1. p. 359–383, jan. 2009.

_____. *Rbrul Manual*. Disponível em: <http://www.danielezrajohnson.com/Rbrul_manual.html>. Acesso em: 08 jun. 2012.

KARWOSKI, Acir Mário. Usos da língua entre descendentes de imigrantes poloneses no Sul do Estado do Paraná. *Anais do 5º Encontro Celsul*, Curitiba: 2003, p. 149-153.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. OxfordUK/Cambridge-USA, Blackwell Publishers. 1994. v. 1.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEE, Seung-Hwa. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. 1995. 201 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística do Departamento de Estudos da

Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

LOPEZ, Barbara Strodt. *The sound pattern of brazilian portuguese (cariocan dialect)*. 1979. 265 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade da Califórnia, Los Angeles.

MACHRY DA SILVA, Susiele. *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MALLMANN, Dalcio Otelon. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)*. 2001. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

McCARTHY, John. *Introductory OT*, on cd room. MS. 1999.

MILROY, Lesley. Social networks. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. (Eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002, p. 549-572.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9-14.

_____. Relevância das variáveis não linguísticas. In: _____; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010[a]. p. 27-31.

MORAES, João; CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. In: KATO, Mary A. *Gramática do português falado*. v. 5. Campinas: UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996, p. 33-53.

MORENO, Cláudio. *Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical*. 1997. 204 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NARO, Anthony J. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

ODDEN, David. Tone: african languages. In: GOLDSMITH, John. *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, LTD, 1995.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 33-42.

PAROLA CHIAVE: dizionario di italiano per brasiliani [Giunti Editore]. Tradução de Carlos Alberto Dastoli et al. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ROVEDA, Suzana Damiani. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues:*

português e italiano. 1998. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RUBACH, Jerzy. *Cyclic and lexical phonology: the structure of Polish*. Foris: Dordrecht, 1984.

SANKOFF, David; LABERGE, Suzanne. The linguistic market and the statistical explanation of variability. In: SANKOFF, David (Ed.). *Linguistic variation: models and methods*. New York, San Francisco, London: Academic Press, 1978, p. 239-250.

SAUSSURE, Ferdinand de; BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert; RIEDLINGER, Albert. *Curso de lingüística geral*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SCHMITT, Cristina Job. *Redução vocálica postônica e estrutura prosódica*. 1987. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHWINDT, Luis Carlos da Silva. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. 1995. 78f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 117-133.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1992.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing Sociolinguistic Variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

TRUBETZKOY, Nikolai Sergueevitch. *Grundzüge der phonologie*. [Reprod.] Prague: Jednota ceskoslovenskych matematiku a fysiku, 1939. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k924519/f4.image>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *Neutralização das vogais médias postônicas*. 1994. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. *Aspectos do sistema vocálico do português*. 1997. 181f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. IN: BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p 127- 159.

_____. As vogais médias átonas no sul do Brasil. In: MARÇALO Maria João et al. (Ed.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2010.

Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg5/01.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

VOTRE, Sebastião José. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 51-57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WETZELS, Leo. Mid vowel neutralization in brazilian portuguese. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas. n. 23. p. 19-55, jul-dez. 1992.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1961.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Ficha social

FICHA SOCIAL	
Nome:	
Endereço:	
Idade:	Sexo:
Local de nascimento:	
Outras localidades onde residiu e por quanto tempo:	
Grau de instrução:	
Profissão:	
Segunda língua:	
Fala/entende a língua dos pais? Qual (is) é (são)?	
Nome e local de nascimento do pai:	
Nome e local de nascimento da mãe:	
Estado civil:	
Número de filhos:	
Idade:	Sexo:
Grau de instrução dos filhos:	
Jornais e/ou revistas que lê:	
Atividades sociais/ lazer:	
Assuntos de maior interesse:	

Entrevistador: _____

Data da entrevista: ___/___/___

Duração da entrevista: _____

Observações gerais: _____

APÊNDICE B – Roteiro para realização da entrevista

Roteiro para entrevista

- 1- Você poderia falar um pouco sobre o que faz? Gosta do que faz? Como é o seu trabalho?
- 2- Você poderia falar um pouco sobre o que faz nas horas de lazer?
- 3- É casado(a)? Como é a vida em família?
- 4- Como são as festas típicas da região? Gosta de participar?
- 5- Já sofreu algum tipo de acidente? Alguém da família já sofreu? Como foi?
- 6- Qual é a comida de que mais gosta? Sabe preparar esse prato? Sabe cozinhar?
- 7- O que costuma fazer aos domingos?
- 8- Como foi a sua infância/adolescência? Como eram as brincadeiras de sua infância?
- 9- Que contatos tem com pessoas de outras comunidades?
- 10- Existe algo que gostaria de ter feito e não conseguiu?